APÊNDICE C - Transcrição livre integral da entrevista com Entrevistado 1, industrial de Diadema do setor de mecânica, eletrônica e sistemas. Em 11 de maio de 2018.

[0:00:09] **Pesquisador:** Aí no final se for do seu interesse eu posso enviar a gravação, posso passar transcrição também...

[0:00:16] **Entrevistado 1:** Isso é um trabalho de graduação teu?

[0:00:20] **Pesquisador:** De mestrado.

[0:00:21] **Entrevistado 1:** De mestrado... e qual é o objetivo?

[0:00:24] **Pesquisador:** É exatamente esse: avaliar como que a universidade presente aqui em Diadema pode colaborar para o desenvolvimento em vários sentidos, econômico, tecnológico, social... Eu quero descobrir o que o campus, o que a universidade tem feito, ou procurado fazer nesse sentido.

[0:00:47] **Entrevistado 1**: Hoje é dia?

[0:00:48] **Pesquisador:** Onze.

[0:00:57] **Pesquisador:** Então você me dizia que tem conversado com o [nome omitido] e nós precisamos acertar alguns conceitos...

[0:01:06] **Entrevistado 1:** É, eu tenho conversado muito, mas não particularmente sobre esse tema. Mas ele sabe que eu bato muito nessa tecla de que nós temos um problema muito sério, hoje, que é a ignorância no sentido das palavras. Isso pode ser... pode parecer estupidez, mas não é.

Eu tenho colocado para as pessoas, por exemplo, que durante muito tempo, por conta de uma visão absolutamente limitada das coisas, nós criamos um destino inadequado para a população brasileira (e isso já... eu estou falando, aconteceu 47 anos atrás) nós acabamos com isso colocando um monte de maçã podre no cesto. E as maçãs boas, infelizmente, elas não corrompem as maçãs estragadas, você pulveriza a desgraça para todo lado.

Nós confundimos, lá no passado, o conceito de indústria com fábrica. E quando você fala de confundir indústria com fábrica, você cria um problema que é o seguinte: digamos que eu queira produzir isto aqui [apontando para uma caneta], mas eu não sei o que é isso aqui, um produto qualquer. Eu imagino sabe o que? Uma coisa que eu pudesse... que fosse elegante, que fosse confortável de escrever, que a pessoa, como no passado que tinha aquelas penas antigas que você mergulhava... invés de você mergulhar no vaso de tinta você podia chupar a tinta para dentro e ela ficar guardada lá dentro e aí você como uma penazinha você podia escrever. E aí brotou isso!

Enquanto eu estou de olhos fechados, pensando no produto, eu sou como o filósofo com a lanterna na mão, procurando um homem bom. Ou seja, eu estou procurando luz no escuro. A pesquisa, ela nada mais é do que você procurar a luz onde não existe. E a luz brota dentro de você mesmo. No momento em que você racionalizou a sua ideia, que você colocou no papel, que você definiu todos os detalhes da sua criação, que você sabe que você vai pintar esse corpo de Cinza, que você vai ter essa pecinha prateada na ponta, e assim por diante, esse produto que

brota: ele é futuro ou ele é passado? Aí é que vem o erro: ele é passado! Ele já foi pensado. E as crianças continuam nascendo as pessoas continuam se desentendendo... isso é futuro! Isso aqui [caneta] acabou.

Agora o que acontece: eu transformo isso em riqueza entregando cópia disso aqui para as pessoas, que não participaram da minha criação. Isso significa dizer que uma coisa é pensar, a outra coisa é fazer. Quem faz não precisa pensar, na verdade precisa pensar antes. Pensar antes é projetar o futuro. Fazer é viver do passado.

Em 1971, o Brasil foi contaminado pela ideia de que o Brasil não precisava de pensadores, bastavam operários. O que nós fizemos com academia? Nós destroçamos a academia. Nós levamos a academia para meados do século XIX. Porque no século XIX (lembrando que a gente acabou tendo conflitos a esmo, até mil oitocentos e noventa e pouco; em 1848 surgiu o Manifesto do Partido Comunista...) naquela época, a visão da humanidade era fazer, porque tudo era braço. Tudo era braço. Se você tivesse que plantar, você teria braço; se eu tivesse que colher, teria braço; se você tivesse que fazer aço, teria braço; se precisasse se aquecer, precisava braço, porque precisava enfiar na mina e tirar carvão. Era tudo na raça! Como naquela época não existia meios de comunicação outros, nós tínhamos mentes brilhantes, acima da média. E essas mentes, elas desenvolviam coisas maravilhosas. E aí você descobre o poder da mente.

Quando você faz isso dizendo.... Quando nós, em 1971, começamos essa figura do "não preciso de pensadores", quais foram as primeiras vítimas? Os cursos profissionalizantes. Então eu não precisava de um técnico com visão acadêmica, eu precisava de um técnico apertador de botão. Só que as empresas, como não tinham mais o apertador de botão, elas precisavam contratar isso em algum outro lugar. Então as universidades começaram a desenvolver cursos focados no CBO, que é Código Brasileiro de Ocupação. O que que é? Braço!

Então nós tiramos o nível intelectual da universidade, transformamos os alunos das Universidades em executores, criamos uma casta na universidade que eram os professores, um bando de gente com muito pouco respeito que eram os pesquisadores, aquele que tinha de se doar para a sociedade como se ele não tivesse vida pessoal. E moral da história: nós queríamos que as empresas contratassem os alunos oriundos da universidade, não mais os técnicos. Só que acontece o seguinte: eu costumo dizer... bom, aí eu acho que eu vou misturar um pouco, então, eu digo daqui a pouco.

Quando você fez isso, quais foram as outras vítimas? Porque a reforma que nós fizemos em 71, ela nasceu de uma promessa do governo militar, que é a da não formação mais de lideranças políticas no meio Acadêmico.

Em 1968, teve aquele movimento besta, lá dos estudantes da França (tudo de bom, tudo de bonito nasce na França e porcaria nasce também lá) e aquilo se espalhou pelo Brasil. Eu conheci até um senhor (hoje ele é senhor, nem sei, nunca mais eu tive contato com ele), eu conheci no Rio de Janeiro, um senhor chamado Gerardo, com R mesmo, ele era o Presidente do Centro acadêmico da Universidade Federal de Fortaleza. Ele introduziu o movimento de 68 no Brasil parando a Universidade Federal de Fortaleza, por três dias, na base de piada de sacanagem e cachaça. O movimento se espalhou pelo Brasil. Teve professores meus que foram agredidos. Puta de uma "quizomba" aconteceu no Brasil! E aconteceu de pessoas, que eu não conhecia, sequestrarem o Embaixador americano no Brasil, em 68. Porque, naquela época, existia aquela

visão romântica de que o socialismo, ou a volta ao período das cavernas, era a mostra da felicidade da humanidade. Então, eles eram os coitadinhos.

E aí o que aconteceu foi que eles, nesse sonho louco, eles acabaram fazendo isso e irritaram brutalmente o poder político, que era dos militares na época. Uma corrente muito forte dentro do Ministério da Educação propôs essa figura da reforma da educação, com uma cereja do bolo, na época, e uma promessa. A promessa foi o quê? Não mais vai ter formação de liderança política na academia. 71! A outra cereja do bolo o que é? Não vai mais ter exame de admissão. Você já ouviu falar disso? Eu fiz.

A constituição previa que você tinha cobertura do Estado até o quarto ano primário. Do primeiro ano ginasial... Hoje nós estamos voltando mais ou menos a isso mas veladamente. No quinto ano primário... Quero dizer, do primeiro ano ginasial até o quarto ano ginasial, já não era mais obrigação do Estado... da União. Os Estados faziam, isso mas as vagas eram absolutamente limitadas. Então você saía do primário e tinha que participar de um exame de admissão, para poder se candidatar. Os mais infelizes iam para escola particular, que eram de pior ensino que tinha, na época.

Olha que coisa interessante: como foi que eles imprimiram as ideias deles? Existia, no governo, um negócio chamado 1º PND - Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento -patrocinado pelo governo Castelo Branco e Costa e Silva. Esse modelo dizia que o Brasil iria se desenvolver por transferência de tecnologia. Você já ouviu essa palavra? É comum ainda né? Vamos comprar um avião! Não, tem que ter transferência de tecnologia. Por que? Porque o brasileiro é um incapaz. Então, nós só sabemos fazer. Então, nós temos que ter transferência de tecnologia.

Você viu como que as frases começam a ter sentido? E como que você, inadvertidamente as utilizando, você provoca males lá na frente. Mas ninguém pensa nisso aqui. Aí, como que como pessoal fez a Maravilha? Começamos a desmontar os cursos técnicos e os cursos de engenharia, porque o Brasil não precisava de pensadores, bastavam operários Como se dará o nosso desenvolvimento: Por transferência de tecnologia. Então, os pensadores vão ficar lá fora e nós vamos simplesmente fazer, esse vai ser o nosso modelo de desenvolvimento. Traz as Indústrias para cá, eles vão oferecer tecnologia e nós vamos desenvolvendo aos poucos. Como nós somos imbecis!

Em 1962... A década de 60 foi foi marcada pela corrida espacial, que já havia começado antes. Até 1958, um grupo de falcões do exército americano pretendia explodir um artefato nuclear na lua, para mostrar para os Russos quem era o mais poderoso. E cientistas demoveram essa ideia dos militares, dizendo que se a gente explodisse uma bomba atômica na lua, a gente ia inviabilizar exploração daquele astro. Porque não ia ter como dispersar a radioatividade. Sem entrar no mérito, aconteceu que os russos colocaram o Yuri Gagarin em órbita e os americanos ficaram chupando o dedo, apesar de eles terem trazido, para os Estados Unidos, a tecnologia alemã. Mas eles conseguiram, pouco depois, colocar o John Glenn em órbita.

E quando aconteceu isso, o John Kennedy fez um discurso que mudou o planeta. Ele disse assim: “Nós queremos ir à Lua; nós decidimos ir à lua, não porque seja fácil mas porque é difícil”. Imagina, em 1962, você falar uma tolice dessa! O que era o Foguete naquela época? Você pegava um corpo como esse aqui [apontando a tampa de uma caneta], uma banana de di-

namite, colocava aqui na pontinha dele uma máquina lavar roupa e fazia o astronauta entrar lá dentro. Você já viu a entrada de um astronauta numa cápsula naquela época? Não era mais ou menos isso? Ai você riscava um fósforo aqui embaixo, faz de conta, explodia a banana de dinamite, o cara ia lá dava duas voltas em torno da Terra, voltava para casa era herói! Lógico que é herói! Só de sentar naquilo o cara já era um herói. Não dava para ir para lua. Com a tecnologia que a gente dispunha, não dava.

Naquela época pós-guerra, a indústria, particularmente americana, ela era onde se concentrava o maior PIB. Indústria com crescimento de tecnologia baixo, os americanos eram os detentores do conhecimento. Todo resto era resto. Meu pai trazia para mim, naquela época, radinho de pilha, Crown, japonês, era uma porcaria! Entendeu? Mas eles faziam aquilo que era o que eles tinham... era a tecnologia que eles poderiam trabalhar. Então, o produto japonês era uma porcaria.

Para poder ir pra lua, eu precisava colocar três astronautas dentro de uma nave. Mas só cabia 1! Então, a nave tinha que ser muito maior. Desenvolveram o foguete Saturno 5, aquele monstro! E como ia fazer com os controles? Porque o problema de colocar pelo menos 3 pessoas é que eram 4 dias para ir, 4 dias para voltar e 1 ou 2 dias de missão. Um cara lá dentro, preso dentro de uma máquina de lavar, ele teria morrido. Não tem condições de sobreviver. Precisava de espaço. Os controles, na época, eram gigantescos. Você já viu, naquela época, a gente tinha rádio a válvula em casa. Era tudo grande!

Tinha um grupo de empresas que estava desenvolvendo uma tecnologia de miniaturização, chamado circuitos integrados. E o governo americano, através da Nasa, fez seminários com essas empresas, e um dia um emissário do governo americano falou: "Quanto custa transformar isso em comercial? Nós compramos tudo!" E foi assim que o homem chegou na lua: com discurso de Kennedy e essa fala o emissário do governo. Quanto que o governo americano gastou nisso? Nada! Nada!

Simplesmente a tecnologia de miniaturização foi para além mar. E quando foi para além -mar, o que aconteceu? Indústrias apareceram em todos os confins do planeta! Naquela época, nós tínhamos 3 bilhões de habitantes, pensando 24 horas por dia. Então eles não eram bestas. Bastava a oportunidade e a tecnologia veio.

Então, eu costumo dizer que a indústria brasileira começou a morrer quando o homem pisou na Lua, em 69. Como começou a morrer se estava crescendo? É! Como aquele animal que você atira no coração, ele sai correndo... ele já morreu mas não sabe ainda, entendeu? Na caça tem muito disso. E aí, o que aconteceu com isso foi que, como nós desenvolvemos a figura de que não precisava de pensadores, nós matamos a formação profissional técnica e de Engenharia e com isso nós operarializamos todo mundo, transformamos todo mundo em funcionários do quê? Das fábricas.

Porque indústria é quem pensa na caneta, ela olha para o cliente, ela imagina o cara segurando a caneta, como que a caneta tem que ser confortável. Esse é o papel dela E ela tem dentro dela, dentro do seio da indústria, tem um departamento chamado "fábrica". Que o cara olha: "eu preciso fazer essa tampa. Para que ela serve? Eu não quero nem saber! Eu tenho que fazer ela desse jeitinho aqui". Isso é fábrica! Olha, para onde? Ela olha para o passado. Ela olha para isso! Então nós formamos pessoas de alto nível para colocar no baixo nível. Como a gente

ganhava muito dinheiro ainda, a gente contratava. Então, estava cheio de engenheiro dentro da fábrica.

Mas tinha uma outra promessa. A outra promessa é de não ter formação de líderes políticos. Como se consegue isso? Mágica! Naquela época nós tínhamos, no curso de nível médio, três vertentes: a vertente científica, que era o colegial científico (que era para aquelas pessoas que tinham vocação para matemática, para cálculo, para ciência), tinha o ensino clássico, que era aquele pessoal que tinha vocação mais para área de humanas, que não precisava de um raciocínio lógico exacerbado (como se um advogado não precisasse de matemática, ou um médico, mas a gente achava que não, exemplo clássico). E existia o Normal, em 99% dos matriculados eram meninas.

E aí vem uma coisa interessante: quando você está na idade da adolescência, o homem se transforma num tremendo de um porra louca, afinal ele é poderoso, e a menina se prepara para ser mãe. Então a menina desenvolve um amor imenso pelo filho que ela não tem: o teu. Você já viu as meninas com essa idade, como elas brincam com as crianças? Parece que são filhos dela! Então, essas meninas iam para o normal. Quando chegava no normal, a gente ensinava essa menina como olhar para uma criança, como ouvir uma criança, como se fazer notar por uma criança, como ser ouvida por uma criança, como ensinar uma criança. Entendeu? Práticas pedagógicas básicas.

Essa menina saia do colégio, dois salários mínimos, ela tinha uma sala de 35 alunos, que eram filhos dela. Os olhos brilhavam! Em questão de horas, as meninas da classe a transformavam em líder. Mesma geração, a menina tinha 18 anos, as crianças tinham 7, 8. Mesma geração! Ela era o exemplo que todas as meninas queriam ser: bonita, inteligente, dona da classe! Quando você é garotinho você não vai ser coroinha da igreja? A dona da classe! Sonho de todas elas. E os meninos? Se apaixonavam por ela. Não sabiam nem porquê, mas se apaixonavam por ela. Moral da história: meninos e meninas iam para casa e falavam maravilhas da professora e os pais a carregavam a mulher num andor. Ela era a pessoa mais importante da sociedade! Essa garota chegava com o livro debaixo do braço na sala de aula, todo mundo lia. Não só porque ela mandou, mas porque as meninas a transformaram em líder, então elas liam o que a líder lia. E os garotos liam porque não podiam tê-la.

O que acontecia com isso é que, quando os garotos chegavam na idade adulta, eles já tinham conhecido tantos personagens, tantas tragédias, que a vida não era um estereótipo sucesso/fracasso, essas coisas. Era mais complexo que isso. Então a gente se casava jovem, porque a gente sabia errar sozinho, a gente queria construir o nosso caminho. Isso fruto da Leitura.

Quando, em 71, se proibiu o ensino normal, o que aconteceu? As crianças não tinham mais o apoio de uma normalista. Elas precisam de ensino superior. Então, elas só maduras é que iam entrar em sala de aula. Normalmente, elas já teriam seus próprios filhos. Então elas não tinham mais o encanto de amar os filhos alheios. Então, nós começamos a ter uma disputa de poder dentro da sala de aula. E acabamos com a leitura.

Quando você acaba com a leitura, tem uma outra coisa que você acaba: o pensamento crítico. Porque 99% das pessoas... ou 99% dos pensamentos é feito na língua que se fala. Então, você precisa ler para conhecer palavras, porque as palavras representam ideias. E, quando representando ideias, você aumenta sua capacidade de entender a realidade. Porque com poucas

palavras que você junta você consegue compreender alguma coisa que somou ideias, já pré-estabelecidas. Se você não conhecer o vernáculo, você vai trabalhar com tijolinhos, e não com blocos. E aí, alguém sopra do teu lado e você: “ah, me perdi no raciocínio”. Por que é muito complicado você fazer essa montagem do castelo de cartas que é o que é o pensamento.

[0:25:00] Então, nós destruímos, com base na destruição normal, o ensino... o pensamento crítico, perdão. E, com isso, nós conseguimos não formar mais líderes políticos no Brasil. Isso foi em 71, 47 anos atrás. As vítimas do processo tinham entre 10 e 20 anos. 10 mais 47, 57. 20? 67. Qual a idade os líderes políticos atuais? Não é essa? Me dá o nome de um líder político feito na academia. Não precisa ser dois não. Não tem, cara. Nós não temos. A gente não consegue encontrar pensamento crítico nem em um advogado. É terrível, o negócio é terrível! Então você vê que de uma coisa nós levamos a um monte de outros problemas

E aí nós voltamos para figura dos anos 70. Nós começamos a levar a eletrônica para um monte de lugares. Quando chegou no meio dos anos 80, nós começamos a entupir o mercado de microprocessadores. Nós começamos a trazer para o andar de baixo (eu vou dizer porque andar de baixo) conceitos de informatização. Porque, até aquela época, somente as grandes empresas tinham computadores dentro de casa. Seus CPDs eram limitados por programadores, analistas, operadores e coisa e tal, que era uma elite.

Eu, por exemplo, em 1979 fui convidado a participar do CPD da Philips. Quando eu saí da fábrica para ir para o CPD da Philips eu fui premiado pela fábrica porque eu... Eu tinha o maior orgulho de dizer que eu era o único pião da minha fábrica que participava de coquetel de diretoria. E era verdade, era mesmo! Quando eu saí da fábrica, a convite do escritório central da Philips, para ir para matriz, em São Paulo, a fábrica me deu 20% de aumento. 20% de aumento naquela época, fora de dissidio, era uma fortuna! Quando eu cheguei lá no CPD, eu ganhava a metade do mais baixo salário do CPD. E para eu me enturmar com as pessoas, eu tive que começar a contratar aula de tênis no CPT - Centro Paulista de Tênis - entendeu? Porque as pessoas saem no horário de almoço para fazer arco e flecha. A noite era coquetéis e CPT, todo mundo ia jogar tênis. Era a elite, era a elite mesmo! Quando vieram os microprocessadores, essa elite começou a ser abalada, mas a gente achava que aquilo era bobagem.

Até que em 1980, independente das minhas críticas à arquitetura, a IBM lançou um negocinho, botou com caixote, três letrinhas na frente, chamou aquilo de “IBM PC”. O mundo acabou! O mundo veio abaixo! E aí nós democratizamos o acesso à informação no planeta. Em questão de anos, poucos anos, nós superamos, por dezenas de vezes, a quantidade de horas que já havia sido pensado em desenvolvimento de sistemas. O que aconteceu com a tecnologia? Naquela época, a gente desenhava peças na prancheta, enorme, papel vegetal, caneta nanquim e gilete para corrigir os erros. Antes do final dos anos 80 a gente tinha CAD no computador. Nós tínhamos CAD.

Então, aos poucos, áreas de desenvolvimento começaram a migrar para computação e o número de desenvolvedores no planeta aumentou brutalmente. Então o número de indústrias se multiplicou. Quando o número de indústrias se multiplica e as máquinas aumentam de velocidade, qual passa a ser o valor da atividade fabril? Tomba! Porque você aumenta o número de recurso. Vamos pensar o caso aqui do ABC.

No ABC, tudo que você vê no ABC é decorrente das montadoras. Que até nos anos 70,

início dos anos 70, eram indústrias de automóvel, era chamada de "indústria brasileira de automóvel". Até que por algum motivo, que eu não me lembro o que que é (eu não acompanhei isso à sua época e também nunca me interessei em procurar), elas transformaram-se em montadoras. Dentro da bolsa Volkswagen, por exemplo, aqui na Anchieta, eles tinham 45 mil funcionários dentro da indústria no início dos anos 70. Produziam tudo lá dentro. Tudo! E aí eles começaram a terceirizar. Então eles pegavam empreendedor a laço.

Existe uma história interessante dos Fumagalli, que queriam fabricar roda. Então eles levavam os protótipos de rodas para Volkswagen e nunca era aprovada. Até que um dia a Volkswagen se encheu o saco e entregou as ferramentas para eles. Aí eles começaram a fabricar roda. Isso se disseminou. Então, hoje nós temos um parque de autopeças gigantesco, que multiplicou a ação de capilaridade, trouxe riquezas, monte de gente participando. E um monte de serviços, comércio, decorrente disso, se agregou a estrutura do ABC.

Só que o custo só que o costume do pitu entorta a boca! E se você só olha pro passado, você não tem tempo de mirar o futuro. Nem de compreender o que está acontecendo. Então modelo que nós hoje temos nas nossas empresas é o mesmo modelo dos anos 70. Só que quando você começa a melhorar os equipamentos lá fora por conta da ação da eletrônica, que você multiplica a capacidade de produção de milhares de empresas que não existiam lá fora, o que acontece com o mercado? O mercado é de quem for eficiente.

Os navios, você concorda que aumentaram? Melhoraram? Os aviões são maiores. Então, eu posso trazer uma peça da Coreia para o Brasil rápido. Então, não preciso ter um cara aqui do meu lado, fabricando porcaria, se eu tenho cara bom na Coréia fazendo coisa muito melhor. Se a ferramenta é minha, eu entrego para o cara fazer e ele faz porcaria, então eu posso comprar antes que eu quiser. Eu compro do cara lá. Vai entregar mais barato.

Até aquela época nós tínhamos meia dúzia de montadoras no mundo. Estou exagerando, tinha mais. Sabe quantas montadoras tem Israel, hoje? 450. Não se produz um automóvel lá. O que eles fazem lá? Eles usam o nível intelectual dos Universitários israelenses para desenvolver o carro autônomo. Mas, veja, as montadoras levavam 30 anos para tirar o Fusca da linha! 50 anos para tirar Kombi! Consegue fazer isso hoje? A cada 6 meses tem um carro novo porque eu tenho centenas de empresas produzindo automóvel. Não é mais só Volkswagen, Ford, GM, certo? Então nem com o dinheiro todo da Volkswagen você consegue colocar o carro novo a cada 6 meses. Não consegue.

Você depende de conhecimento e capacidade intelectual. Você não consegue ter toda dentro de casa, você precisa de parceiros. Tem parceiro no Brasil? Não! E aí é que começa um detalhe: se as máquinas estão aumentando a capacidade de produção, se o nível intelectual lá fora está aumentando brutalmente, as peças são melhores, os processos são melhores, e os preços mais baixos, traz de fora! O que aconteceu quando você aumenta a concorrência? O preço que você paga na peça começa a diminuir. Então o faturamento per capita da nossa indústria de autopeças começou a tombar, a arrecadação dos municípios começou a baixar, então eles aumentaram a carga tributária. O governo central, que quer ser protagonista, também queria aumentar a carga tributária. Nós estamos chegando no ponto de insolvência, vai cruzar as duas linhas. Porque lá fora continua baixando o preço.

Então, a atividade fabril, que antigamente abrigava os universitários, porque tinha mar-

gem, consegue contratar agora? Então, os universitários não conseguem emprego na indústria. Primeiro porque não tem indústria, tem fábrica. A fábrica contrata Engenheiro, quem contrata técnico é a fábrica. A fábrica, não... a indústria contrata Engenheiro. Porque a indústria pode errar, até a hora que ela acerta. A fábrica não pode errar nunca. Ela tem que fazer o que já foi pensado. A fábrica contrata técnico, porque que pessoas sem experiência não arrumam emprego no Brasil? Porque só temos fábrica. Fábrica não tem tempo de ensinar ninguém, ela tem que fazer. Então ela quer chamar o profissional pronto.

Fábrica tem valor hoje? Não importa o que você fábrica. Se você fábrica lingerie ou nave espacial... não tem valor! Porque você faz uma coisa que qualquer outro faz lá fora. É commodity. Então, só o teu pensamento tem valor. A Apple paga uma ninharia para os chineses montarem o iPhone e vendem por uma fortuna. Quem ganha dinheiro, a indústria ou a fábrica? A indústria, onde está o conhecimento. Entendeu o tamanho do buraco que nós estamos?

[0:35:58] **Pesquisador:** Entendi

[0:36:00] **Entrevistado 1:** Nós não temos políticos a altura da realidade porque eles não têm formação intelectual. Nós falamos que não precisa de formação intelectual para pensar. Precisa sim, pára com isso! Qual é a coisa mais racista que pode ter no país? Cota! Quando você fala cota você está admitindo que aquele cotizado é incompetente. Eu preciso da lei. Não é mais fácil dizer que "não, ele é um competente, eu vou mostrar como ele é competente"? Não é mais fácil e para com isso? Então nós estamos criando um modelo que está nos levando para trás. Eu digo muitas vezes que o Brasil é um país do futuro. É verdade, ele é um país do futuro, ele veio de lá. Entende? O único futuro que nós conhecemos aqui é o futuro do pretérito. E nós estamos transformando os nossos jovens em incompetentes.

Quando você nasce, você não sabe evacuar, você não sabe se alimentar, você não sabe ficar em pé, você não sabe se trocar, você não sabe quando você tem sede, você só sabe chorar, que é tua forma de negociação. É o teu capital. Meu capital é chorar. Quando eu choro eu compro atenção! Olha que coisa interessante! Então, a primeira relação econômica de uma criança é essa. Ele tem fome, começa a chorar, a mãe vem dá o peito. Qual é a primeira relação de onipotência que existe numa criança? É com a mãe. A mãe pode tudo. Porque a mãe o troca, a mãe sabe quando ele tá com sede, quando ele tá com frio, quando ele tá doente, sabe tudo! Sabe resolver tudo! Dá comida para ele a hora que ele precisa. Ela é Deus.

Qual é, então, o primeiro exemplo de um recém-nascido? É de onipotência. Então, o bebê cresce onipotente, por isso que ele é egoísta, por isso que ele é narcisista, ele aprendeu com a mãe! Se mãe não se posicionar direito perante a criança, ela cresce narcisista, porque ela precisa mostrar que é uma pessoa. À medida que a criança vai aumentando de tamanho para que a criança pense... para que a criança pense, não... com a missão de fazer com que a criança, quando chegar aos 18 anos, seja competente para o convívio social. Porque uma criança vive muito bem sendo incapaz. Você acha que o adulto vive bem sendo incapaz? Se ele vai ter filhos, se ele é um incapaz, o que ele vai fazer com filho dele? Vai ser um incapaz também. Agora nós podemos discutir começar a discutir Universidade pode fazer.

[0:39:00] **Pesquisador:** Ótimo!

[0:39:02] **Entrevistado 1:** Não sei se você discordou do raciocínio que eu montei...

[0:39:04] **Pesquisador:** Não, pelo contrário. Foi muito mais rico do que eu estava esperando. Essa distinção entre indústria e fábrica para mim ficou claro, e eu acho que o centro do meu interesse está exatamente nisso. Aí eu te perguntaria, em primeiro lugar: você falou sobre a reforma que foi feita na educação na década de 70, 71, mais precisamente. Hoje em dia pelo contato que você tem com a universidade, como você enxerga a universidade hoje? Se ela tem capacidade nesse sentido de fazer pesquisa e fornecer pessoal capacitado para indústria para formar uma indústria ou não.

[0:39:59] **Entrevistado 1:** Você colocando na coisa no futuro, evidente que sim. Você colocando a questão no presente, absolutamente não. Porque existe um problema. Você já ouviu falar da tese da proximidade da universidade da indústria? Um monte de gente falando disso: porque nós precisamos que universidade se aproxime da indústria, e coisa e tal. Uma vez eu fui numa universidade aqui pedir para os caras desenvolverem... Você vê que aqui, eu tenho uma indústria, eu desenvolvo aqui. Eu tenho uma indústria de eletrônica, apesar que é um que é bastante eclético nós fazemos mecânica, eletrônica e sistemas.

Uma vez eu fui pedir para Universidade de desenvolver um rádio para mim. Por que? Porque eu tinha intenção de contratar engenheiros da escola. Então, os caras que trabalhassem naquilo para mim: perfeito! Ai, meu filho se aproximou da universidade, ele trabalhou aqui comigo, tá? Hoje ele está em outro ramo. Por acaso o professor que o convidou... por acaso o professor que o atendeu... quero dizer, era antigo professor dele, então foi muito legal o relacionamento. Até que eu fui lá conversar muito contente, "vamos discutir como vai ser o rádio, tá", aí de repente Professor virou: "Sim, esse projeto é muito bom para nós! Nós vamos contratar um consultor, ele vai projetar isso para nós!". "Espera, não foi para isso que eu vim aqui! Se você quer contratar um consultor, contrato eu! Mas não é isso o que eu quero. Eu quero que você me dê alunos melhores!"

Não sei se você observou o alcance disso. "Eu dou uma formação limitada para os engenheiros, porque eles vão ser utilizados em atividades operacionais" Só que atividade operacional não se contrata mais. Não tem espaço para eles lá, porque não tem margem. Por outro lado, eu desenvolvi o narcisismo no corpo docente. Os caras são os reis da cocada! "Eu sou inteligente! Beija minha mão, aqui". É mais ou menos isso que a gente assiste na universidade, em todas elas! Todas elas têm isso, tá?! E tem os pesquisadores abnegados, também, que vivem de bolsa.

Quando você fala de aproximar Universidade com indústria com esse viés, eu falo assim: Não quero que você se aproxime da universidade; aproximar a universidade da fábrica. O que que a fábrica vai fazer com a universidade lá dentro? Pensa! O que a fábrica vai fazer com a universidade dentro dela? Nada! Ela está olhando para isso aqui! Ela está olhando para o produto! Ela não está desenvolvendo um produto novo. Ela nem pode, ela tem que entregar essa peça! Então, a Universidade não vai fazer nada lá dentro da fábrica. O que eu preciso é de indústrias! Então, eu preciso que a universidade me ajude a desenvolver Indústrias!

E nós temos uma oportunidade imensa de desenvolver indústrias. Eu não vou desenvolver a indústria de autopeças, essa oportunidade já passou. E com a mecânica aditiva gerada pelas impressoras 3D, isso vai desaparecer. Porque nós estamos imprimindo, já, peças em aço. Então, eu preciso de outras coisas. Aí, o que acontece? Eu costumo dizer que para perpetuar o

modelo que nós estamos hoje, manda os alunos para casa! Dá o diploma para eles! Entendeu? E contrata só os professores, ele se bastam, eles são narcisistas, né? Olham para o espelho: "quem é mais inteligente do que eu?" Então, você não precisa de aluno, entendeu? Contrata o cara.

Então, olhando para o presente, não serve para nada. Dando um viés futurista, focado na figura dos professores, dos pesquisadores, nós podemos mudar o cenário. Qual que é o cenário que eu almejo, particularmente depois de toda essa fala? Eu almejo ter a ampliação do número de indústrias focadas em novos processos, novas necessidades.

Por exemplo a NASA anunciou no ano passado que ela quer terraformar Marte em 100 anos. É um desafio monumental, mas falta tudo! Então, é um grande negócio! O que nós vamos participar lá? Nada. Nós podemos levar vírus da chicungunha, entendeu? Sarampo. Mas vamos pensar que a gente possa desenvolver Indústrias. Se eu desenvolvo a indústria, a indústria contrata técnico? [Não] Ela coloca técnico nas fábricas que ela utiliza para fabricar os protótipos. Quem contrata o técnico, por consequência, é a fábrica, esteja ou não dentro da Indústria. A indústria contrata Engenheiros. A indústria contrata pessoal com competência intelectual.

Porque, se não, como é que você vai fazer esse telefone? Montar o telefone é fácil: você pega o chip põe dentro da placa que já está pojetada e acabou. Faz a placa! Então, na hora que eu começo a melhorar o nível intelectual do meu pessoal de engenharia, tirar fora a figura de CBO - Código Brasileiro de Ocupação - e formar nas cadeiras principais (eletrônica, eletrotécnica, química e civil)... Por exemplo, para que que eu preciso de um engenheiro de alimentos? Não preciso. Eu quero um químico, que vai fazer pós em alimentos. Entendeu a diferença? E como que ele faria pós? A gente poderia fazer uma pós assim: pega o Senac, que tem vocação para alimentos, junta com a universidade de química, faculdade de química, e monta um curso de especialização em alimentos. Quando o cara for contratado numa Nestlé, o que seja, até no restaurante da esquina que ele for montar, ele faz pós lá. Se ele é o dono do negócio, ele paga, se o outro é o empregador do negócio, ele paga também.

O que acontece com o custo da Universidade? Tomba! O que acontece com o nível intelectual dos alunos? Dispara! Porque ele não pensa mais o operacional, ele pensa generalista. Ele vai ser especializado quando ele começar a mão na graxa. E mão na graxa é uma coisa muito diferente do que pensar. Mao na graxa você vê a graxa. Ela gruda na tua mão e é difícil de tirar. A vida prática, ela tem esses malandros. Então, se nós contribuímos fazendo um movimento com organizações empresariais como Ciesp, Fiesp, Abimaq, coisa e tal, nós poderíamos descobrir, entre os empresários, donos de fábricas, alguns que tem uma vocação do cão para ser industriais. Empreendedores. Aí, o cara vai pensar: "puta, isso é um bom negócio! Vou montar uma micro empresa para fazer isso." Muda o mundo. Por que isso? Porque o pensamento nasce na universidade, mas a coragem nasce no nível médio. Olha que interessante!

Então, lá atrás eu crio pessoas. No nível médio, eu formo homens! No nível superior, eu os diplomo pensadores. Enquanto nós não colocarmos as coisas nesses estágios, nós estamos perdidos. Porque nós não vamos chegar a lugar nenhum. Se alguém tem dúvida, é só pegar os números. Ver os números da educação e ver os números da indústria brasileira. "Não, nosso negócio... 70% da economia brasileira é serviço!". É verdade, 70% atividade econômica é serviço, não da remuneração pelo trabalho. Então, se 70% da economia do Brasil é serviço, cadê o PIB? Não tem PIB, né? Por que? Porque não tem atividade industrial. E por que a atividade industrial

gera PIB? Por que você faz esse aparelhinho aqui e vende no Japão. Vende na Rússia, você vende no Afeganistão! O custo de sustentar um brasileiro, vendendo por todas as paragens, é ínfimo para todos aqueles povos, e você traz dinheiro novo para Cidade.

Vamos pensar que nós vamos desenvolver essa região aqui pelo comércio. Tem vocação para comércio? Alguém pega avião aqui para vir para Diadema para comprar alguma coisa? Então nós não temos vocação para o comércio. Nós temos vocação para serviço? Temos. Temos segurança que a gente contrata, tem um restaurante que faz almoço para gente. Exporta! Ah não dá para exportar. Então não é serviço. Ah, então vamos fazer turismo. Tem turismo Diadema? Nós temos capital intelectual para vender projeto para o exterior? Não. Então, qual é a única coisa que nós temos aqui? É produzir. Para produzir, nós precisamos de intelecto para produzir as peças, conjuntos, equipamentos, o software. E como que a gente faz isso?

Então, o que eu fiz? Eu desenvolvi um projeto, apresentei esse projeto para prefeitura e a prefeitura comprou esse projeto (o projeto nasceu de mim mesmo, mas eu era diretor de titular do Ciesp, então eu digo que nasceu no Ciesp) visando convidar a Unifesp para a Unifesp montar uma escola técnica de nível médio. Quer se inserir na sociedade? Diadema, segundo o prefeito Lauro Michels, é o município que mais fornece hóspede para a Fundação Casa! Então, eu propus o seguinte. Dois programas.

Primeiro: eu quero que a Unifesp, que é a escola da nossa cidade (é a mais importante daqui) me monte uma escola técnica. Fui até com o [nome omitido], e com outros professores, nós fomos lá na Mazzaferro, ver o prédio da Mazzaferro, que a Mazzaferro queria se livrar dele. Na frente da Imigrantes, aquele prédio. Podia ser a escola técnica dos sonhos da cidade. “Mas custa uma fortuna fazer uma escola técnica! ”. Não senhor, não custa! Custa barato. Foca em generalidades. Ela ensina física, química, biologia, matemática e língua pátria para todo mundo. Óbvio que tem outras cadeiras são necessárias, então a pessoa vai aprender a pensar. “Mas esse cara não é contratado por uma fábrica!” Não, mas a gente faz o seguinte: a gente vai anunciar que fazemos campanha com as fábricas contrata aquele cara e a tecnologia que você usa, você manda no Senai, nós vamos treinar o cara.

Aí eu fui lá no SENAI e convidei o Senai para participar. O SENAI está com uma crise existencial brutal. É verdade! Eles estão procurando um caminho. Então eu dei um caminho para eles. Eles toparam! Acharam isso maravilhoso. Então, a Unifesp geraria os técnicos, entregaria para a indústria, a indústria para fabrica, a fábrica entrega no SENAI do Senai em cooperação com a Unifesp, ou com outras, treina naquela tecnologia.

Quer um exemplo? Faz de conta que eu fabrico panela. Panela é um corpo cilíndrico, Na verdade é um... agente chama aquele formato de um repuxo. Você pega uma chapa desse jeito, bate com pulsão aqui no meio, ela desce naquele formato. É uma arte, cara! Eu sou formado em mecânica, então eu posso dizer isso: é uma arte aquilo. Se eu formo o cara em mecânica, o que que ele vai entender de repuxo? Nada! Mas de estamparia ele vai entender tudo. E ele vai saber que no repuxo ele pega um blank (chama de blank) e vai ver que a ferramenta... o material vai escoar dentro daquilo. Quanto ele vai escoar, como tem que ser a superfície para escoar? Ele não sabe, mas ele sabe que escoa. Quando ele fizer um curso de especialização de repuxo ele vai saber porque escoa, quanto escoa, e assim por diante. Interessa num curso técnico o cara saber disso? [Não]. Lá na fábrica interessa.

E ai, o que acontece com isso? Quando eu coloco esse garoto... Eu tenho essa fábrica de panela, eu contrato um técnico lá da escola técnica da Unifesp. Quando ele chega na minha empresa eu mando para o SINAI para fazer um curso de repuxo. Esse curso vai durar 1 mês, 2 meses, 3 meses. Eu pago, pago o curso. Barato! Quando o cara chegar na minha empresa, três meses depois, ele sabe tudo de repuxo. Como que a gente trata um garoto quando a gente contrata na nossa empresa hoje? "Ah, ele fica batendo cabeça dentro da empresa por um ano. Só depois de um ano ele começa saber a fazer as coisas." Então vamos parar de Dinheiro gasta por um ano, bota o cara num curso de especialização, ele vem pronto para mim. Não fazer um cara especialista em panela e eu não tenho nenhuma empresa de panela aqui. Ele tem que mudar de cidade para fazer emprego.

É o que nós estamos fazendo com a escola de cosméticos. Uma escola para 600 alunos têm 30. Por que? Quando fizeram essa escola, eu fui a única voz que era contra. Porque eu falava: se você somar todas as empresas de cosméticos que tem aqui dentro, não contrata 30. E está ai. Não contrata. Então para com isso, né?

Então, eu convidei primeiro a Unifesp para fazer essa escola técnica em 4 anos: mecânica, eletrônica, eletrotécnica, química e civil. Você tem problema de energia elétrica por ai? Sabe por que? Porque não tem profissional. Os que tinham já se aposentaram ou morreram. Não faz mais. A Paula Souza, que se vangloria tanto de fazer formação técnica, o diretor da Escola Técnica aqui em Diadema disse: "A Paula Souza não faz mais técnico para a indústria.". "Então você serve pra quê?". Isso numa reunião com a prefeitura, eles falaram isso em público! Entendeu? E eu, numa reunião com a prefeitura, pedi para fechar a escola. Por que? Pára de enganar os alunos. Por que? Porque ele só vai perceber que ele foi enganado lá na frente quando ele chegar na empresa e descobrir, intimamente, que ele é um incompetente.

Mas ele não pode ser um incompetente, disseram que ele é o rei da cocada! Então ele tem que mudar de emprego. E, para não dizer que ele é incompetente, ele fala assim: "eu preciso para um outro lugar porque aqui não é minha casa!" Como que o pessoal, para defender o modelo, faz? Como chama isso? Geração Y. Geração Y? Você destruiu a vida do cara! O cara tem vergonha de dizer isso para si mesmo! E você... e o cara procura alguma coisa onde ele se dê bem porque você prometeu sucesso para ele a vida toda. Agora ele não pode ter sucesso. Você quer que ele faça o que? Ele vai procurar onde ele vai ter sucesso! Onde ele vai chegar e só vai ter gente mais incompetente que ele. Aí ele vai ser o rei da cocada, aí ele vai ser feliz. Está cada dia mais difícil fazer isso. Então, está aumentando o número de suicídios.

[0:58:29] **Pesquisador:** Aproveitando, antes que eu esqueça, você falou da escola técnica, ela seria para formar profissionais para fábrica ou para indústria, dentro do seu raciocínio?

[0:58:43] **Entrevistado 1:** Os técnicos, eles são utilizados na fábrica, mas dentro dos técnicos você encontra as joias raras. Esse era o primeiro projeto, tinha um outro projeto.

Todos os negócios carecem de mão de obra hoje, intelectualmante formada. Se a escola melhorar o nível, ou não melhorar o nível... escola tradicional (agora estou falando da tradicional, não técnica). Eu posso pedir, como Ciesp, os nomes dos melhores alunos das turmas para os diretores. Digamos que eles nos deem. Quando acontece isso, eu posso fazer uma avaliação de perfil psicológico deles, dinâmica de grupo, essas coisas toda, posso indicar carreiras para eles. Se você olhar as instituições, até para sobreviver, as instituições (a Unifesp não foge disso)

oferecem cursos de curta duração em um monte de carreiras. Um monte, tem de tudo! Tem para economista, tem para fabricante de não sei o quê, para desenvolvedor de não sei o quê lá, tem curso de escrituração fiscal, para rotinas de RH, curso para tudo! Para vendedor, para líder, para planejamento de produção. Eu indico uma carreira para o cara e dou todos os cursos para eles antes de arrumar o primeiro emprego. O que você acha? Ele nunca vai mais entrar pelado numa empresa, não importa o porte dela. Então ele não vai trabalhar com subemprego.

É isso, era a segunda parte da proposta. E queria juntar com isso Sesc, Senai, Senat essas coisas, tá? Sesi... todos esses caras aí dentro. A gente podia fazer com que esses caras fornecessem esses cursos e as universidades poderiam colaborar. Projeto simples. E aí eu costumo dizer o seguinte: nenhum pai chama de inimigo o cara que cuida do futuro do filho dele. Então, se a prefeitura divulgasse isso para a sociedade, os empresários deixariam de ser os vilões e o filho dele teria o futuro garantido.

E a última parte, que é o que eu acho que é que aí a gente podia transformar a universidade (que na verdade é o futuro da tua pesquisa) Você viu todo o restante... Eu propus na FIESP e na ABMAC que a gente desenvolvesse uma cadeia de produção nova para impressora 3D para construção civil. Sabia que quando a gente faz construção civil aqui é uma sujeira só, é um problema logístico só... Certo? E uma carência brutal. Digamos que eu desenvolvesse a construção civil. Eu daria trabalha para o pessoal que fabrica bomba, ia ter trabalho pro pessoal de caldearia, que faz grandes estruturas, daria trabalho para o pessoal que faz eletrônica de potência (que tem muito poucos), daria trabalho para quem faz microcódigo (que também tem muito poucos, mas pode aumentar), certo? Daria trabalho para quem produz eletrônica. Formaria uma cadeia. "Ah vai faltar resina!" É verdade, falta resina. Aí entra a Unifesp. "Unifesp... [nome omitido], eu preciso que você me indique pesquisadores que vão apresentar para mim um projeto de resina para impressora 3D para construção civil, você topa? Ele me deu os pesquisadores. Agora eu estou numa briga com a FIESP e com Abimaq para gente juntar todo mundo.

Qual era a ideia? Quando a gente azeitar o relacionamento com quem vai fabricar as bombas de impressora 3D, nós pegamos os pesquisadores e começamos a fazer uma maratona deles darem palestras para empresários dizendo: "estamos desenvolvendo tais materiais, o mundo agora é dos novos materiais!". Aí vai aparecer empresário que quer produzir. Aí o cara vai desenvolver a cadeira de produção de impressora 3D. Aí nós vamos mudar o perfil da formação de técnico em edificações nas escolas. O cara vai aprender a desenvolver estruturas impressas em 3D. Ai esses caras vão colocar os projetos deles na internet, aí alguém vai fazer download, quando fizer download o cara ganha dinheiro, e as prefeituras vão agradecer por que eu vão pagar os projetos e vão poder usar a impressora 3D para construir casas do jeito que quiserem em série. E nós mudamos o perfil de relacionamento da Universidade com a indústria. Porque a indústria vai carecer de profissionais que conheçam os pesquisadores.

[1:04:26] **PESQUISADOR:** Essa é uma outra dúvida. As fábricas ou as indústrias hoje elas têm um grupo de investidores, ou um dono que seja, então ela depende do interesse e da disponibilidade de capital dessa pessoa ou desse grupo para...

[1:04:47] **ENTREVISTADO 1:** Não... A colocação não é essa. É evidente que ela depende, mas o investidor coloca capital onde vai dar dinheiro. Você tem carro?

[1:05:02] **PESQUISADOR:** Não.

[1:05:04] **ENTREVISTADO 1:** Digamos que você tivesse uma casa bonita. Você quer perder sua casa? Então porque você colocaria dinheiro teu onde não vai dar dinheiro? Natural! Então vai, agora continua.

[1:05:16] **PESQUISADOR:** Não, mas é exatamente isso... porque para eu investir em alguma coisa nova existe um risco.

[1:05:25] **ENTREVISTADO 1:** Sim.

[1:05:26] **PESQUISADOR:** A minha dúvida é: isso também depende, então, de um interesse do próprio investidor, ou do dono, de arcar com esse risco, de passar de uma fábrica para uma indústria ou alguma coisa nesse sentido.

[1:05:41] **Entrevistado 1:** Quando eu falei, lá atrás, que nós paramos com aquela figura do ensino normal e que com isso nós não temos mais lideranças políticas, o que você acha que nós fizemos com a sociedade brasileira? Nós criamos adultos incompetentes. Certo? Dependentes do Estado. Até para para ganhar dinheiro a gente depende do Estado para poder me arrumar dinheiro barato. Certo?

Mas, você veja, eu tenho uma empresa, tenho [inaudível] funcionários, eu estou há 27 anos no mercado, eu fundei essa empresa. E eu sou responsável por basicamente todos os processos estratégicos da Volkswagen na América do Sul. Quer risco maior que esse? Então, cria pessoas que conheçam as áreas e elas não vão ter medo de encarar a tecnologia.

Se você quer montar uma padaria, aprenda a fazer pão! "Ah, mas eu só quero administrar". Então não abra. Não abra. Porque você precisa ter um modelo mental de um padeiro para saber gerir uma padaria.

E eu, por exemplo, eu sou formado em mecânica, em eletrônica, em análise e administração de produção. É tudo que eu faço. Então, a aversão ao risco é uma coisa muito comum, por isso tem poucos empresários. E, olha que dentro dos empresários, você ainda faz uma peneira lascada. Porque tem aquele empresário tipo Joesley que fica pegando, roubando dinheiro dos outros, oferecendo participação nas tramoias para poder ganhar dinheiro barato. O que ele entende dos negócios que ele faz? Muito pouco, provavelmente nada. O pai dele entendia de açougue. Ele entende de manipulação de pessoas. É uma pessoa que, muito provavelmente, teve problemas homéricos familiares quando era criança. Porque, quando você era infeliz quando era criança, é carente, quando criança, você não se desvencilha do narcisismo natural da criança. Então, quando você cresce, você quer a sua atenção. Então, uma das coisas que as pessoas fazem é: manipula os outros. Então, quando você tem um manipulador nativo, entendeu, acontece isso.

Nós precisamos, como universidade, que é berço do pensamento, que tem capacidade crítica de fazer avaliação do estado da arte, oferecer para a sociedade novas oportunidades de criar empreendimentos de sucesso. E pensar deles, quem vão ser os grandes interlocutores dessa verdade que você transmitiu. Eles vão aparecer.

[1:09:09] **PESQUISADOR:** E, hoje, você acha que a universidade tenha, ou não, a capacidade de fazer isso?

[1:09:14] **ENTREVISTADO 1:** Ela tem capacidade, ela só não quer. Ela não faz. Por que?

Porque é muito mais fácil você aparecer como o mais inteligente de todos, mantém o modelo. Então, quando você vê a Unifesp, com a postura humilde que o [nome omitido] trouxe para a universidade aqui, você vê a importância de uma universidade que quer se engajar no tecido social. Nós podemos transformar o Brasil com a Unifesp aqui em Diadema. Por isso que eu queria uma escola técnica. É isso.

[1:10:06] **PESQUISADOR:** São muitas informações, eu não estava esperando por grande parte disso. Eu entendi o raciocínio, achei perfeito, responde muito da minha questão de pesquisa, isso é incrível. Então, para registrar o meu entendimento: a gente precisaria de uma mudança de postura da universidade, do empresariado também, de certa forma...

[1:10:39] **ENTREVISTADO 1:** Sim, mas o empresariado é consequência.

[1:10:42] PESQUISADOR: E ai, ainda teríamos o apoio de uma rede de agentes, como você falou, a Fiesp, a Ciesp...

[1:10:49] **ENTREVISTADO 1:** Isso! Se faz com o que? Com articulação. A gente pode usar o poder público para isso. Eu fiz esse trabalho todo, que até motivou você a estar aqui, sozinho. Imagina se fosse um grupo!

[1:11:11] **PESQUISADOR:** Então, hoje, na sua avaliação, a Ciesp e esses outros órgãos da indústria, eles fazem esse trabalho de articulação?

[1:11::19] **ENTREVISTADO 1:** Fazem para interesses pessoais. Por que? Porque eles têm negócios que estão com problemas! Cada vez mais com valor mais baixo agregado e eles estão lá tentando dar uma sobrevida para o negócio deles. Não estão lá para transformar o negócio deles. Mas, a prefeitura tem interesses que são respeitados pelos empresários. Quando a prefeitura leva essas ideias, quando a prefeitura anuncia para a sociedade essas ideias, o movimento que você faz é brutal. Então vamos fazer!

[1:12:08] **PESQUISADOR:** E é uma ideia de no mínimo médio prazo pra longo prazo, de qualquer forma...

[1:12:12] **ENTREVISTADO 1:** Não, não, não. É de curto para médio prazo.

[1:12:16] **PESQUISADOR:** Conseguiria ter mudanças estruturais significativas...

[1:12:17] **ENTREVISTADO 1:** Radicalmente! Radicais! Quer ver um exemplo? Eu estava... em outubro do ano passado eu fui até o [nome omitido] da Bahia. O [nome omitido] é uma estrutura, que foi desenvolvida pelo governo central (na verdade ele nasce daquela empresa [nome omitido], que é uma bobagem, é uma bobagem!) que visa preservar o modelo e centralizar todo o de desenvolvimento de cultura da indústria. Entendeu? Porque a indústria não gera conhecimento. "Não, quem não gera conhecimento é a fábrica!" E, se eu for criar uma instituição que pensa para todo mundo, fecha as universidades. Concorda? Então, eles fizeram.

Ai eu fui lá. Eu chamei aquilo de "A Nasa na favela" (Salvador é uma favela, não sei se você conhece, vá lá, é lindo de morrer, mas é uma favela). Ai, na hora que nós chegamos, eu representando a FIESP, o Diretor do Cimatec começa a fazer uma apresentação sobre o Cimatec da Bahia. E ele colocou, como a missão deles, desenvolver o Estado da Bahia. Então, na hora que ele fala isso, ele mostra o mapa da Bahia, e coloca as cidades importantes da Bahia, todo o estado, as cidadezinhas mais pujantes.

E ai, no meio, naquela região do São Francisco, aquela faixa toda, ele chamou de semiárido, aquilo. Ele falou: “Nós só não sabemos o que fazer com o povo do semiárido!”. “Porque, senhor?”. “Porque é um povo muito pobre, e nós não sabemos o que fazer com eles.”. “Quantas pessoas têm ai, senhor?”. “São, pelo menos, dois milhões de famílias.”. “Eu tenho uma ideia, senhor! Você me desculpe falar isso, mas eu vou falar uma coisa pra você. O meu pai é do semiárido. E como ele disse a vida toda que gato que nasce no forno não é pão, eu vou me colocar no lugar dele e vou dar uma sugestão. Porque nós não transformamos essas famílias todas do semiárido em cadeias de produção industrial?”. “Como assim?”. “Vamos convidar todos a fabricar enfeites de natal. Quando você compra enfeite de natal, no final do ano, de onde ele veio? Veio da China. E porque que as famílias carentes nossas não fabricam? Um poderia fazer um pezinho de cimento, outro poderia fazer uma capa, o outro poderia fazer uma haste, o outro poderia fazer o corpo, fazer o arame, o outro poderia fazer os fiapinhos, o outro poderia montar tudo, não poderia? Ai a gente usa associações comerciais e os atacadistas nacionais para distribuir produtos das nossas famílias. Eles vão ganhar muito mais dinheiro do que esperando dinheiro do governo.”. “É sua ideia é muito interessante, mas isso nunca vai para frente.”. “Por que?”. “O ministério do trabalho não permitiria.”. “Senhor, o que o ministério do trabalho tem a ver com isso?”. “O poder público, o ministério público jamais vai permitir uma coisa dessas!”. “Meu senhor, o que o público, o ministério público tem a ver com isso? Eu estou falando de organizar as famílias em empresas!”.

Quer o pior agora? Bom, você entendeu como as pessoas enxergam pela posição do Cimatec lá na Bahia. Diadema tem 60 mil alunos no sistema do nível médio. Independente de se o cara passa de ano ou não, você concorda que eu boto pra fora 20 mil alunos todo ano? Porque a idade cronológica continua avançando. Eu tenho 1500 empresas em Diadema e, até dois anos atrás, elas empregavam 57 mil pessoas. 57 mil pessoas são 60 mil [arredondando], são 60 mil famílias. São 240 mil pessoas. A cidade tem 400 mil habitantes. Então 50% da população depende da indústria. 60 mil pessoas. 1500 empresas. Se as empresas crescerem 5% ao ano, você não vai dar pulo de alegria? Certo? Quantos funcionários, com 5% de crescimento, eu consigo contratar? 3 mil? Que é 5% de 60 mil. O que eu faço com os outros 17? “Não, eu vou continuar abastecendo a Fundação Casa, dando soldado pro tráfico, não é?”.

Então, nós estamos precisando de novos negócios. Vamos pegar as famílias mais frágeis daqui e vamos transformar em cadeias industriais. Ai essas famílias vão precisar de técnicos, não vão? Algumas vão crescer e virar indústria, não vão? Ai elas vão poder contratar os engenheiros, não vão? O problema é fazer isso hoje. A gente tinha que ter feito isso 40 anos atrás.

[1:18:30] **PESQUISADOR:** Porque hoje, no mínimo 5 anos para a gente ter um...

[1:18:32] **ENTREVISTADO 1:** No mínimo 5 anos. Por que você vai gastar 4 anos para formar os primeiros técnicos. O primeiro ano eles vão entrar na indústria e vão provocar um choque. No ano seguinte eu vou ter mais, no outro ano mais, no outro ano mais... ai ano a ano. Eu tenho 4 anos de [inaudível], ai eu tenho que começar a transformação da sociedade. Nesses 5 anos, a gente sobrevive, cara! A gente não está sobrevivendo até hoje? Mas vamos mudar o futuro deles.

[1:19:10] **PESQUISADOR:** Então, para ver se eu estou entendendo o raciocínio. Eu perdi a minha linha.

[1:19:21] **ENTREVISTADO 1:** Você estava falando, desde o início, do papel da universidade.

[1:19: 26] PESQUISADOR: Não. Mas era nesse sentido da última fala sua. Esse espaço de crescimento, inclusive econômico e de produção, ele viria de algo que ainda não existe. Ele vem de uma inovação, de um futuro.

[1:19:45] **ENTREVISTADO 1:** Isso, exatamente!

[1:19: 46] **PESQUISADOR:** E, se a gente pegar as atividades fabris, que são reprodução daquilo que já foi inventado, já foi pensado uma vez, esse crescimento seria limitado dependendo da atividade... do desempenho da economia, então o espaço que eu teria para crescer hoje, seria de uma coisa nova.

[1:20:04] **ENTREVISTADO 1:** Ou seja, se você fizer investimentos brutais, hoje, nessa atividade, do ponto de vista intelectual, você vai está acendendo vela para defunto ruim. Você precisa criar condições de você traçar novos caminhos, para que pessoas observem e transformem-se. Entendeu? Elas vivem de observação.

[1:20:40] **PESQUISADOR:** Por mim, isso está perfeito. Responde tudo o que eu poderia querer dessa entrevista, está respondido. Eu vou ter que ouvir ela umas 4 ou 5 vezes porque foram muitas informações.

[1:20:56] **ENTREVISTADO 1:** Teve alguma coisa, alguma dúvida, você pode ligar.

[1:20:59] **PESQUISADOR:** Ótimo, excelente! Provavelmente... essa entrevista é a minha primeira, eu terminei uma revisão grande, importante, da pesquisa agora, apresentei ela em abril e foi aprovada, e agora eu tenho mais um ano de desenvolvimento da pesquisa e eu entrego ela em março, 2019. Como é a primeira, talvez outras pessoas e outros agentes... eu vou conversar com o [nome omitido] na semana que vem, eu vou conversar com o [nome omitido] lá na Ciesp...

[1:21:30] **ENTREVISTADO 1:** [Nome omitido].

[1:21:31] **PESQUISADOR:** [Nome omitido], na semana que vem, também, então talvez eles me tragam algumas informações...

[1:21:36] **ENTREVISTADO 1:** Ah, o [nome omitido] vai te dar informações do mundo real.

[1:21:42] PESQUISADOR: Certo. E daí talvez eu bata aqui de novo e te peça mais algumas respostas.

[1:21:49] **ENTREVISTADO 1:** Está bom!

[1:21:50] **PESQUISADOR:** Por hoje foi ótimo. Vou até encerrar a gravação.

APÊNDICE D - Transcrição livre integral da entrevista 2, realizada com ENTREVISTADO 2 e ENTREVISTADO 3, ligados ao Ciesp. Em 16 de maio de 2018.

[0:00:01] **PESQUISADOR** – Já está gravando. Para explicar um pouco por cima o que é a pesquisa e o que eu espero dessa entrevista.

Eu estou avaliando de que formas o campus da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, aqui em Diadema pode colaborar e tem colaborado no sentido de provocar o desenvolvimento da região. Do ponto de vista da Ciesp, eu gostaria de fazer algumas questões que são relativas à indústria. Como essa relação pode acontecer, de que forma vocês enxergam que isso possa ser benéfico.

Eu queria começar com duas perguntas. Uma que é sobre a relação da Ciesp com a Fiesp, se há uma representação ou alguma coisa nesse sentido. E segundo, e ai acho que vocês já podem emendar a resposta, é saber da Ciesp qual a visão que ela tem do estado da indústria de Diadema hoje em dia. A gente sabe que na década de 70, 80, houve uma pujança muito grande quando formou-se um parque industrial. Eu queria saber hoje em dia como a Ciesp entende a situação da indústria em Diadema.

Isso para a gente começar a conversa, acho que...

[0:01:18] **ENTREVISTADO 3** – Explica a parte do...

[0:01:20] **ENTREVISTADO 2** – O Ciesp completou 90 anos, esse ano. Ele é mais antigo que a Federação [Fiesp]. Existia o Centro das Indústrias, lá antes do governo Getúlio quando se criou a estrutura sindical brasileira, se criou a composição sindical e apareceu a Federação. Somente naquele ano o Ciesp deixou de existir e virou Fiesp. Mas já no mesmo ano, no final do mesmo ano, se entendeu que não havia motivos para essa perda de continuidade. O Ciesp voltou à ativa

O público da indústria é o Ciesp. A Federação é um órgão sindical, e o público da Fiesp é o sindicato patronal, é o presidente do sindicato patronal. Então o Ciesp é uma entidade de classe privada associativa, sem fins lucrativos, de representação da indústria.

[0:02:17] **ENTREVISTADO 3** – Com relação ao que a gente vê a indústria em Diadema. Ela perdeu bastante... Muitas indústrias foram perdidas ao longo desses últimos anos, em função dessa crise que se agravou nesses últimos anos. Com isso, além do ponto de que a questão urbana, no caso que a gente está conversando, foram muitas vezes áreas invadidas ao redor dessas indústrias que estavam localizadas aqui em Diadema, que estão localizadas aqui em Diadema. Acabou travando uma certa dificuldade para essas indústrias continuarem operando. Muita gente foi embora em função disso, em função do conflito, problema de barulho, problema de poluição, essas coisas todas.

O que a gente vê para Diadema é que ainda é uma cidade industrial, precisa da indústria para poder se sustentar, mais importante ainda, até, porque é uma geradora de recursos públicos bastante importante. A prefeitura por si só não se sustenta sem a indústria em Diadema, ela não tem essa capacidade. Só que a gente precisa, ainda, em função dessa proposta do Plano Diretor, buscar algumas soluções que no passado não havia meios de se conseguir.

Essa é a nossa visão: a questão da indústria em Diadema ainda é muito importante, muita gente procura pela localização, pela facilidade de acesso, pela proximidade da capital, então tem uma série de benefícios de estar em Diadema. Mas esse conflito entre a indústria e o morador gera uma dificuldade enorme de permanecer em Diadema. Mas isso eu creio que a gente consiga ter um bom caminho ai pela frente.

[0:05:07] **PESQUISADOR** – Do ponto de vista tecnológico, do desenvolvimento da indústria, da capacidade de ela competir com outros mercados nacionais e até internacionais, como vocês enxergam o estado da indústria aqui?

[0:05:24] **ENTREVISTADO 2** – Acho que é bom caracterizar que 85% da indústria em Diadema é de pequeno porte. Então é uma indústria que necessita de tecnologia e conhecimento. Então a universidade nesse contexto tem um papel importante de fazer essa conexão da pequena indústria à inovação, ao desenvolvimento e à pesquisa.

Os setores principais de Diadema, a metalomecânica, químico, plástico borracha. Alimentos também está presente aí um número considerável de indústrias. E ai, de novo, a universidade se faz presente, o campus Unifesp pelo lado químico, pelo lado cosmético, é um exemplo disso.

E ai, puxando o gancho para a resposta... Competição internacional. Hoje nós estamos competindo com o mundo e a indústria para poder se tornar tecnologicamente adequada a isso, com esse perfil de pequena... esse relacionamento com os órgãos de pesquisa, e ai a Unifesp, o Senai, o IPT, é de suma importância para o desenvolvimento do negócio.

[0:06:33] **ENTREVISTADO 3** – Acesso tem, a todos esses órgãos e tecnologia. Tem disponibilidade de conhecimento disso, até de uma certa facilidade. Mas, ai a gente vai esbarrar no âmbito de economia. As indústrias maiores conseguem ter uma possibilidade de combater essa crise muito mais fácil do que as menores. Então, o que a gente vem percebendo aqui, é exatamente essa situação: os industriais estão tão focados dentro da empresa deles, tentar gerir, tentar buscar novos mercados para poder sobreviver, que acabam não indo buscar essa tecnologia.

Nós fizemos aqui, pouco tempo atrás, um seminário sobre a indústria 4.0. Por exemplo, o Senai tem uma disponibilidade enorme a um custo muito baixo. Mas o que a gente vê é exatamente isso: não tem recursos humanos para poder ir buscar e implantar dentro das empresas. Vai passar essa crise maior que está acontecendo, e ai sim ela vai poder buscar. Justamente pela característica da indústria aqui de Diadema, por ela ser menor, mais gerida pelos seus empreendedores, na verdade.

Tem uma série de outros problemas, e aí a gente acaba esbarrando sempre na economia na situação que está o país, na situação em que se encontra o custo de matéria-prima, o custo de mão de obra. Tudo isso vai dificultando para uma exportação no caso. Mercado, lá fora, tem e é monstruoso para nós. A gente não participa praticamente de nada no mercado lá fora. As indústrias de Diadema têm plena condição de competir lá fora. Mas por conta de não conhecer direito o mercado, de ter um aperto financeiro e não conseguir viajar, por conta de algumas dificuldades em termos tecnológicos, mas eu diria isso num nível muito mais baixo, daria para competir, mas não estamos indo buscar.

[0:09:31] **PESQUISADOR** – Você falou da competição externa, que não buscar. Internamente,

a indústria de Diadema é competitiva? Ela tem capacidade de lidar com outros a gente, outras indústrias para vender aqui dentro mesmo?

[0:09:52] **ENTREVISTADO 3** – A indústria, no mercado interno, é o seguinte: como é característica nossa, ela é uma "quarteirizada", ou "quinterizada", não sei nem se existe essa palavra. Mas enfim. Ela fornece, para quem fornece para as grandes indústrias. Ela está se virando e está vendo que, quem sobreviveu até agora, o futuro está um pouquinho melhor do que o que ficou para trás. Mas ainda não está acontecendo, mas está começando a querer buscar isso ai.

[0:10:37] **PESQUISADOR** - Vocês falaram de indústria 4.0. O que é a indústria 4.0?

[0:10:43] **ENTREVISTADO 2** – A indústria conectada. De uma forma bem simplista de falar, é você ter os seus procedimentos, processos de produção conectado por meios eletrônicos, envolvendo com toda a cadeia de fornecimento do produto, desde o fornecedor, até o seu cliente final.

[0:11:02] **ENTREVISTADO 3** – Antigamente, vamos dizer. Pouco tempo atrás, você falava de "computadorização" de máquinas. Melhorava a tecnologia nesse recurso que seria a máquina. Hoje em dia, isso saiu, não só da máquina, e essa máquina agora se comunica com o seu escritório, que comunica com o planejamento da produção, que comunica com o planejamento da produção do seu fornecedor, que por sua vez, comunica com o seu cliente. Toda essa cadeia interligada de forma que você consiga entender o quanto o seu fornecedor tem capacidade de fornecer e o quanto você tem capacidade de fornecer ao seu cliente e o quanto ele quer, está demandando. Essa é a indústria que está falando que é a quarta revolução industrial, que é todo mundo falando a mesma língua e entendendo de um mesmo modo, em tempo real desde uma ponta até a outra, sabendo exatamente o que você quer e diminuindo perdas, diminuindo estoques, que quanto mais estoque você tem, mais dinheiro empatado você tem. Toda essa cadeia está trabalhando para esse tipo de situação.

[0:12:31] **PESQUISADOR** – Vocês falaram que houve um seminário aqui dentro, com empresas. Houve interesse das indústrias de participar?

[0:12:39] **ENTREVISTADO 3** – Sim, bastante!

[0:12:43] **PESQUISADOR** – Há um outro grupo que eu sei que existe, chefiado pela prefeitura, que é de inovação. E aí tem participado, também, a Unifesp, alguma coisa nesse sentido. Vocês estão participando disso, como está?

[0:12:58] **ENTREVISTADO 2**: Grupo de inovação pela prefeitura?

[0:13:00] **PESQUISADOR** – Inovação e tecnologia. Ligado até à questão do Plano Diretor.

[0:13:03] **ENTREVISTADO 3** – Teve um grupo que...

[0:13:06] **ENTREVISTADO 2** – Aí são coisas diferentes. A prefeitura está fazendo uma revisão do Plano Diretor e criou grupos temáticos para ver as necessidades de mudança da lei de uso e ocupação do solo. E dentro do grupo da indústria, existe um grupo pensando em inovação, mas não no conceito de inovação da planta, mas que vem por ai para a cidade. Parece que para pensar a logística, mobilidade, a infraestrutura urbana que vai ser a tratativa para essa indústria. E a Ciesp participa disso, tanto que nós...

[0:13:36] **ENTREVISTADO 3** – Nesse caso a gente provocou umas reuniões fazendo um link de empresa com a prefeitura para poder melhorar até a rede de internet da cidade.

[0:13:48] **PESQUISADOR** – Eu vi aqui no catálogo de vocês, enquanto eu estava esperando, que há algumas áreas técnicas e duas me chamaram a atenção. Essa de inovação tecnológica que vai nesse sentido que a gente tem conversado. Isso tem tido bastante busca aqui dentro da Ciesp?

[0:14:07] **ENTREVISTADO 2** – O seminário foi por conta disso.

[0:14:09] **ENTREVISTADO 3** – O que nós fizemos foi: convidar diferentes agentes atuantes no mercado, Senai, prefeitura, indústria, que já têm plantas 4.0, não aqui no Brasil, e aqui no Brasil está em busca disso. Empresas que trabalham para a indústria 4.0, vendendo máquinas, equipamentos, robôs, e nós do Ciesp.

O que a gente quis promover com isso ai? Massa crítica para o cara entender o que está acontecendo e qual o caminho que vai tomar a indústria num futuro recente. Isso ai foi bastante proveitoso, foi muito interessante o conceito, na automobilística, por exemplo, que é bem a nossa realidade, toda essa quantidade de itens que eles recebem hoje, muito provavelmente com a entrada de um carro elétrico, vai reduzir assustadoramente, então a indústria que estava aqui, disse assim: "Eu não sei se daqui a 10 anos eu vou estar produzindo exatamente o que eu produzo hoje". É uma discussão de sobrevivência do mercado que você está atuando. Foi muito interessante nesse sentido, e as indústrias aproveitaram bastante isso.

Em um futuro próximo, já estamos marcando uma visita no Senai – São Caetano, que é especializado na indústria 4.0. Vamos levar, fazer uma diligência para lá para exatamente ver como funciona uma indústria 4.0, junto com nossas indústrias daqui. Então, é massa crítica para poder saber onde estou e para onde vou.

[0:16:26] **PESQUISADOR** – Vocês falaram de buscar o Senai, o Sesi. E a Unifesp? A Ciesp tem ido atrás da Unifesp? A Unifesp tem vindo atrás da Ciesp? Como está esse jogo?

[0:16:43] **ENTREVISTADO 2** – Nós tivemos um relacionamento muito bom com a Unifesp no setor de cosméticos. Levamos duas ou três indústrias para conhecer a universidade, conhecer o que vocês poderiam gerar de conhecimento e solução de problemas. Até onde nós acompanhamos, existem projetos que estão sendo debatidos entre a indústria e a Unifesp para atender solução do problema e gargalo do processo produtivo.

O que eu posso te colocar é que o problema, hoje, é o tempo de resposta. O tempo da universidade é diferente do tempo da necessidade de uma indústria de atender o mercado. Olhando o setor de cosméticos, que é um setor onde a inovação é pujante, diária, o [setor de] cosméticos é um setor que lança novos produtos, busca novas formas de atender o consumidor final quase que diariamente, a velocidade de resposta tem que ser adequada a esse tempo. Acho que o gargalo entre universidade e indústria é o tempo de resposta para essas demandas que surgem na indústria.

Em cosméticos foi essa experiência, nós estamos trabalhando com alimentos, já estivemos na Unifesp conhecendo toda a parte que cuida desse setor de alimentos, a ideia é trazer as indústrias de alimentos para Diadema.

[0:18:01] **PESQUISADOR** – Hoje, para a Ciesp, qual tem sido o maior desafio nesse cenário que vocês colocaram de uma economia em crise, a indústria tentando sobreviver, já pensando que daqui a 10 anos ela tem uma alteração significativa?

[0:18:16] **ENTREVISTADO 3** – O nosso exercício sempre é como permanecer com a indústria em Diadema, esse é um exercício diário, que passa por esse trabalho que está sendo feito do Plano Diretor, isso ai vai ser importantíssimo. Industrias pequenas acabam se acomodando em qualquer espaço, mas indústrias um pouco maiores que geram mais empregos, que estão gerando mais recursos também, precisam de uma segurança para poder se estabelecer e poder continuar trabalhando aqui.

Esse é o nosso maior desafio de entender essas demandas, buscar essas soluções, para fazer essa ponte entre a indústria e a prefeitura, e levar ao conhecimento de todos os nossos associados essa ideia do que está por vir. Esse é o nosso caminho mais importante. Não vou dizer: "vamos preservar, vamos aumentar". A gente não tem esse papel. O papel nosso é entender quais são as dificuldades, fazer ponte com prefeitura e essa ponte ser bem sólida para gerar esses recursos e mostrar o que é o caminho e gerar negócios.

[0:20:03] **PESQUISADOR** – Perfeito. Da minha parte estou satisfeito, vou encerrar a gravação.

APÊNDICE E - Transcrição livre integral da entrevista com o professor doutor João Alexandrino, então diretor do campus Diadema. Em 14 de maio de 2018

[0:00:01] **PESQUISADOR**: Antes de começar, vou te apresentar o termo de consentimento. Se você concordar, claro, preciso da sua assinatura. Uma das vias é sua, a outra é minha.

[0:00:44] **ALEXANDRINO**: Ok. Preciso de preencher aqui, né?

[0:00:46] **PESQUISADOR**: Se você... qual opção.

[0:00: 53] **ALEXANDRINO**: Poderá, ok, sem problema.

[0:01:20] **ALEXANDRINO**: Você também está com problemas por causa da secura?

[0:01:28] **PESQUISADOR**: Não... eu tive um azar e uma sorte, de pegar agora uma gripe, e na minha primeira semana ausente eu peguei uma virose, também, ai eu fiquei uma semana passando mal em casa. O fator bom é que já está de atestado então fica de uma vez só.

[0:01:45] **ALEXANDRINO**: Assim não é obrigado a...

[0:01:50] **PESQUISADOR**: A minha pesquisa está em evolução, ainda, como todas as pesquisas, nesse momento, o que eu estou avaliando é como campus tem se posto. Tem trabalhado no sentido de provocar alguma mudança na região, em vários sentidos. O que eu vejo mais importante, hoje, é o econômico, por uma série de motivos, pegando a indústria, o comércio, os serviços e outras coisas assim, mas principalmente a indústria. Mas também do ponto de vista social, do ponto de vista urbano... acho que ai existem algumas coisas que podem estar acontecendo que envolvam, de certa forma, o campus.

Na semana passada eu entrevistei o [nome omitido], foi uma conversa muito boa, ele falou muito mais do que eu esperava e ai ele adiantou algumas questões do que eu poderia conversar aqui com você. Porque ele me falou de algumas propostas que ele elaborou para a prefeitura, que conversou com você algum tempo.

Então, do meu interesse com você é também entender um pouco dessa proposta, do seu ponto de vista, as questões que ele abordou, quais foram as propostas e como a Unifesp e o campus Diadema têm se posto nesse sentido, tem atuado pra isso, como tem sido essa atuação em outros ramos possíveis. Ele me falou muito sobre, por exemplo, atuações em rede, juntando a Fiesp a Ciesp a Unifesp, e outras entidades importantes, como a própria prefeitura. Não só para a proposta dele, mas para outras propostas que podem surgir dai.

E depois, também, entender algumas questões de pesquisas que estão sendo desenvolvidas no campus como, por exemplo, o Atlas Ambiental, que já é um trabalho mais de extensão, mas também é de interesse. E que a gente pudesse ter uma conversa bastante abrangente nesse sentido, trazer esses elementos do que o campus tem elaborado nos últimos tempos. E chegar até questões de pesquisa. Se puder, indicar algum pesquisador que tem pesquisa relacionada com indústrias, com produção.

Como são muitas coisas, acho que a gente pode começar primeiro pela proposta que o [nome omitido] elaborou. Ele me falou sobre uma escola técnica. Ele também comentou alguma coisa sobre um projeto de pesquisa para o desenvolvimento de impressão de construções 3D de casas, não sei se isso envolveria o campus ou não, mas ele citou muito por cima uma ideia.

[0:04:31] **ALEXANDRINO**: Sim.

[0:04:32] **PESQUISADOR**: Se você puder comentar alguma... essas duas coisas, para começar...

[0:04:41] **ALEXANDRINO**: A questão de impressão 3D, e o outro?

[0:04:42] **PESQUISADOR**: É uma proposta que ele fez de uma escola técnica

[0:04:43] **ALEXANDRINO**: Escola técnica! Bom. Ok. Essa ideia, que é uma ideia do [nome omitido], ele trouxe para um conjunto de potenciais parceiros aqui há um ano e meio. Então ele reuniu, na altura, o vice-prefeito, a Unifesp, chamou Senai, Sesi, Sebrae. Então a preocupação dele era capacitar uma mão de obra que ele julga que está cada vez mais decadente, em termos da sua inserção daquilo que é, na visão dele, o futuro da indústria no Brasil e na região também.

Então, a questão é que hoje o trabalhador, principalmente da indústria, mas não só, ele não tem que pensar muito, não tem que tomar decisões, ele simplesmente aprende um processo e ele é como uma máquina humana, não é? Então era isso.

E ele dizia que a universidade e, em geral, as diversas escolas, nos diversos níveis, deveriam ter muito a contribuir para que uma nova geração de trabalhadores não seja educado dessa forma. E também o preocupava onde pessoas, famílias, que estão caindo no desemprego nos últimos três anos, talvez, onde é que elas iriam parar, não é? Que a cidade tem que pensar como reciclar as profissões dessas pessoas. Então ele, nessa primeira reunião, até citou a indústria familiar chinesa, dizendo que eles fazem árvore de natal, e fazem um comércio mundial. Então é preciso encontrar algo para as famílias de Diadema. Começou ai.

E nessa reunião, fui eu e foram alguns colegas que nos últimos anos têm tido mais interesse nessa questão do empreendedorismo. Como era a Ciesp que nos estava chamando, nós convidamos as pessoas dos nossos núcleos mais especializados, em termos de equipamentos, que estão mais preparadas para interagir com as indústrias. E convidei também as nossas empresas juniores. O professor [nome omitido] foi e nós vimos que aquilo era uma demanda muito abrangente. Não era algo específico, embora nós estivéssemos discutindo, há mais de dois anos, como nós poderíamos ter uma relação mais direta com a indústria de Diadema.

E ai, nós temos, claramente, algumas áreas que estão mais próximas desse mercado tecnológico que nos rodeia, que são as áreas de materiais, e tem vários, desde nanotecnologia, até metais, polímeros; as áreas da Saúde, não é? Ligadas a fármacos, cosméticos. E a química. São as áreas que sempre estiveram mais próximas, mas eu julgo que o campus nunca teve uma iniciativa de criar o que hoje se chama "ecossistema de inovação". Isso estava lá na ideia dos primórdios, mas era muito de uma demanda política que, depois, não aconteceu.

Então, aquilo do [nome omitido] nos chamando, era uma oportunidade boa de nós mostrarmos onde a universidade poderia contribuir. Não é? E, a partir daí, essas conversas evoluíram. Eu acho que esse grupo, ele nunca conseguiu se consolidar porque cada uma das instituições que estava ali não sabia bem como se integrar numa rede. Como que o Senai, o Sesi, as escolas públicas, a Unifesp, como é que isso se poderia integrar.

Eu acho que levou um certo tempo até nós, na universidade criamos aqui o nosso ecossistema de projetos que pudessem ter apelo para a cidade. Essas conversas com os industriais

de Diadema, elas depois seguiram paralelamente a outras conversas que fizeram parte de uma estratégia, do campus de se abrir a cidade e de começar a dialogar com a cidade e com as suas demandas. Que é uma estratégia de curto, médio e longo prazo. Porque, se nós incitarmos esse diálogo, podemos não ter retorno imediato, mas com certeza que, no futuro, esse retorno estará ai, pelas mais variadas formas.

Então, ao mesmo tempo, aqui dentro, eu comecei a ver grupos com interesses que eram mais abrangentes que a sua pesquisa. Os docentes se agregando, um pouco, às vezes, porque a direção convidava, outras vezes porque eram ideias que já existiam no passado ou porque os colegas estavam inquietos e queriam fazer algo mais. Então, surgiram, paralelamente, além dos nossos muitos projetos de extensão, que foram sendo apresentados à secretaria de educação, à secretaria de saúde.

E aí, o que se nota, é que as secretarias são muito distintas, e algumas são mais empreendedoras e os projetos saem mais rápido, e outras são mais fechadas. Acho que essa estratégia não deu muito certo, de focalizar em algumas secretarias. E o grupo que realmente deu frutos, foi esse grupo que nasceu lá do [nome omitido]. A partir de um determinado momento, em que nós começamos, também, a conversar com a secretaria de desenvolvimento econômico da cidade, e a secretaria de desenvolvimento econômico chamou para si esse grupo. E, no final do ano passado (isso é concomitante ao plano diretor da cidade, que nós fomos tendo conversas mais informais) e o [nome omitido] dizia que aquilo era uma ideia dele e não poderia ser dele teria que ser da cidade e com as instituições.

Então, isso foi, eu diria, capturado pela secretaria de desenvolvimento e houve um interesse, também, da secretaria de comunicação. E esse grupo deu origem a isso que hoje é um grupo que trabalha com a ideia de inovação na cidade. Então, o que nós temos? Instituições ligadas à educação, temos secretarias da prefeitura (educação, desenvolvimento, comunicação), temos a secretaria de assistência social, também, e depois temos a Ciesp e tem a agência de Inovação da UFABC, que foi convidada e um professor da Poli da USP que, entretanto, teve uma experiência muito positiva aqui com a prefeitura e foi convidado.

Isso foi muito interessante porque nós vimos que havia, ali nesse grupo que então se formou, uma abertura muito grande da cidade a propostas, a sugestões. E nesse momento, no mesmo dia, aliás (isso é simbólico o que depois vamos falar sobre isso) foi um dia em que foi apresentado à prefeitura o Atlas Ambiental da cidade de Diadema, proposta aqui dos nossos colegas das ciências ambientais, com alguns outros docentes, e também alguns alunos e alguns técnicos. E essa proposta teve um grande impacto. E o prefeito, logo a seguir, veio à reunião desse GT de inovação. Era a primeira reunião lá no Paço Municipal. E o prefeito, ali, deu todo apoio à iniciativa.

E como eu lá estava, na altura, eu tomei a liberdade de propor duas coisas ali naquela primeira reunião. Primeiro que o grupo se organizasse e criasse uma plataforma de comunicação para permitir que todas aquelas instituições pudessem estar em contato e mostrassem isso pra fora e procurasse fazer sentido naquele grupo, porque aquele grupo não tinha, ainda, nenhum projeto em comum. E a segunda foi a criação de um polo tecnológico na cidade de Diadema, com a Unifesp como parceira. Então, isso foi em... já foi no início deste ano [2018], já foi em fevereiro, final de fevereiro, e aquilo, pra mim, era o culminar de um processo.

Nós tínhamos tido, em 2017, algumas parcerias com a secretaria de educação. Nós tínhamos feito a nossa feira de ciências e um módulo de formação de professores de matemática, além da "Universidade de portas abertas", com a secretaria de extensão. Depois, tivemos a iniciativa do Atlas Ambiental, que é mais uma iniciativa com potencial impacto e reconhecimento na sociedade.

Ao mesmo tempo tínhamos tido dois grupos de docentes que tinham proposto projetos na área, ou iniciativas na área mais tecnológica. Um ligado a materiais, professor [nome omitido], [nome omitido] e o professor [nome omitido], que tinham proposto um curso de capacitação na área de materiais para a indústria metalúrgica. E eu, quando o professor Ricardo Galdino me apresentou a proposta, eu dei muita força.

E eles, juntamente com as empresas juniores, fizeram uma prospecção no mercado e viram que havia centenas de pequenas fábricas ou industrias na área de metalomecânica e que a universidade tinha know-how, expertise, para conseguir capacitar profissionais. E a ênfase era, exatamente, fazer que esses profissionais entendessem exatamente o que estavam fazendo nas indústrias e não apenas que se comportassem como autômatos.

Então, foi algo que veio a calhar relativamente ao desejo do [nome omitido]. E, por outro lado, nós tínhamos criados aqui (ainda não está criado, enfim, mas está em gênese) a rede de bioativos, que é uma rede de pesquisa que congrega varias áreas aqui do campus Diadema, biológicas, ciências farmacêuticas, a química, engenharia química, para responder às necessidades de desenvolvimento e inovação da indústria brasileira. A academia faz o desenvolvimento de novas substâncias, de novos produtos mas, depois, precisa de desenvolver essas inovações e ela não consegue fazer isso sozinha. Então é preciso fazer parcerias com a iniciativa privada, muitas vezes mediadas por agências de desenvolvimento, como BNDS, Finep, Fapesp, etc. Só que isso, no Brasil, é difícil.

Então, essas iniciativas, juntamente com o Atlas Ambiental, e o nosso centro de formação de professores, que hoje é um órgão complementar, eles completam um desenho do nosso instituto aqui em Diadema, que atende de forma bastante completa às necessidades da cidade de Diadema, Então, você tem uma necessidade básica, que é a educação. E nós temos um projeto, hoje, que procura melhorar a formação de professores, além daquilo que já é feito pelos cursos de licenciatura e pós-graduação, em que os nossos alunos estão nas escolas fazendo seus estágios. Por um lado você tem isso. Depois você tem a parte de tecnologia e inovação.

Então, nós temos claramente, hoje, pelo menos duas áreas fortes para, talvez, compor a ideia de polo tecnológico, que também é um polo de capacitação profissional, de incubadora de empresas e, possivelmente, de laboratórios compartilhados entre indústria e a universidade. Aliás, na última reunião que nós tivemos desse GT, que foi aqui, em Diadema [no campus] no dia 26 de abril [de 2018], a secretária de assistência social disse-me que existe já um terreno, perto do paço, para esse pólo tecnológico. Mas isso são ideias que a prefeitura se entusiasmou muito por essas ideias e que são ideias para a cidade. A prefeitura é que vai ser a catalisadora desses projetos, não a Unifesp. Porque a Unifesp ainda tem poucos instrumentos, pouca capacidade de gerir esse tipo de projeto.

Então, eu vejo, hoje em dia, que nós fizemos uma apresentação (depois se você quiser ver, você pode ver) em que nós procuramos ser o elo entre educação... e você pode ver o elo

entre educação formal e informal. Então tudo o que é extensão e capacitação, pode se dar em espaços formais ou informais e eu diria que o campo informal de educação é extremamente promissor, porque hoje tem muito mercado na sociedade para educação. As pessoas procuram conhecimento. Essa é uma parte do que nós podemos oferecer numa cidade como Diadema. Depois tem a parte do desenvolvimento econômico.

E ai, você falou na sua apresentação, daquilo que você queria falar sobre a questão social. Então educação é social, mas tem uma outra vertente do desenvolvimento econômico que é social, e eu acho que ela muitas vezes não está no radar dos órgãos de gestão pública.

Aqui em Diadema nós tivemos um projeto do professor [nome omitido], de economia solidária. Que é um projeto de muito sucesso, né? Capacitação dos churrasqueiros e tapioqueiros, que se sentiram muito orgulhosos de poder receber um diploma de qualidade da Unifesp, do nosso pessoal de tecnologia dos alimentos. E eu lembro-me de ter ido à sessão de entrega dos diplomas e o orgulho das pessoas... e imagino que tenha havido um ganho de qualidade nos serviços que eles prestam à sociedade fornecendo alimentos.

Quando você olha ai e vê outras áreas em que o campus Diadema pode contribuir para aquilo que se chama não economia solidária, mas economia plural, e nós temos hoje um professor aposentado da UFSCAR visitante nessa área (e que aliás tem projetos com o professor [nome omitido], então o professor [nome omitido] é uma pessoa interessante de conversar, e esse professor, [nome omitido], que está na pró-reitora de planejamento, também) que é o seguinte: nós temos aqui projetos, além desse de alimentos, temos projetos na área de saúde (mas esses são muitos ainda...)

Eu diria ainda da educação, então você tem um agente educador e tem um público mais passivo, mas se nós citarmos compostagem, arborização (nós temos colegas habilitados em capacitar, aliás está sendo criado um curso com a secretaria de verde e meio ambiente de São Paulo, ali na zona sul, no nosso campus Santo Amaro, que é um campus da Unifesp para extensão, mas parte dele é ocupado pela secretaria de verde e meio ambiente de São Paulo, e é um curso sendo proposto nessa área). Arborização, plantas medicinais. Aqui nessa esquina, nessa escola da Fundação Florestan [Fernandes] tem uma escola de gastronomia, nós temos colegas da tecnologia de alimentos e temos colegas que conhecem muito de plantas aromáticas e medicinais

Então, quando você começa a perceber que você pode, através de cursos de capacitação muito simples, prover, a famílias que estejam desempregadas, meio de elas conseguirem ter algum rendimento (compostagem origina terra, você pode vender terra). A venda e o cultivo de plantas medicinais aromáticas você pode fazê-los em pequenos terrenos em Diadema, quer dizer, você pode fazer em pequenos espaços e vender, ali, a restaurantes locais. Então, são forma de economia alternativa, que muitas vezes não estão no radar, das secretarias de desenvolvimento municipais.

E, uma das últimas reuniões que eu tive com o secretário, com o [nome omitido] (que é também uma pessoa muito interessante para se conversar) eu fiz questão de dizer que nós, aqui no campus, não temos a mentalidade apenas de ciência, tecnologia e inovação de vanguarda, que nós sabemos que isso, socialmente, vai atingir a poucos. Mas nós teríamos, tanto como campus, mas talvez como Unifesp, muito mais a contribuir desde que houvesse uma política

virada para essa questão de economia plural.

E isso ligado ao plano Diretor da cidade que a gente sabe, também, que há... a prefeitura quer aumentar a arrecadação da cidade, então é claro que eles pensam em projetos que tragam muita arrecadação em termos de impostos, mas por outro lado esse é um processo de médio e longo prazo.

Então, enquanto, eu tive (nós tivemos esse discurso, né?), nessa última reunião, dizendo que o que é uma cidade sustentável. O que completa o nosso arco é a sustentabilidade. Se você tem uma perspectiva de curto, médio e longo prazo na educação, uma perspectiva de curto, médio e longo prazo no desenvolvimento econômico, de tecnologia e serviços inteligentes; e se você tem uma visão do todo dessa cidade como um sistema sustentável, em que você quer manter sustentável, no sentido de que os indivíduos, a população, viva com bem-estar social (e bem estar social não é só bem estar material, mas é paz, harmonia, pouca violência) então, há que pensar em que a sociedade tem que progredir como um todo e, se possível, reduzir a desigualdade, nós não tocamos nesse ponto.

A terceira proposta que nós apresentamos é essa do conceito de cidade sustentável. Esse conceito de cidade sustentável ele usa uma outra ideia que vem da secretaria de comunicação, que é da cidade inteligente. Então, hoje, Diadema, a prefeitura de Diadema, tem um projeto, o prefeito já adotou essa ideia, de se tornar uma cidade inteligente.

Nós aproveitamos esse gancho, e unimos a questão da cidade inteligente da cidade sustentável. E unimos o conceito de Atlas Ambiental (que foi apresentado que é, basicamente, um mapeamento histórico e atual daquilo que é o contexto ambiental, natural e construído da cidade, digamos que é o setting da cidade, isso é um atlas, um atlas ambiental, que estará pronto em dois ou três anos, é um instrumento de base).

Nós, nessa reunião, nós projetamos esse atlas ambiental para um centro a projetar no futuro, que seria o observatório da cidade de Diadema, em que a Unifesp seria parceira, e que seria o centro nevrálgico de dados sobre a cidade. Portanto uma cidade inteligente, mas com um projeto de usar essa inteligência para que Diadema se torne uma cidade sustentável.

Então, acho que isso completa, um pouco, esse quadro, que nós (claro que esse discurso, ele procura fazer sentido do que nós temos para oferecer, não é? Se nós tivéssemos para oferecer outras coisas, nós procuraríamos fazer um outro sentido). Mas, acho que esse sentido coloca, hoje, na cidade de Diadema, e ai o desafio que a prefeitura está almejando é levar isso para a câmara municipal, então esse projeto não pode ser apenas um projeto dos órgãos gestores, tem que ser um projeto em que a cidade acredite para não estar sujeito a mudanças de governo. Porque senão...

Isso foi uma coisa que eu disse lá atrás com o [nome omitido], é que a universidade só pode participar se isso for um projeto da cidade. Porque nós, como universidade, não devemos alinhar com nenhum governo, nós devemos alinhar com a população da cidade de Diadema. E acho que isso é uma... Isso significa uma mudança de discurso da universidade aqui em Diadema, porque no passado não foi assim, e espero que isso seja continuado.

Eu julgo que qualquer prefeito, então como gestor político que às vezes tem interesses políticos, quando a universidade consegue fazer sentido, um pouco, do que é o objetivo da po-

lítica e se mostrar ao serviço dentro daquilo que lhe incumbe, lhe compete, desse projeto... Eu acho que nenhum prefeito pode recusar ou vai recusar. Eu diria que essa parte mais tecnologia, a questão da educação ou a questão ambiental e da sustentabilidade, quando vai apresenta-los, eu julgo que que ninguém, hoje, recusa.

Nós temos a sorte de, independente do partido do prefeito, eu julgo que tem hoje pessoas na prefeitura, e ai eu quero citar a secretaria de comunicação, a secretaria de desenvolvimento, em parte, e o próprio prefeito, que são pessoas jovens e visionárias e que talvez façam parte, não sei, de uma nova geração de políticos. Com certeza com seus interesses, mas eles sabem perceber oportunidades. Então, eu diria que a universidade, hoje, Diadema, está colocando uma esperança (não é uma certeza, porque é sempre um ambiente político e nós não podemos confiar plenamente, mas eu diria que a confiança vem da regularidade do nosso relacionamento).

Por exemplo, tivemos aqui uma reunião, na passada segunda-feira, sobre o atlas ambiental. Veio a secretaria de assuntos jurídicos, porque precisaremos assinar um acordo de cooperação técnica, veio a secretaria de meio ambiente e a de planejamento. Então as três secretarias vieram aqui e eu diria que nós demos início ao projeto. Ali, com essa reunião, todos ficamos com 100% de certeza de que, embora não esteja nada assinado, o projeto irá para a frente. Porque nós temos, hoje, um conjunto de docentes, alunos e alguns técnicos que querem muito contribuir. Temos alunos de outras, da USP por exemplo, interessados em trabalhar no atlas de Diadema. E da prefeitura de Diadema, eu diria que essa proposta congregou muito animo, muita satisfação.

A cerimônia de apresentação do Atlas na prefeitura foi uma surpresa para nós, com o discurso do prefeito, o secretário de planejamento, e essa proposta abriu-nos as portas. E essa abertura de portas é uma oportunidade que nós não podemos desperdiçar de influenciar a política da cidade. Então essa questão do... Eu colocaria a questão da sustentabilidade, que é o equilíbrio... A sustentabilidade é sempre o equilíbrio entre forças que se contrapõe, conflitantes. Claro que a sustentabilidade é pensada em termos macro, mas não precisa ser só pensada em termos macro.

Eu diria que é uma grande utopia que está nascendo aqui. Eu sei que aqui eu sou um grande utópico, mas eu julgo que vários colegas estão começando a ser contagiados e quando eles veem o interesse da prefeitura, eles ficam mais contagiados. É extremamente importante você ter um órgão de gestão interessado na universidade, assim como, para esse órgão de gestão, eles perceberem que a universidade está interessada na cidade. há uma simetria psicológica e emocional. Então eu estou vendo isso com grande esperança. E com grande responsabilidade, por que há muito trabalho que fazer.

Então, eu só, Alex, tentei meio que desenhar... Porque essas coisas elas não vêm sós, né? Eu diria que tudo isso começa com uma crise. Quero dizer, é preciso perceber como que a história ela se desenrola. A história não é feita de grandes eventos, ela desenrolou-se pela crise do edifício da fundação Florestan Fernandes, é assim que a coisa começa. Porque nós não conseguíamos conversar, dialogar com as secretarias. Cada secretaria tem a sua agenda, tem suas prioridades, às vezes são de partidos distintos, não conversam com outras secretarias. E se não tivesse havido a crise do telhado do edifício da fundação Florestan Fernandes, que suscitou uma agenda com o prefeito, suscitou que eu redigisse um ofício e, aliás, a divisão de Infraestrutura

também, que procurava mudar o modo de relacionamento da universidade com a cidade que pediu alguém que conseguisse articular as nossas agendas com as diferentes secretarias.

E só a partir dessa reunião, que o prefeito declarou que nós tínhamos que ter a porta aberta. E nomeou a secretária de comunicação como agente articuladora, além do vice-prefeito. A partir daí, eu julgo que nós começamos a ter as portas abertas. Então, isso foi em 2016. Isso foi... Não na verdade foi o ano passado, foi 2017. Nós já queríamos... Nós começamos a fazer essas reuniões bem antes, 2016 foi ano de eleição, então não conseguimos.

E aquela crise pontual acabou dando origem a toda uma colaboração que se está estreitando. E acho que nós aproveitamos, acho que o campus aproveitou e há uma tarefa que, eu acho que essa é contínua, que é de congregar mais pessoas para esses projetos. Porque eu julgo que nós temos... Eu vejo uma tradição cultural das universidades, aqui, de serem um pouco fechadas, acho que diadema não é diferente, mas eu diria que de alguns anos para cá nós estamos tentando mudar isso.

E a minha visão é que nós temos, aqui, uma oportunidade muito grande. Em um município que é pequeno, muito desafiador pelo seu contexto na área ambiental e a questão da densidade populacional, questão fundiária, questão habitacional. Mas também, por esses desafios, eu diria que ele é um município que pode ser modelo. Pode ser tornado paradigmático, e acho que nós temos, aqui, condições de iniciar esse processo, e também atrair o resto da Unifesp. Porque a Unifesp tem as diferentes áreas que podem complementar essa nossa utopia que está nascendo aqui. E eu tenho conversado com os colegas que estão muito interessados em cidades. Tem colegas em Osasco, alguns, e aqueles que estão vindo para o futuro Instituto das Cidades. Eu acho que no futuro haverá oportunidades de nós termos aqui outros colegas trabalhando, também, em algum projeto em Diadema. É isso, Alex, eu tentei...

A questão da Escola Técnica eu julgo que ela nasce com algumas iniciativas mas ela não tem um desenho ainda. Nós não tivemos uma proposta. A Unifesp não apresentou uma proposta, ela apresentou iniciativas muito objetivas. Porque nos parece que foi um desejo... Aqui em 2011, 2012, havia um projeto de escola técnica de aplicação, mas depois os professores que propuseram essa escola técnica, e como envolvia a contratação de outros professores que não eram da carreira, essa ideia não evoluiu.

Depois, quando a nova direção assume, nós tivemos uma conversa, em São Paulo, com a escola Paula Souza, em que nós queríamos ver com a Unifesp poderia participar de uma rede (por que a Unifesp não tem pernas, principalmente o campus Diadema, não tem pernas para isso), como é que nós poderíamos participar de uma rede de capacitação técnica ligada ao ensino médio de forma que nós pudéssemos capacitar alunos de Diadema para entrar na Universidade. Porque na verdade esse é o nosso objetivo. Seja via educação básica, seja via ensino médio, nós criarmos capacidade das crianças e jovens poderem ter acesso à universidade, que ainda é um desígnio da sociedade brasileira ter mais jovens no ensino superior, se possível, público, não é?

Mas esse é um objetivo que nós, que acho que pela juventude da nossa instituição, eu diria que nós não estamos preparados para isso porque nós não completamos a consolidação do campus. Acho que a Unifesp não completou a sua tarefa de ser organizar, de ser uma universidade plena, portanto, quero dizer, quando você se abre para um tipo de projeto desses, você tem

que estar muito bem organizado. Tem que saber para quê, e ter muitos docentes e contratar novos docentes. Ou fazer parcerias para esse objetivo e nós ainda não estamos lá. Nós claramente não estamos nesse ponto.

Então esse nível de escola técnica, eu diria que, cursos de capacitação, que cá estão a surgir, eles serão muito bem-vindos, com certeza. É preciso dar-lhes relevo na cidade e na região. Julgo que se nós tivermos cada vez mais esses cursos de capacitação consolidados, talvez eles possam ser o embrião dessa escola técnica.

Eu diria que essa idéia do [nome omitido] ainda não está formalizada. Ninguém a formalizou. A Unifesp formalizou as propostas que tinham condições para executar. Isto é, aqueles recursos humanos que nós dispomos e que estão dispostos a fazer determinados projetos, nós, como instituição, podemos apresenta-los como proposta. Escola técnica nós ainda não temos essa condição e não temos essas parcerias.

[0:37:36] **PESQUISADOR**: Essas propostas que já foram apresentadas e que estão sendo apresentadas quais são mais precisamente?

[0:37:42] **ALEXANDRINO**: Pronto. Novas propostas eu diria que há duas. Uma delas é segmentar, é reconhecer, consolidar a nossa contribuição na área de educação formal e informal. Então são coisas que já acontecem, mas que elas precisam ser reconhecidas, terem um lugar. Acho que isso vem muito ao encontro da câmara de extensão, [nome omitido], de criar uma escola de extensão. Então ele está propondo a escola aberta da terceira idade, agora, e também um curso de capacitação na área de alimentos, de educação alimentar, por exemplo. Só que nós temos um grande leque de potencialidades. Então a escola de extensão poderia ser parte de uma escola técnica. E isso é uma proposta que está ai.

[0:38:35] **PESQUISADOR**: Isso é uma proposta do [nome omitido]?

[0:38:36] **ALEXANDRINO**: Da câmara de extensão. É uma ideia dele, é uma coisa que tem muito sucesso na Unicamp, por exemplo, há um edifício de escola de extensão na Unicamp. Ela é altamente reconhecida pela região. Então essa é uma proposta que, eu diria, que ela está nascendo, mas ela não foi apresentada à prefeitura porque ela também não apareceu aqui como algo consolidado. Então eu acho que ela percorrerá o périplo da extensão e talvez um dia ela possa ser apresentada.

A segunda é a ideia de polo tecnológico. Que eu já falei. Então o polo tecnológico seria um espaço gerido pela cidade em que a Unifesp seria perceira, em que nos pudéssemos ter... seria um espaço de capacitação profissional, seria um espaço de incubação de novas empresas, e ai os nossos jovens egressos poderiam, de certa forma estar ligados a este espaço, se tivessem esse interesse. Seria um espaço onde poderíamos ter dois laboratórios tipo na área de materiais e outro na área de bioativos, em que os nossos professores e alunos e técnicos ou engenheiros das empresas pudessem interagir e fazer projetos conjuntos, à luz do marco da Ciência e Tecnologia, que foi regulamentado esse ano, que permite tudo isso.

Por exemplo permite que nossos pesquisadoes sejam contratados além daquilo que é o seu salário, possam ser contratados por outros projetos, por empresas. Isso permite, tudo isso é legal. E seria um espaço, também, que funcionaria como uma agência de fomento, onde projetos conjuntos entre a universidade empresas (que envolve ai a questão de propriedade intelec-

tual, nós temos nosso núcleo de propriedade intelectual) tudo isso pudesse ser gestado ai.

O que nos falta hoje na universidade é um escritório. Nós temos um núcleo de inovação, mas ele não tem capacidade de funcionar como agência de inovação. Uma agência de inovação tem que fazer projeção da instituição. Os pesquisadores têm que fazer aquilo que lhes cabe, que é ter as ideias, escreverem seus projetos acadêmicos, mas eles não devem fazer a gestão. Porque, na verdade, é toda uma área especializada que envolve negociação com empresas e os nossos pesquisadores não devem fazer isso. Por um lado porque eles não estão apetrechados naquilo que são as necessidades de um gabinete de relações públicas (muitas vezes o pesquisador não tem esse discurso) e por outro lado por uma questão de segurança legal, porque é uma negociação que tem que ser feita dentro das regulamentações que estão sendo criadas na Unifesp. E a Unifesp tem criado essas regulamentações. Ainda lhes falta alguns instrumentos pra gerir. Então nós precisamos de uma agência que tenha interesse de levar avante essas parcerias. Se os nossos pesquisadores tiverem que fazer isso, eles vão deixar de fazer aquilo que eles fazem de melhor, que é pesquisa, formar gente, ter ideias. Então nós temos um problema de gestão.

A terceira proposta, ela decorre do Atlas Ambiental, mas não é o atlas ambiental. O atlas ambiental é um projeto simples. Ele é materialmente simples. Claro que ele envolveu todo um conjunto de conversas, mas é basicamente fazer uma plataforma digital, um livro, com mapas e textos explicativo de vários contextos espaciais da cidade. Mas, na verdade, a ideia é criar um parque, e ai vem, mais uma vez, a partir de um problema, tentar encontrar algo que resolva o problema e atenda a algum grande projeto que nós temos. Uma idéia que é antiga, que não diria antiga, tem talvez três anos, foi a última vez que nós nos debruçamos sobre isso que foi qual seria o destino do nosso terreno ali na área do Morungaba. Houve a possibilidade de permutar esse terreno por causa da nossa moradia estudantil mas isso, enfim, não foi avante.

A partir daí houve várias conversas formais e informais sobre a possibilidade de ser um parque da cidade. Um parque ecológico, uma unidade de pesquisa, ensino e extensão avançada da Unifesp, talvez com algum módulo museológico ligado à Billings. E o que é fato é que nós temos vários pesquisadores, por exemplo a professora [nome omitido], o professor [nome omitido], que têm desenvolvido, nos últimos anos, pesquisas sobre a Billings. Na área ambiental, um dos grandes desígnios da cidade, embora a cidade tenha apenas uma gestão limitada sobre a Billings, é a cidade estar inserida em algum projeto de recuperação da Billings e das suas margens. E nós temos ali aquele terreno.

Então a ideia de associar esse parque, que seria um parque aberto à cidade, gerido pela cidade. Um parque da cidade em que a Unifesp seria parceira, que pudesse ter essa unidade avançada da universidade, um módulo museológico simples digital sobre a Billings (diz-se que a Billings será um dia navegável, que existe esse projeto, na área metropolitana de São Paulo). Sei que a cidade tem o desejo de fazer daquela área uma área, entre aspas, nobre, como já foi, não como já foi, mas nobre, que possa ser usada, possa ter trilhas, ou ciclovias à volta da represa, enfim, o que seja.

Então, associar a isso um centro de tecnologia da informação que seria o observatório da cidade. E essa ideia vem de uma ideia do [nome omitido] (pra fechar um pouco o arco). Uma ideia do [nome omitido] que ele disse: “Não, porque não se pensa em trazer uma grande empresa de T.I., de inteligência de comunicação lá para perto da Billings?” E aquilo surgiu assim,

parece estranho. Aquilo é uma área que a gente quer para um parque ecológico. Então quando você pensa nisso com uma grande multinacional, isso parece um pouco paradoxal.

Mas quando nós pensarmos que isso também ligado à ideia da cidade inteligente... O [nome omitido], é um egresso da UFABC, na área de computação, tecnologia da informação. Ele foi contratado pela secretaria de comunicação. E foi ele que trouxe a ideia de cidade inteligente. Ele foi a Curitiba, ao Encontro Nacional de Cidades Inteligentes, e trouxe... (tem Curitiba, tem Maringá, que são cidades, que os prefeitos já colocaram isso como política) e ele trouxe dez pontos para que o prefeito pudesse se pronunciar e o prefeito topou esses dez pontos, sendo que um deles é a criação de um centro de dados da cidade.

Então o que a gente pensou? Olha, o [nome omitido] propôs aquilo, a questão de trazer uma grande empresa. O [nome omitido] está pensando no centro de dados da cidade. E nós, com o atlas, criaremos um banco de dados. Então, porque não associar essas três ideias? Claro, não precisa ser uma grande, porque a ideia do [nome omitido] seria ter um centro de dados da prefeitura. Mas o [nome omitido] disse: "Não, vocês vão fazer isso, vocês só vão criar complicações para a prefeitura. Façam uma parceria com uma empresa porque eles criam isso, vão lucrar, a empresa vai gostar de ter seu nome associado, e a cidade vai lucrar". Isso é algo que não tá desenhado, mas porque não instalar isso, porque nós sabemos que temos alguma capacidade construtiva, limitada, lá naquele terreno, porque não fazer lá? Um edifício que fosse o coração e o cérebro da cidade nessa ótica, cidade inteligente, cidade sustentável.

Então, na verdade, são duas propostas associadas a espaço. O pólo tecnológico, a secretária de assistência social disse-me que eles têm um terreno perto do Paço. E parece-me uma outra ideia. Nós temos um terreno que podemos negociar com a cidade e eu pedi autorização à nossa Congregação para negociar essa ideia. Então essa ideia foi apresentada nesse encontro como uma ideia. Mas para nenhuma delas existe um projeto. Então são coisas que estão nascendo, e que precisarão de trabalho, ainda.

[0:48:04] **PESQUISADOR**: Você citou muitas coisas que estão nesse processo de gestação. Na sua opinião, como é essa história da Unifesp nesse sentido, desse processo que em 10 anos, tem alguns iniciando agora, o que estava para trás disso, o que aconteceu?

[0:48:21] **ALEXANDRINO**: A Unifesp nasce em diadema. Aliás, seria interessante falar com a ex-diretora, professora [nome omitido], porque ela quem tem essa história. Eu tenho a história que ela me contou, que outros me contaram. Eu só estou aqui desde 2010, não participei de tudo. Aquilo que foi contado é que a Unifesp nasceu de um projeto muito associado àquilo que eram as demandas da cidade de Diadema, àquilo o que eram as demandas dos industriais de Diadema, e associado, também, a um projeto político.

Naquela altura, havia um projeto de dotar a periferia de São Paulo e muitas das prefeituras eram do PT, com universidades públicas e gratuitas. Um projeto de intervenção política nessa área. E que esteve ligado à expansão das universidades federais, públicas. Mas a Unifesp nasce aqui... Se você for ver o primeiros documentos, a ideia da inserção no tecido socioeconômico, industrial, da região já é claro. Por isso ai a [inaudível] da química. O campus nasce como o instituto, uma escola de raiz tecnológica. E só quando é cedido ao campus o terreno do Morungaba, isso tudo se passou ali em 2005, 2006, é que surge a questão ambiental. Então, o campus nasce com essa vertente química e farmacêutica, para isso ele necessitava do aporte das ciências biológicas

e das básicas, então, matemática e física. A engenharia química é um pedido expresso do [nome omitido]. Ele não pediu só engenharia química, pediu engenharia eletrônica porque, na visão dele, eram as engenharias que mais poderiam contribuir com o parque industrial da cidade.

Então isso nasce dessa forma. A questão ambiental vem depois, o curso de ciências ambientais só nasce em 2010, enquanto que os outros abrem em 2006, 2007. Eu diria que essa ideia de instituto tecnológico, tanto que a escola de aplicação foi pensada... quem terminasse essa escola sairia com um diploma de técnico em química. Então eu diria que.... Até no discurso da professora [nome omitido], na altura via-se claro que a ideia dela era de um instituto (como existem muitos, aliás, muito na Europa que são unidades satélite das universidades mães, que são plenas, que são vocacionadas para áreas específicas e muitas vezes vocacionadas para relação muito direta com a indústria).

Tanto que, quando se dá a expansão geográfica do campus Diadema, que nasce ali no Eldorado (ali não tem espaço para crescer, principalmente nas áreas tecnológicas), e ele vem para cá [centro de Diadema], a professora [nome omitido] dizia: "Não, aqui vai ser um campus tecnológico. Temos a metalomecânica, aqui, a metalúrgica, vamos fazer um centro de desenvolvimento e produção de fármacos. Havia, na altura, a ideia de ter uma fábrica de produção de fármacos para fazer toda cadeia, além da farmácia escola, que é um projeto de extensão, mas ele é uma necessidade do curso de farmácia, isso é outro projeto que está em gestação ainda hoje.

Então, isso é desenvolvido. Eu diria que até 2010, 2011, essa era a ideia, e a prefeitura de Diadema, principalmente o prefeito até 2009, 2010, agora eu não sei quando é que o José de Filippi saiu. Nós tivemos eleições 2012, 2016, portanto 2008, 2012. Em 2008, 2012, a prefeitura continua do PT mas há um outro prefeito que, apesar de ser do mesmo partido, ele dá muito menos apoio à universidade quando, na verdade, ela mais precisava. Então houve um prefeito que era muito entusiasta do projeto, aliás foi ele que trouxe a universidade para cá. Depois vem um outro prefeito que tem uma perspectiva mais, eu diria, afastada da universidade e, depois, vem a atual gestão da prefeitura, que vai para o segundo mandato.

Então, o que aconteceu é que, primeiro, esses projetos não foram avante porque nós não conseguimos nos consolidar em termos de espaço. O campus não aconteceu nesse histórico. Ao não acontecer não permitiu, realmente, que esses projetos fossem avante. E que nós consolidássemos a nossa relação com a cidade. E eu diria também que essas ideias ficaram muito em conversas restritas. A universidade, no início, tinha eu diria, talvez tantas atividades de extensão como tem hoje. Em escolas, palestras. Mas por alguma razão que eu não sei explicar, ou talvez eu saiba explicar, elas não foram... nada disso foi tornado como um projeto institucional, não foi institucionalizado com a prefeitura.

Então nós tivemos muitos projetos avulsos, muito importantes, muita gente trabalhando, docentes, alunos e técnicos, mas eles acabaram não tendo impacto na história. Tanto que depois, em 2012, a prefeitura muda. Em janeiro de 2013 a prefeitura muda, a reitoria muda, e ai dá-se um corte na relação com a cidade porque a Unifesp em Diadema apoiou um dos lados. Essa é uma interpretação, enfim, pode haver outras interpretações, é a forma como eu vi isso de perto na altura dessa transição. Havia um grupo de planejamento estratégico na altura e nós estávamos ali do lado da direção, conversamos muito com a diretora, professora [nome omitido], e isso era o que ela nos dizia, mas você pode conversar com ela, acho que é interessante. E ela

nos disse que, primeiro, ela não tinha mais a confiança da prefeitura da cidade, porque ela era alinhada com o outro lado, que era o PT, e quem ganhou foi uma aliança PV, PSDB, PSB. E ela também desconfiava do prefeito que ganhou e isso não permitiu a... A direção teve mais um ano, depois houve uma mudança de direção, e nesse ano muita coisa se perdeu.

Havia um convênio muito importante para a Unifesp e para a cidade que era um convênio na área de saúde, e não envolvia só Diadema, envolvia São Paulo. Era um projeto de residências de alunos de medicina que iam para os hospitais da cidade. Houve problemas e uma das primeiras coisas que a secretaria de saúde da nova gestão da cidade fez foi cortar com a Unifesp. Isso gerou uma muito má imagem da Unifesp perante a prefeitura, essa nova gestão. Então houve, ali, um corte com a Unifesp, e eu diria que durante dois ou três anos, a Unifesp se esqueceu da cidade porque nós passamos por uma crise aqui dentro. Tanto a Unifesp, porque mudou de reitoria e muitas coisas mudaram, e houve um período de transição com a renúncia da direção aqui, e uma renovação com professores que não tinham experiência, nem sabiam da história. E nós estávamos num processo de finalização do nosso plano diretor, que foi um processo muito político, muito de costurar a comunidade depois de ela estar num processo de luta, uns contra os outros. Então, eu diria que foram dois anos de recuperação da nossa capacidade de nos organizarmos internamente, tanto na área acadêmica mas muito na área administrativa, em que nós terminamos o nosso plano diretor e, pela primeira vez, nós tivemos um vislumbre do que será o nosso futuro. Nós sempre tivemos muita dificuldade de perceber exatamente como seria o futuro do campus em termos espaciais porque muitas coisas foram falhando. O Morungaba ia ser a cidade universitária, não pôde ser e ia haver aqui um edifício de pesquisa e o edifício didático, eram para estar prontos em 2012 e não aconteceu, então o campus tornou-se muito desconfiado de tudo o que eram projetos sobre o campus e ainda hoje é.

No entanto, esse projeto veio terminar uma discussão, e a discussão era, vamos ficar (isso também existia) vamos ficar aqui em Diadema, uma cidade que não nos deu condições? Esse discurso existia em muitos colegas. Então, eu diria que nós só viemos a recuperar esse interesse em 2016. Quando nós fomos apresentar o nosso plano diretor, porque nós queríamos buscar apoio da região e da cidade para financiamento dos nossos prédios, isso foi em 2015, 2016. Nós fomos à câmara municipal por duas vezes. E conversamos com muitos vereadores, na altura. Nós tínhamos alguns vereadores que nos apoiaram mas outros que eram muito críticos relativamente à universidade ter vindo para cá e, na visão deles, ela não ter contribuído como ela poderia ter contribuído para a cidade. Então ali nós percebemos que havia várias questões e desafios a vencer no futuro.

E a partir de 2016, nós começamos a ter uma estratégia mais proativa. Diria que nós nos fomos organizando. E também por interesse, porque... por visão, mas também por interesse. Porque no contexto da crise que, entretanto, o Brasil começa a passar, nós percebemos que o financiamento público, principalmente do MEC, para o nosso plano diretor do campus, já não ia ser nem rápido, nem fácil, nem garantido. Então houve, numa primeira fase, uma tentativa de apresentar o projeto no Consórcio Intermunicipal do ABC. Nós pedimos que o prefeito nos organizasse uma reunião do consórcio. Fomos lá apresentar o projeto. Mas, no entanto, em 2016, Diadema sai do consórcio. Então também não conseguimos por ai, que isso se concretizasse.

E é quando nós, de certa forma, desistimos um pouco da ideia de pensar que essa construção

dos nossos edifícios iria ser rápida. Eu acho que nós mantivemos uma esperança até 2016, de que essa consolidação iria ser rápida, e que a nossa solução estava ali. O campus, durante muitos anos, pensou: "A nossa solução está nos prédios". E eu acho que todo mundo colocou o seu pensamento nisso, esquecemos um pouco os projetos com o nosso entorno. Porque isso era para depois. Eu acho que em 2016 nós resolvemos essa questão meio psicológica de dizer assim: "Não".

E eu acho que também tem a ver com o discurso que a direção assumiu a certa altura, até relativamente a outras questões). O discurso que foi assumido foi: "Olha, nós teremos, sim, o edifício de salas de aula, o edifício didático, os outros nós temos que pensar que pode ser daqui a dez anos. Então, nós vamos ter que cuidar do que nós temos. E fazer o máximo possível com o que nós temos. Não vamos ter mais. Nem mais espaço, e recursos nós vamos ter que ir buscá-los, vamos ter que construir parcerias. A partir dessa visão que eu acho que a Unifesp, em Diadema, renasceu. E nós passamos a tentar cativar os colegas a irem lá no baú e ressuscitar essas ideias dos projetos. Porque o que estava acontecendo aqui não é criar nada do novo, é, sim, criar um contexto, um ambiente em que as pessoas se sintam motivadas a agir. De ideias está o inferno cheio. Agora de ações, de pessoas querendo trabalhar, e trabalhar de forma organizada com estratégia, com método, com objetivo, isso na universidade é mais difícil porque em geral os docentes tem os seus projetos individuais e isso basta para terem a carreira deles garantida.

Então, acho que isso é o que existe de novo aqui. E julgo que isso não existiu lá atrás porque quando a Unifesp [em Diadema] começou eram 40 docentes. 40 docentes é meio que uma grande família. Então ela pode ser gerida, do ponto de vista humano, você não precisa de um sistema. Então, uma pessoa pode conversar com todo mundo. Em cada semana, eu, como diretor, consigo conversar com 40 pessoas. A partir do momento que nós nos tornamos 260 (mais docente, menos docente, isso é dinâmico) é impossível. Então, a direção (e acho que isso e parte do que aconteceu na crise), por pior ou melhor que seja a figura do diretor, eu acho que o que explica a crise, assim, em termos macro, é que houve uma incapacidade de organizar a instituição para que esses 260 docentes estivessem inseridos tanto naquilo o que é o dia-a-dia, como qual é o caminho. Isso perdeu-se. E ai, veio um certo caos e ai veio uma crise. E na crise todo mundo perdeu o caminho. O seu caminho individual não, porque isso todo docente universitário sabe qual é o seu, ele tem uma carreira e quer chegar lá. Agora o caminho institucional perdeu-se.

Então eu diria que o que nós recuperamos, nos últimos dois anos, foi essa visão de caminho. Ela ainda não está documentada, ela ainda não é clara para todos. Porque, antes disso acontecer (eu espero que isso fique como ideia, pelo menos, quando eu sair da direção), porque antes de aparecer ela tem que ser consolidada. E todas essas ações que nós tivemos nos últimos dois anos que são ações que são grupos, muitas vezes as mesmas pessoas mas outras vão sendo adicionadas, é como construir esse projeto sem existir, mas eu acho que na verdade ele já existe.

Talvez a única pessoa que tenha a visão toda desse projeto possa ser eu, porque eu estive envolvido na maior parte dessas ações. E diria, também, que a primeira imagem do que ela é, de forma muito geral, apareceu nessa reunião. Que é essa tríade, educação, desenvolvimento econômico, associado a tecnologia de vanguarda e plural e a questão da sustentabilidade ligada a uma cidade inteligente e altamente tecnológica. Acho que isso está surgindo. E, dado um

conjunto de pessoas que hoje está envolvido, de forma voluntária, porque são ideias pelas quais não há obrigatoriedade das pessoas estarem inseridas nisso, não há vantagem, portanto eu acredito, que aqueles que estão envolvidos hoje, assim como a prefeitura... Porque também não há, digamos que a prefeitura não necessita propriamente de estar engajada nesses projetos para ter sucesso político. Se tivesse em outro tipo de sociedade, sim, mas eu diria que a sociedade de Diadema, ou até mesmo a brasileira, não exige isso dos governos. Então, o fato da prefeitura de Diadema estar engajada me dá uma certa confiança, eu acho que isso vai continuar, vai crescer.

Então essa é um pouco a história. Eu acho que nós... A questão da institucionalização. Houve um momento em que nada era institucionalizado porque ela familiar. Era familiar. Era tudo personalizado. Hoje nós estamos dando um salto. Dando, porque eu acho que isso não terminou ainda, que é nós nos organizarmos como instituição. Quando estivermos organizados, com um rumo, a exemplo do nosso Plano Diretor, que nos dá um rumo, e esse rumo estratégia, academia, de projeção, quando isso estiver desenhado, eu julgo que, aí sim, nós estaremos preparados para o futuro. Para já ainda não estamos. Mas estamos a caminho.

[1:06:35] **PESQUISADOR**: Perfeito. Você comentou de uma crise de confiança com a prefeitura. Isso foi antes do atual prefeito assumir.

[1:06:45] **ALEXANDRINO**: Foi logo depois dele assumir, na verdade.

[1:06:46] **PESQUISADOR**: Essa crise foi com o atual prefeito.

[1:06:50] **ALEXANDRINO**: Foi.

[1:06:51] **PESQUISADOR**: Essa confiança foi quebrada com esse prefeito e foi reestabelecida com esse mesmo prefeito.

[1:06:55] **ALEXANDRINO**: Sim. 2013. É uma nova gestão da prefeitura, que assume em 2013. E ai houve uma dificuldade, nesse ano, de ter um relacionamento com a prefeitura e isso dito, então, pela diretora. Porque eu, pessoalmente, não participei de nenhum tipo de reunião.

[1:07:15] **PESQUISADOR**: Perfeito. Mais anteriormente, você falou dessa proximidade das indústrias com a universidade, para formar os grupos. Nessa proximidade, vieram as indústrias, personalizadas, elas mesmas, ou vieram representantes delas, como a Ciesp, e outros.

[1:07:36] **ALEXANDRINO**: Pelo o que eu conheço sempre houve um relacionamento via Ciesp. Eu não tenho conhecimento de encontros organizados entre as indústrias e o nosso parque de pesquisa e inovação. Tanto que, em 2014, ainda antes de nós assumirmos, nós fomos a uma reunião com a Ciesp para visitar um terreno, nas margens da Imigrantes, para uma eventual escola de engenharia. Que, aliás, é um projeto que está inscrito dentro daquilo que foi o processo participativo do Plano Diretor de infraestrutura. Há vários projetos que, na altura, foram pedidos à comunidade, para os cenários de 10 anos, 20 anos. Então, há um projeto de escola de engenharia aqui, para Diadema. Talvez não aqui, mas enfim. E fomos visitar um terreno muito bom, um terreno, assim, plano, pronto a construir, de uma empresa que chama Mazzaferro.

Antes tivemos uma reunião, e nessa reunião o [nome omitido] disse que nós precisávamos organizar reuniões entre os nossos pesquisadores e os industriais. Que é isso o que faltava. E nós perguntamos: “Quantas industrias você acha que têm em Diadema na área de materiais, metalomecânica, que terão interessem em vir conversar conosco?” Ele disse: “Poucas, porque

o parque industrial é muito feito de fábricas que não veem a inovação como uma necessidade, mas a gente precisa construir essa plataforma." O que é engraçado é que essa plataforma não surge pela Ciesp. Ela surge via prefeitura. E eu acho que a Ciesp, apesar do discurso do [nome omitido], ela teve dificuldades em se propor a organizar aquilo que, depois, a secretaria de desenvolvimento organizou, que foi o arranjo produtivo local na área dos cosméticos. Ai sim, ai você teve uma congregação da secretaria de desenvolvimento, técnicos da prefeitura, a Ciesp, mas chamado um pouco pela secretaria e as indústrias da região e perceber o potencial da região e colocar as indústrias em contato com as empresas que fazem inovação. E ai a Unifesp participa, porque nós temos aqui um grupo forte nessa área.

A partir daí há oportunidades com algumas empresas. O problema é que a Unifesp não estava preparada, do ponto de vista de administrar esse tipo de parcerias, para atender ao que as empresas queriam. Então, houve ai... Havia ainda uma lacuna, que eu acho que nós estamos mais próximos de preencher. O que aconteceu é que os nossos pesquisadores desanimaram, um pouco, porque as empresas estavam interessadas e eles não puderam formalizar parcerias. E eu tenho questionado a ideia do polo tecnológico e nós, na verdade, consolidarmos essa proximidade. Então o que eu disse: "Olha, nós temos um arranjo produtivo local na área dos cosméticos, mas os cosméticos estão inseridos numa rede, que nós chamamos de bioativos. Temos cosméticos, temos fármacos, e temos alimentos. E temos, também, embalagens ou vetores de administração, o pessoal da engenharia que faz isso, desde nanotecnologia até embalagens, injetáveis, o que seja.

Então, o que nós pedimos é que isso fosse via secretaria porque eu acredito, hoje, sinceramente mais da capacidade da secretaria do que na Ciesp. Eu gosto muito do [nome omitido], do discurso dele, mas eu julgo que faltou ser mais proativo. Porque nós... A Unifesp tem mais dificuldade, não tendo uma agência de inovação, nós temos mais dificuldade, então nós precisamos da prefeitura e dos industriais.

Então, o polo tecnológico viria para formar um espaço de interação em que as indústrias se sentissem confortáveis para vir e tivessem o seu caderno de demandas e laboratórios equipados para vários tipos de pesquisa e algum que pudessem ser desenvolvidas pesquisas conjuntas. Então, acho que a ideia é um pouco essa, mais uma vez. O que nós vemos assim como nós, na inovação, nos falta um escritório de inovação, quando nós vamos nos relacionar com a Ciesp e com a cidade, nessa área do desenvolvimento, o que falta? Falta a gestão do processo.

Então, por exemplo, esse grupo de inovação, enquanto ele foi gerido pela Ciesp nós sentíamos que ele não tinha um rumo, isto é, eu diria que aquelas instituições, ali, nenhuma delas, se sentia confortável em liderar porque a partir do momento em que se lidera, gera uma responsabilidade, e nenhuma delas queria fazer isso. Quando o processo é gerido pela prefeitura, bom a prefeitura está aí mesmo para gerir, porque se trata de uma política pública de inovação. Só que a cidade não tinha uma política pública de inovação, agora vai passar a ter. E terá um conselho municipal de inovação. Essas são duas coisas que o prefeito aceitou. Então, eu diria que é importantíssimo. Eu acho que...

Na verdade, tudo o que nós estamos pensando, se nós não tivermos isso inserido em alguma política municipal provavelmente não terá sucesso. Porque, porque o [nome omitido], eu julgo que ele tem boas intenções, tem um discurso, mas ele tem claras limitações de ação.

Nós, na universidade hoje sabemos onde podemos contribuir, mas temos muitas limitações de ação. Então, não temos um campus, nem temos um parque tecnológico nosso. Nós não temos. Portanto, se não for a cidade a agarrar nessas questões e dar-lhes um rumo e uma organização, eu julgo que nós teremos dificuldades.

Então julgo que a cidade está fazendo isso. Na educação por exemplo, também, é mais difícil, porque você tem o [governo do] Estado. Então, quando nós tentamos fazer parcerias com o município e com o estado percebemos que há ali agendas diferentes. O Estado muito maior e tem suas agendas que vem centralmente. Tem um cronograma para todo o ano já com feiras. Então quando nós quisemos fazer a feira com o estado (sendo que foi, contraditoriamente, a própria secretária de ensino do Estado que lançou a ideia de uma feira de ciência e tecnologia) quando nós propusemos um embrião eles não conseguiram participar, porque já tinham uma agenda estadual.

Então, realmente precisamos de lideranças que cativam, motivam, que dão confiança e que organizam. Elas são muito importantes. E aí nós vemos acidade como o grande eixo diretor, porque a universidade tem muita dificuldade, ainda tem poucas pessoas que estão, que querem fazer isso, ou que tem como função fazer isso. A direção, sozinha, não consegue fazer isso. Então acho que, mais que as boas ideias, você precisa de bons projetos, com cronogramas e ações objetivas mas, como todo planejamento, você precisa de gerir esse planejamento, e muitas vezes a gestão são as pessoas. E a gestão, eu diria, que é um atributo que não está muito bem distribuído na humanidade. Nós precisamos, também, capacitar para gerir pessoas. Eu diria que os agentes, uma pessoa que possa ser moderadora, articuladora, motivadora, num grupo, ela é essencial. Mas a universidade pode, também, multiplicar essas pessoas. Quando você injeta uma ideia e a pessoa é contagiada, essa pessoa torna-se multiplicadora dessa ideia. Eu espero que nós estejamos fazendo um trabalho para que isso possa ser multiplicado.

[1:16:34] **PESQUISADOR**: Perfeito. A gente levantou muito mais questões do que eu imaginava que a gente pudesse levantar. Acho que as questões que eu tinha para responder elas foram respondidas, amplamente respondidas e abre uma série de outras questões, agora, que eu vou sair correndo atrás de quem possa responder. Eu queria te agradecer muito.

[1:16:59] **ALEXANDRINO**: Prazer!

[1:17:00] **PESQUISADOR**: Já é mais do que suficiente, é mais do que eu estava esperando. Agora tem algumas soluções e tem alguns problemas que se criam daqui para frente, em termos de pesquisa, que não são problemas, são questões que eu vou ter que avaliar, buscar quem me fale mais precisamente. Então, por exemplo a professora... a ex-diretora.

[1:17:21] **ALEXANDRINO**: [nome omitido]

[1:17:22] **PESQUISADOR**: A professora [nome omitido], a câmara de extensão, já ir atrás dessas pessoas.

Eu fiz um questionário para aplicar entre os técnicos e os doentes. É uma coisa muito mais simples do que essa conversa e ela é bem objetiva. É mais do ponto de vista urbano do que dessa visão mais macro, que é com relação ao local de moradia, deslocamento para o campus, o que as pessoas percebem do seu contexto, desde que começaram o trabalho. Eu pedi para a diretoria administrativa que encaminhasse isso aos técnicos e eu vou pedir para vocês, se pude-

rem, encaminhar isso aos docentes...

[1:18:03] **ALEXANDRINO**: Claro!

[1:18:03] **PESQUISADOR**: ...que possam, quem tiver o interesse e puder colaborar com a pesquisa. Então, eu passo o e-mail para a [nome omitido]?

[1:18:10] **ALEXANDRINO**: Sim, por favor.

[1:18:10] **PESQUISADOR**: E ai, se vocês puderem encaminhar isso... Eu vou encerrar a gravação agora, mas... Assim que eu tiver a transcrição feita eu encaminho também para vocês.

---------- FIM DA PRIMEIRA PARTE ----------

[0:00:01] **ALEXANDRINO**: Tem a ver com o observatório. Eu falei da questão do observatório da cidade. Na verdade, essa ideia, não a ideia, mas o projeto, ele surgiu de uma conversa que nós dois tivemos com o professor [nome omitido] e a professora [nome omitido], em que nos foi relatado que há, neste momento, um movimento na Unifesp de criação de observatórios da universidade nos municípios ou nas regiões em que esses campi estão sediados. Então alguns são sobre a violência, outros são sobre habitação, outros são sobre impacto que o campus está tendo no bairro onde está sediado, enfim, várias coisas.

Mas então, acho que nós estamos nos inserindo no interesse que existe já na Unifesp que está sendo criado por esse tema cidades. E cidades sustentáveis. Cidades e desenvolvimento sustentável. Que é um tema de internacionalização da Unifesp. E que é um tema que está no mundo. Então a Unifesp, eu julgo que ela está se procurando inserir nesse tema que está aqui próximo de nós por que nós temos exemplos aqui na USP e em outras universidades.

Então acho que isso é importante, que essa inserção nossa em Diadema ela vem julgo que num contexto que é regional, institucional e global. O que também nos faz ter confiança de que teremos sucesso. Teremos muito o que conversar!

[0:01:43] **PESQUISADOR**: Uma última questão que me veio agora e eu tinha esquecido de perguntar antes, você citou o campus santo amaro como extensão, e que há uma parceria com a prefeitura de São Paulo, mais diretamente com a secretaria de meio ambiente de lá. Citou também alguma conversa com o consórcio do ABC quando Diadema ainda era parte. Nesse sentido eu te pergunto: nos municípios que não são Diadema, o campus tem tido conversas com esses munícipios que são vizinhos nossos? Por exemplo, São Paulo, está aqui do lado, a divisa é aqui em cima. Há uma conversa, com esses outros municípios da região, como há com Diadema, ou Diadema tem sido alguma exclusividade?

[0:02:33] **ALEXANDRINO**: Não tem havido. Não tem havido acho que por incapacidade nossa de gerir esse processo de conversas e de criação de um ambiente de confiança. Diadema foi claramente o foco nesses dois anos que nós temos essa estratégia.

O que eu percebi, conversando com alguns colegas nossos, por exemplo, eu posso lhe citar um nome, que é o professor [nome omitido], e que eu desde 2015, 2016, conversei já algumas vezes com ele sobre nosso plano de desenvolvimento institucional. E conversava com ele sobre a questão da sustentabilidade e essa inserção nossa, Guarulhos nesse caso, mas Osasco também, nessa megalópole e nesse espaço metropolitano. E ele dizia que ele está muito interessado no que nós temos para propor em Diadema porque a área dele é a história do direito Am-

biental. Então ele tem um grande interesse na área ambiental também. Ele dizia que nós temos que fazer algum tipo de projeto ligado a recursos de água, aquíferos, ou as próprias represas aqui em São Paulo. E que nós tínhamos que unir vários Campi e fazer um projeto para toda a área metropolitana. E eu julgo que hoje isso está sendo cada vez mais articulado junto com esses docentes que entraram para o futuro Instituto das Cidades, que estão fazendo extensão lá na zona leste. Mas no entanto, nós não tivemos muito contato ainda.

Porque? Porque eu julgo, também, que nós tínhamos pouca coisa a apresentar, sinceramente. Então aquilo que nós apresentamos, apresentamos aqui como um projeto de uma docente que depois agregou vários, e tem alguns técnicos também e alguns alunos. A partir do momento em que nós apresentarmos esse projeto... E eu, antes ainda dele ter sido apresentado, ter tido um pouco de relevo na informação aqui na Unifesp e na cidade [Diadema] eu declarei, várias vezes, no conselho universitário que nós, a partir do momento de crise, nós tínhamos um claro objetivo de fazer de Diadema nosso modelo de Estudo. Isso também foi apresentado como ideia no congresso acadêmico da Unifesp em 2017 (ou 16? Agora já não lembro, acho que foi 17, o ano passado, também). Porque a Unifesp estava em busca de um sistema e até havia a ideia de ter a Ilha Comprida como sistema. Um sistema mais ligado à ecologia, a sustentabilidade, mas tem uma cidade também lá. Mas eu logo ali vi que cada um estava em busca do seu sistema. Então Santos estava com essa ideia da cidade dos sete municípios da Baixada, Guarulhos também. E eu vi que nós não iríamos, rapidamente, ter um sistema Unifesp. Que é basicamente uma unidade avançada de ensino, pesquisa e extensão, em parceria com prefeitura ou algo assim. Então eu percebi que era, também, estratégico nós garantirmos o nosso modelo e vários colegas diziam: "Não, Diadema é fantástica!" Pessoas que viveram aqui desde 2006, 2007. "Diadema tem uma história fantástica, nós temos que trabalhar aqui porque aqui nós temos a confiança das pessoas". Então é uma questão de escala.

Eu julgo que hoje em dia e, principalmente as universidades, elas têm muita dificuldade em estabelecer relações de confiança institucional. Uma coisa são indivíduos. Indivíduos estabelecem relações de confiança com grupos. Nós aqui estamos entanto estabelecer uma relação de confiança institucional. Proximidade entre um conjunto de pessoas e instituições. Eu acho que isso é mais difícil de ser conseguido numa escala maior. Por isso... Pessoalmente eu acredito nisso, não sei se essa será a estratégia no futuro, mas eu julgo que tem vários colegas convencidos disso. Que se nós conseguirmos algo, modelar algo paradigmático aqui em Diadema, nós muito mais rapidamente conseguimos o reconhecimento. Por que a estratégia é, Alex: não é apenas local, a questão ambiental aqui, a estratégia é: Atlas (paralelamente você vai criar parcerias no âmbito do tema cidades com universidade no Brasil e as líderes lá fora. Até aquela pergunta do secretário sobre pesquisa de origem-destino.

Fortaleza resolveu isso porque tinha um arquiteto que fez doutorado na Universidade do Arizona em sistemas inteligentes. E ele fez essa parceria e hoje Fortaleza é um exemplo. E fortaleza também teve um projeto que lhe garantiu 700 milhões de reais, ou dólares, já não lembro, do Banco Mundial. Então, eu já falei disso em várias ocasiões, nós queremos inscrever Diadema como uma das cidades que têm um objetivo, seguir algum dos 12 objetivos de sustentabilidade das nações Unidas.

Se nós conseguirmos fazer isso, você vai ter a oportunidade de a cidade, tendo a Unifesp

como parceira, se candidatar a fundos do Banco Mundial, por exemplo. Ou a nível mais regional, do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Além de muitas outras fontes que existem nessa área de sustentabilidade. Então, se nós conseguirmos fazer o trabalho bem, aqui, e tem vários colegas... ai é uma questão mais psicológica, que eles não querem sair muito de Diadema, porque é uma questão de conforto.

Aquela necessidade de ter confiança, de conhecer as pessoas, enfim, uma coisa que vem lá de 2006. Mas eu acho que sim, o sistema administrativo político brasileiro é complexo então acho que essa estratégia... E dado que Diadema, de acordo com informações, eu não pesquisei, hoje é considerada a cidade mais densa em termos de população do mundo, mas eu não quero... não confia em mim, isso é o [nome omitido], nosso colega das ciências ambientais, que disse isso. Mas é uma cidade que está num bioma, que é um dos biomas mais importantes do mundo, isso sim, porque é mata atlântica: há um sistema de recursos de água extremamente valioso, e que está ameaçado, que é um problema mundial também. E você tem um município com uma densidade populacional muito elevada. E que tem problemas sociais que talvez sejam iguais a tantos outros que existe nesse país e no mundo.

Então, se nós conseguirmos um projeto que alavanque o município para um outro patamar de desenvolvimento, acho que Diadema será um exemplo não só local, mas também mundial. Então se você faz isso... Porque eu entendo... A zona metropolitana de São Paulo é fantástica, mas a complexidade política dessa zona é muito maior. Então eu diria que... E um dos problemas que as universidades têm é situar-lhes nesse panorama político. Então, por isso, eu acho que em Diadema nós estamos tendo uma oportunidade que eu acho que nós temos que aproveitar. E ai eu concordei... Porque eu também tenho uma perspectiva mais ambiciosa, acho que sim. Mas a Ana Luísa aqui, por exemplo, que é coordenadora do Atlas ambiental, ela me alertou para que: "vamos primeiro realizar algo antes de articular mais sonhos". E nesse sentido eu concordo muito com ela. Acho que nós precisamos muito de dar bons exemplos. Se nós conseguirmos... essa parceria com a prefeitura funcionar, eu acho que esse é um exemplo muito... Porque... repara. É algo estratégico para a cidade. Não é colaboração na habitação, não é colaboração... Não! É algo estratégico para a cidade. E se nós conseguirmos ser parceiros de um observatório da cidade eu acho que isso pode ser uma coisa exemplar.

Mas por exemplo, dou-lhe um outro apontamento daquilo que pode ser uma inovação. O [nome omitido], professor [nome omitido], veio ao nosso conselho universitário falar de um projeto que chama Fapesp Políticas Públicas, que tem uma dotação, eu não sei exatamente quantos milhões de reais são, e que tem muitos poucos projetos. Tem muitos poucos pesquisadores das universidades que se candidatam. Então que eles guardam dinheiro, ou destinam para outras coisas. Ai você pergunta: "Não, nós temos vários projetos de políticas públicas em Guarulhos, Osasco. Vários projetos de políticas púbicas". E ele disse assim: "Olha, de boas intenções está o inferno cheio." Ele até citou-me. E eu sempre tive essa... Ai é uma questão política. Sempre tive esse problema ao conversar com minha querida amiga [nome omitido]. Uma coisa são ideias, outra coisa é pesquisa. E ele disse: "Todo projeto bom de pesquisa que aparece na Fapesp é apoiado. Agora, ideias de filantropia, isso ai..." Então ele fez alguma crítica a essa área.

Mas, essa nossa parceria com a prefeitura torna-nos capazes de submeter um projeto a

esse programa porque diagnóstico faz parte. E isto é um diagnóstico, desde que haja a ideia de uma política pública a seguir. Se essa ideia for um observatório da cidade, isso é uma política público, isso precisa ser. Ir mais longe. A questão é: fazer a parceria com o órgão de gestão pública. E isso nós conseguimos. Não está assinado, mas conseguimos. Então eu diria que, passo a passo, eu vejo que nós nos estamos fortalecendo internamente para fazermos parte de uma rede que existirá no futuro de vários grupos de pesquisadores, na Unifesp e talvez na Zona metropolitana de São Paulo que queiram pesquisar o tema cidade. Cidades, uma zona mega, metropolitana, com inferfaces com diversos tipos de ambiente, com diversos tipos de muros que precisam ser objetivamente estudados como eles funcionam, qual a sua origem e como a gente pode planejar o seu futuro.

Quando eu digo interfaces, você tem a interface entre a represa e a sua margem, que é um problema já muito complicado. Qualquer represa no mundo tem um equilíbrio dinâmico muito complicado. Depois tem a interface bioma com a urbanidade. E depois tem as interfaces sociais, que também tem interfaces com esse ambiente. Então eu diria que todas essas interfaces têm que ser estudadas do ponto de vista que eu acho que não têm sido estudadas.

Mais uma informação, Alex, com o que eu quero terminar. Que eu acho que se insere dentro do que nós estamos discutindo. Eu fui convidado para uma reunião organizada pelo professor [nome omitido], e ele está montando... tentando montar um instituto de estudos avançados na Unifesp. Então ele convidou pesquisadores para irem fazer uma proposta em 5 minutos. Portanto, há de ser algo inteligente, porque se a pessoa tem algo importante a dizer, ela pode dizer em 5 minutos. Então, eu aproveitei tudo isso que estava acontecendo aqui e levei a ideia da criação de um centro de estudos de sistemas complexos. Porque, quando eu falo de interfaces, você tem dois tipos de interfaces: há uma interface “objetivo” que acontece no espaço e uma interface “epistemológica”. A questão é que a ciências sociais não conversa com as ciências naturais. E isso é o grande bloqueio para que essa agenda de cidades e sustentabilidade vá avante.

Então eu levei essa ideia lá, dizer. Todos os problemas grandes, hoje, das sociedades, eles podem ser definidos em três grandes categorias, e eu chamei de fraturas. Então tem a fratura ecológica, a fratura socioeconômica e a fratura espiritual-cultural. Todo o resto você pode encaixar aí, pode fazer uma outra divisão, mas elas três atendem a tudo. Só que nós na academia, essas fraturas não podem ser vistas apenas como fraturas que pertencem a uma determinada área. Só que se determina uma fratura entre ciências sociais e humane as ciências naturais e exatas. Você tem diagramas que mostram isso do ponto de vista objetivo. Então, claramente você não vai resolver os problemas se você não unir essas pessoas. Pessoas que queiram estar discutindo essas questões, que tenham tolerância a visões distintas.

Então, esse centro que a gente construiria, seria um centro de convergência entre diversas áreas, mas você tem que ter objetividade nas análises. Você não pode dizer que “acha que”. Você tem que ter os sistemas mapeados, quantificados, estudo das redes e modelagem, de como funciona esse mundo real e tentar estabelecer cenários de acordo com modelos. Isso tudo, hoje, é possível de ser feito, desde que as pessoas se juntem.

Ele gostou muito da minha ideia. E foi muito interessante... Porque eu incluí a questão... Hoje, o mundo é fragmentado, assim como nós, aqui, somos fragmentados. A cidade é fragmentada. Nós estamos reproduzindo conhecimento, conhecimento esse que não faz sentido para a

sociedade. Então, hoje o que nós temos falta é daquilo que, talvez os grandes heróis da nossa história acadêmica fizeram naquela altura, que é integrar. Escrever grande. Só que hoje não é possível ninguém, um indivíduo só fazer isso. Então nós precisamos de ferramentas de análise e daqueles que tenham as belas palavras, escritas e faladas. E para isso você precisa juntar pessoas.

Então, acho que o que nós estamos fazendo aqui... E ai o exemplo do Atlas Ambiental. Disse assim, "Olha, eu estou interessado em nesse instituto, mas essas ideias que eu estou dizendo aqui elas já estão sendo projetadas e elas irão em frente. Então eu não preciso desse instituto. Acho que o que está sendo conversado em Diadema, por muitos de nós, não precisa desse instituto. Mas se ele existir, eu gostaria muito de contribuir. Então é isso

Eu quero dizer, você precisa ter algo que seja os pequenos bons exemplos, e Diadema (que significa joia) talvez no futuro, sei lá, daqui 5, 6 anos, possa ser considerada uma joia, tanto na Unifesp, quanto no mundo. E trabalharei para isso mesmo estando fora da direção.

[0:19:08] **PESQUISADOR**: Uma última questão que me veio agora. Você citou o plano diretor como uma participação do campus... teria uma outra formulação de política pública que a prefeitura convidou o campus a participar também ou por enquanto só o plano diretor mesmo?

[0:19:25] **ALEXANDRINO**: Da cidade?

[0:19:27] **PESQUISADOR** : Da cidade

[0:19:30] **ALEXANDRINO**: Formalmente, só o plano diretor. Julgo que agora se estão abrindo muitas portas e que eu diria que a Unifesp está sendo vista como uma parceira e que, em termos de ideias, você já não precisa formalizar um pedido, eu acho que daqui para frente o que precisa ser formalizado é o projeto. Porque no plano diretor nós não temos um projeto, nós participamos de reuniões como consultores, vamos lá e falamos de ideias, de projetos, mas depois nós não participamos realmente do projeto da cidade. Mas isso, o plano diretor, nós termos sido convidados, ele é o resultado dessa trajetória de contatos, e de um lugar de confiança com a cidade. E, a partir do plano diretor e, depois, do atlas ambiental, eu vejo claramente que a Unifesp é vista com outros olhos. E que hoje esses projetos, que são também uma intervenção na cidade, estão sendo visto com muito bons olhos. Então eu diria que, na minha visão, a bola está do nosso lado.

[0:20:59] **PESQUISADOR**: Perfeito. Ótimo, eu vou encerrar.

APÊNDICE F - Transcrição livre integral da entrevista com Prof. Dr. Ricardo Galdino. Em 11 de maio de 2018.

[0:00:00] **PESQUISADOR**: E ai, para te explicar um pouquinho do que é minha pesquisa até agora... Eu estou procurando ver como que o campus diadema tem atuado no sentido de colaborar com o desenvolvimento da região. Não só do município de Diadema, mas pegando um pouco também de São Paulo, o ABC. E ai, nesse sentido, eu tenho feito algumas entrevistas com o pessoal das indústrias, eu fiz com o [nome omitido] na sexta-feira, na segunda feira eu conversei com o professor [nome omitido] e eles me trouxeram várias informações dessa relação da Unifesp, do campus Diadema, mais exatamente, com o município, com as empresas.

E o professor [nome omitido] me disse que você teria alguns projetos com empresas, com as indústrias. Eu queria que você me relatasse um pouco sobre isso, para a gente começar.

[0:00:55] **Professor Dr. Ricardo Galdino:** Na verdade o que existe são ideias de projetos para serem desenvolvidos com as indústrias. Alguns contatos iniciais com representantes dessas indústrias já foram feitos em função, inclusive, do [nome omitido], do próprio [nome omitido], que inicialmente demonstrou bastante interesse no tipo de pesquisa que vem sendo desenvolvida aqui, que acaba interferindo, obviamente, no que diz respeito à própria qualidade da população de Diadema e região.

Qual era a nossa proposta em termos de pesquisa? Nós temos aqui no laboratório de desenvolver motores termomagnéticos para geração de energia elétrica a partir de rejeitos térmicos. Quem são esses rejeitos térmicos? São energias que você acaba desperdiçando. Por exemplo, uma chaminé dos fornos dos tratamentos térmicos de uma indústria, de várias indústrias metalúrgicas aqui de Diadema, por exemplo. Então nós poderíamos, em tese, aproveitar aquele calor liberado pela chaminé da indústria para gerar energia elétrica. Às vezes com alta potência ou com baixa potência, ai vai depender do projeto do motor, do tipo de material que nós estamos utilizando no motor.

Como que isso despertou o interesse da indústria? Nós poderíamos em tese, e do ponto de vista industrial, instalar esses motores, por exemplo, nessas chaminés e utilizar essa energia, mesmo que seja uma quantidade pequena de energia, uma potência baixa, mas ela poderia, por exemplo, ser utilizada para utilizar uma sala de computadores, onde o consumo não é tão elevado. Então, eles estavam imaginando a possibilidade de aproveitar essa energia para reduzir o custo, o gasto com energia elétrica deles, para poder, obviamente, investir esse dinheiro ou contratando mais pessoas, e assim por diante.

E também, algum tempo atrás, nós recebemos alguns representantes políticos aqui da cidade que tinham interesse nesse tipo de pesquisa para tentar atender... me parece, eles relataram para a gente aqui, que existem comunidades aqui em Diadema que não chega energia elétrica. Então um motor desse poderia, também, captar energa solar e gerar energia elétrica pelo menos para iluminar essas residências, sem precisar do cabeamento elétrico. Então poderia ser feito um negócio sem cabeamento elétrico. Poderia atender a uma quantidade considerável de pesso-

as nessa comunidade citada naquele momento.

Então, o que vem sendo feito aqui, nesse laboratório, passa pelo desenvolvimento dos processos da indústria, para tentar melhorar a indústria aqui da região, principalmente de Diadema. A única empresa que nós tivemos contato que não é de Diadema, mas tem uma filial em Diadema, é a [nome omitido], que é de São Bernardo, que fabrica mola, feixe de mola de caminhão. Mas eles têm uma filial aqui em Diadema que é a antiga [nome omitido], que fica atrás do nosso prédio de vidro.

Então, é tentar diminuir os custos das empresas para que elas tenham condições de contratar mais gente e fazer esse recurso circular na comunidade e também atender à própria comunidade com os produtos da nossa pesquisa. E também tem uma outra vertente que a gente vem investindo bastante no último ano que é a possibilidade... como a nossa área aqui é metalúrgica, é a possibilidade de oferecer cursos de extensão para qualificar profissionais da indústria. Então, aquela pessoa que está contratada e faz, por exemplo, um tratamento térmico de uma maneira mecânica, nós poderíamos, aqui, dentro desse laboratório, oferecer para ele um conhecimento um pouco mais científico do que ele tá fazendo ali. Um conhecimento mais técnico para ele aprender o que ele tá fazendo e, em algum momento, se necessário, ter capacidade técnica de modificar o tratamento térmico, que é onde se gasta muita energia, porque esses tratamentos térmicos são feitos em altíssimas temperaturas. O que a gente discute é que, dependendo do caso, você pode reduzir... se você reduz 50, 100°C é uma economia considerável para a empresa. Então a ideia era qualifica esse profissional também.

E uma outra maneira de interação com a comunidade, deste laboratório, é recebendo os alunos da região, de Diadema e do Grande ABC, para realizar mestrado e doutorado com a gente. Hoje, eu vou te falar que 100% ou, para não cometer nenhum erro, 90% dos nossos alunos são do ABC. 90% dos nossos alunos e nós também temos uma fração dos nossos alunos que vêm de empresas. Nós temos representante da [nome omitido] fazendo mestrado aqui com a gente. Nós temos representante da Uniforja fazendo mestrado aqui conosco. Temos representantes de outras indústrias da região que desenvolvem trabalhos conosco.

Então, eu acho que as atividades do laboratório passam pelo desenvolvimento de pesquisa básica, pesquisa aplicadada, qualificação profissional e formação de recursos humanos com conhecimento bastante especializado, diga-se de passagem, mestrado e doutorado e pós doutorado. E, também, nos últimos anos nós recebemos alguns pesquisadores de fora que vieram contribuir para a formação dessas pessoas aqui de Diadema. No caso nós recebemos uma italiana, nós recebemos dois suíços, que passaram um período aqui contribuindo para a formação desses alunos e trocando ideias, trocando informações sobre obtenção de energia a partir de fontes renováveis ou rejeitos térmicos, que estão sendo perdidos.

Então, basicamente, essa é a ideia de trabalho, é alinha que a gente vem executando e a gente vem interagindo bastante com a comunidade nesse sentido e as empresas vêm procurando parcerias, procurando se aproximar cada vez mais. Às vezes colocando um funcionário para fazer mestrado ou às vezes, realmente, tentando entrar em algum projeto formal mesmo.

[0:08:26] **PESQUISADOR**: E ai, nesse caso, eles chegam com alguma proposta de pesquisa que é do interesse deles e ai eu perguntam se há como desenvolver um trabalho nesse sentido?

[0:08:35] **GALDINO:** Isso. Muitas vezes eles acabam tendo alguns problemas específicos. Então: "ah, eu faço tratamento térmico numa peça e eu vou aplicar aquela peça no local adequado e ela trinca. O que pode ser? Tem alguma ideia?" Então, aí, de repente, você pode desenvolver uma metodologia de análise para dar uma resposta rápida para a indústria.

Qual o grande problema dessa interação dessa indústria com a universidade? O tempo. O tempo da indústria é muito reduzido em relação ao tempo da universidade. A universidade está sempre querendo fazer um trabalho que é de 2 anos, com o metrado, ou de 4 anos. A indústria quer fazer um trabalho de meia hora. Ele quer chegar e quer sair com a resposta. Porque aquela resposta para ele é dinheiro e o nosso resultado, aqui na universidade, não vem em forma de dinheiro. Ele vem em forma e alunos bem qualificados que tenham condições de ingressar no mercado de trabalho de maneira satisfatória. Então esse que é o nosso resultado. Então é muito diferente. E isso gera uma diferença no tempo de resposta. Essa diferença no tempo de resposta às vezes gera um desajuste entre a participação da indústria na vida acadêmica e os próprios pesquisadores.

[0:10:08] **PESQUISADOR**: Você citou, também, aquele projeto que os políticos vieram atrás para iluminação das comunidades. Isso foi adiante? Em que pé está isso?

[0:10:16] **GALDINO** Não foi adiante. Eles vieram aqui, procuraram a gente, gostaram bastante da proposta, mas isso foi num momento, vamos dizer, de fevor político. E, depois dessa temporada, isso não foi novamente alimentada essa proposta. Mas eu acho que isso deve ressurgir em função de um contato que tivemos com o pessoal da Ciesp e alguns empresários da região, me parece que há a possibilidade disso ressurgir novamente.

[0:10:55] **PESQUISADOR**: Uma outra coisa que me chamou a atenção, você disse dos tempos das coisas. São muito recentes. Dois anos, três anos, alguma coisa nesse sentido, o laboratório está aqui faz quanto tempo?

[0:11:09] **GALDINO:** O laboratório... Eu estou aqui desde o final de 2011, mas o laboratório existe desde 2010, mas as atividades formais mesmo, começaram em 2012, porque esse período foi de ajuste do local, para poder receber as máquinas, coisas desse tipo.

[0:11:31] **PESQUISADOR**: Essa diferença de tempo, entre o início do laboratório e essas propostas que são recentes, parece que as indústrias têm algum interesse que é mais novo no laboratório, ou o laboratório ainda não estava pronto para receber as indústrias, essas empresas, como você avalia esse tempo que não houve algum contato mais intenso como tem tido agora?

[0:11:56] **GALDINO:** Na verdade eu acho que isso passa pela divulgação do que vêm sendo feito aqui. Eu acho que a universidade peca nesse ponto. Muita coisa boa, não só aqui, como em outros laboratórios, deste campus, eu sei que vêm feito muita coisa bacana, mas eu acho que a universidade peca no sentido de mostrar para a comunidade o que vem sendo feito dentro da academia. Para que a comunidade tenha... Quando eu digo comunidade, não acadêmica, mas externa, que a comunidade externa tenha capacidade de olhar para aquele leque de possibilidade e falar: "Isso eu me interesso, aquilo eu me interesso"'. Entendeu?

Nós poderíamos atender aqui desde cosméticos até materiais metálicos, passando por medicamentos, passando por rotas de análises, com os analíticos, meio ambiente. Então, existem muitas coisas legais sendo feitas. Entendeu? Mas eu acho que esse atraso, essa diferença

entre a procura mais intensas das empresas, lá no começo, acho que se deve, principalmente, à divulgação do que vem sendo feito aqui. Porque o trabalho já estava sendo feito quando eu cheguei, inicialmente pelo professor [nome omitido] e pelo professor [nome omitido], e isso só foi sendo intensificado, mas o problema é que ninguém sabia.

Então, quando nós começamos esse trabalho de divulgar o que vinha sendo feito, o que está sendo feito; de mostrar para a própria comunidade interna... Muita gente dentro da universidade não sabe o que o colega do laboratório do lado faz. Então nós fizemos uma divulgação interna e procuramos algumas indústrias, muitas pessoas de indústrias nos procuram, e ai às vezes procuram por simples desejo de fazer um mestrado, mas não conhecem o trabalho, ai quando elas chegam aqui conhecem, ai falam para os chefes, que acabam vindo visitar. Isso foi divulgando o trabalho. Mas eu acho que esse delay se deve, principalmente à falta de divulgação, do meu ponto de vista.

[0:14:22] **PESQUISADOR**: O [nome omitido] comentou sobre um trabalho que seria inicial de pesquisa para uma máquina 3d, para construção civil. Vocês têm contato com essa parte da proposta deles ou não?

[0:14:45] **GALDINO:** Essa proposta deles nós não tivemos contato exatamente com essa proposta. Em termos de construção de impressora 3d, o professor [nome omitido] tinha uma proposta de construir uma impressora 3d para metais. A impressora 3d para metais, obviamente, ela já existe no mercado, mas é uma tecnologia extremamente cara. Mas em função dos conhecimentos dos pesquisadores que nós temos contato, o professor Gama entendeu que seria possível fazer uma impressora 3d aqui no campus, para metais.

Ai, existiriam alguns professores da USP envolvidos nesse processo, a própria [nome omitido] tinha muito interesse e entrou, também, neste projeto. O que existe, que eu sei, é o projeto da impressora 3D para metais, que é uma ideia do professor [nome omitido], em conjunto com a [nome omitido]. Não sei como isso vem caminhando. O da [nome omitido] nós não conhecíamos, mas seria uma boa possibilidade de sentar e conversar. Por que as ideias, na verdade, convergem.

[0:16:05] **PESQUISADOR**: Eles comentaram alguma coisa no sentido de precisaria de motores, do próprio desenvolvimento do material, uma resina, alguma coisa nesse sentido. O professor [nome omitido] tem vindo ao laboratório?

[0:16:20] Galdino: Vem. É que hoje ele dá aula o dia todo.

[0:16:22] **PESQUISADOR**: Mas ele tem estado por aqui?

[0:16:25] Galdino: Sim.

[0:16:26] **PESQUISADOR**: Então eu posso procurar ele para mais informações sobre esse projeto?

[0:16:28] **GALDINO:** Pode, com certeza.

[0:16:30] **PESQUISADOR**: Ou então, pelo menos mando um e-mail, peço para ele me explicar por email mesmo, fica mais fácil, porque isso seria mais específico.

[0:16:40] **GALDINO:** Mas isso ai foi uma discussão legal, o pessoal do [nome omitido] tam-

bém entrou, queria entrar nessa conversa. Porque onde eu sei que tem uma impressora 3d para metais é na [nome omitido]. Que inclusive eles fizeram a primeira reposição de uma parte do crânio de uma pessoa com uma impressora 3d. Foi o ano passado. Lá eu sei que tem, mas é um negócio muito aplicado para a área médica, então não pode ter contaminação de nada. O nosso caso, como é metal, mas não para aplicação médica, então não daria, obviamente, para usar lá.

Eu sei que em São Paulo tem uma mas, salvo engano meu, deve ser uma impressora para materiais poliméricos. Em São Paulo eu sei que tem uma. Coordenada pelo professor [nome omitido], se não me falha a memória.

[0:17:39] **PESQUISADOR**: Perfeito. Bom, da minha parte acho que era isso, minha questão com você era bem específica, acho que trouxe bastante questões, já dá para seguir a minha pesquisa. E vou procurar, também, o professor [nome omitido], talvez nesse projeto ele consiga me ajudar.

[0:17:57] **GALDINO**: Da impressora 3D...

[0:17:58] **PESQUISADOR**: Perfeito?

[017:58] **GALDINO:** Tá ok!

Sequência da entrevista, realizada por e-mail:

[16/05/2018] **PESQUISADOR**: Bom dia, professor! Antes de mais nada, gostaria de agrasecer mais uma vez pela sua entrevista, foi de muito valor para a minha pesquisa! Aproveito para questionar sobre o que conversamos assim que encerrei a gravação, sobre o interesse da [nome omitido] e o desenvolvimento de grandes refrigeradores para a fábrica de São Bernardo. Att.

[18/05/2018] **GALDINO:** Olá Alex, bom dia!!! Como te disse, a empresa tinha interesse em desenvolver refrigeradores magnéticos para operar na refrigeração do espaço no qual os tratamentos térmicos eram efetuados. A diminuição da temperatura no local citado seria de grande importância para eles, pois isso gerava problemas graves para a empresa. Após os contatos, a crise econômica se agravou e a ideia não prosperou.

APÊNCIDE G - Transcrição livre integral da entrevista com Jose de Filippi Junior, prefeito de Diadema por três mandatos (entre 1993 a 1996 e entre 2001 e a 2008). Em 11 de maio de 2018.

[0:00:00] **PESQUISADOR** – Então, já está gravando. Antes de nós começarmos, esse daqui é o termo de consentimento da pesquisa. Tem duas vias, uma vai ficar com o senhor e uma fica comigo. Ele apresenta o que é a pesquisa e dá o seu consentimento de participação. E o senhor tem a opção de se identificar ou não se identificar na pesquisa.

[0:00:28] **José de Filippi Junior** (**JF**) – Então... por mim eu acho que não tem nenhum problema se me identificar, para você é melhor, também, não é?

[0:00:36] **PESQUISADOR** – É, muito melhor...

[0:00:38] **JF** – Usa o que você achar que for melhor. Eu, por mim, quero ser identificado, não tem proibição de nenhum tipo de pergunta, você pode perguntar o que você quiser. Se eu souber eu respondo. Meu nome poderá... Meu nome poderá... põe aqui né?

[0:00:51] **PESQUISADOR** – Exato.

[0:00:53] **JF** - Ser identificado... Nome e assina?

[0:00:55] **PESQUISADOR** – Isso. Eu também vou assinar para a gente ter uma cópia cada um.

[0:01:02] **JF** – Ah, fica uma cópia para cada um né?

[0:01:04] **PESQUISADOR** – Exato.

[0:01:05] **JF** – Põe a data? Diadema?

[0:01:07] **PESQUISADOR** – Por favor.

[0:01:08] **JF** – Hoje?

[0:01:09] **PESQUISADOR** – Hoje. Hoje é...

[0:01:10] **JF** – 19 de julho. Hoje é aniversário de uma das minhas irmãs. Dezenove e Julho de dois mil e dezoito. E a assinatura aqui, né?

[0:01:17] **PESQUISADOR** – Isso.

[0:01:20] **JF** – Você assina também a sua?

[0:01:30] **JF** – É uma pesquisa da CNPq? [inaudível] referente ao projeto "Desenvolvimento regional e urbano e expansão universitária: o caso da Unifesp em Diadema". Beleza! Você está sendo orientação da Lurdinha, hein!? Manda um beijo para ela!

[0:01:54] **PESQUISADOR** – Ela mandou um para o senhor, também.

[0:01:55] **JF** – Mandou? Legal!

[0:02:14] **JF** – É financiado por quem?

[0:02:14] **PESQUISADOR** – Eu não tenho financiamento.

[0:02:16] **JF** – Não tem ainda?

[0:02:17] **PESQUISADOR** – Não. Porque como eu estou trabalhando na universidade eu não tenho como ter uma bolsa financiada, porque os órgãos não permitem isso. Agora, recentemente, saiu uma legislação que permite que quem trabalha, tem carteira assinada e tudo mais, pode ter a bolsa, mas é muito recente. E aí já tinham passado todos os prazos e eu acabei não me inscrevendo.

[0:02:41] **JF** – Fapesp está cheia de... estava cheia de dinheiro, não sei como está agora. Os caras não usam direito, sei lá.

[0:02:46] **PESQUISADOR** – Eles estão destinando muito mais para a parte de exatas e tecnologia do que para a parte de humanas.

[0:02:55] **JF** – É, eles têm o viés meio estranho que sempre tiveram, e totalmente equivocado, né? Bom, vamos lá! Pode falar, Alex!

[0:03:01] **PESQUISADOR** – A minha pesquisa eu quero avaliar o que a Unifesp tem feito aqui em Diadema que pode colaborar para o desenvolvimento tanto de Diadema quanto da Região, o ABC e um pouco de São Paulo. Até porque nós estamos muito perto da divisa.

Eu vou querer saber do senhor a história de como foi esse processo para a Unifesp chegar aqui e tudo mais.

A primeira pergunta que eu faria, para a gente começar, é se a prefeitura participou ativamente dessa decisão de que a Unifesp criaria um campus aqui e como foi esse processo de conseguir trazer a Unifesp para cá.

[0:03:47] **JF** – É importante eu te dar esse depoimento porque hoje eu estou, depois de dez anos. Foi exatamente... A Unifesp fez dez anos, ano passado, não foi? 2007, 2017. Mas, logicamente, para ela nascer em 2007 ela foi concebida antes. Acho que ela demorou mais que um nenê para nascer. Um nenê demora nove meses, acho que ela demorou uns dois anos.

Então, eu vou te contar essa história e eu também tenho o maior interesse em depois conhecer parte ou conhecer o principal conteúdo da sua pesquisa porque eu acho que tem a ver... isso que eu vou te contar, tem a ver com esse balanço que nós vamos fazer agora.

O resultado de uma universidade, no ambiente em que ela está, eu acredito que isso é um processo que tem mais a ver com a vida de uma instituição, como uma universidade, que o ano que se conta em décadas do que a vida da gente que se conta em dias ou em anos.

Mas, depois de dez anos, acho que a gente já teria algumas indicações para fazer um balanço de como a universidade está se inserindo nesse tecido social, cultural, o que ela pode estar se integrando na cidade. E foi justamente com essa intenção.

Essa universidade, o campus de Diadema foi o resultado bem-sucedido de uma idealização, de um desafio.... Eu acho que os agentes públicos, sejam eleitos ou não, porque você vai ver que você teve dois agentes eleitos importantes nisso. O mais importante foi o presidente Lula, assessorado pelo ministro Tarso Genro, que estava logo abaixo dele. Um outro personagem, um outro agente político muito importante foi o reitor da universidade da época, o professor Ulysses Fagundes. E sem nenhuma grande ou pequena modéstia o outro fui eu, o prefeito eleito aqui na cidade e que percebi uma conjunção de fatores positivos.

São esses agentes políticos que perceberam uma decisão que... Tem a ver com aquilo que é mais relevante, o mais nobre, de um cargo público, é o que eu tive a oportunidade e a alegria e a honra de poder exercitar com esses dois, de a gente poder construir um ambiente favorável, tomar atitudes e desenvolver ações que foram bem articuladas e bem sucedidas para fazer nascer uma instituição tão relevante para o presente, para sobretudo para o futuro da cidade, como é uma universidade federal do porte, do que significa a Unifesp, uma universidade federal no Estado de São Paulo e que se implantou um campus em Diadema

Existia um grande projeto para a região do ABCD, sobretudo por Santo André, de buscar uma universidade Estadual para o ABC. Tanto é, você pode procurar, eu tenho quase a certeza (isso já faz mais de 20 anos, então essas coisas, às vezes a memória pode trair a gente) tenho quase certeza que está incorporado na constituição estadual de 1989, a decisão que os deputados tomaram à época de que a quarta universidade pública estadual seria no ABC. USP, Unicamp e Unesp. A quarta seria a UABC, Universidade do ABC. Pública. Estadual.

Naquele momento a única federal que existia era a antiga escola paulista de medicina, que se transformou um pouquinho, mais por mudança de nome, mas não se transformou de fato em uma universidade porque era mais uma faculdade da área de biológicas, de medicina e alguns cursos mais relacionados às ciências biológicas ou mais a carreira médica. Então era medicina, farmácia... acho que eram 4 ou 5 cursos. E a Unifesp de São Paulo, naquelas condições, era a menor universidade federal do Brasil. Era basicamente um curso de medicina e 4 ou 5 cursos que tinha... depois você ajuda a detalhar isso para as pessoas que vão conhecer o seu trabalho, a sua pesquisa.

O que aconteceu? Com o presidente Lula. O presidente Lula toma posse em 2003, eu estou te falando de 1989. Durante 15 anos, praticamente... Existia, inclusive, um movimento, o movimento pela universidade do ABC, o movimento da UABC. E esse movimento, integrado por muitos militantes, movimentos de educação, professores, estudantes, jovens disseram: “Vamos trazer uma universidade pública para o ABC”.

E que tinha idas e vindas e na verdade não conseguiu ter essa conquista porque, inclusive, o Estado de São Paulo sendo governado pelo Quércia, depois pelo Fleury, depois veio uma continuidade do grupo que se dividiu, virou PSDB e assumiram o governo.

E eles não acreditam, muito claramente, o PSDB não acredita que o Estado possa ter recursos para patrocinar o ensino superior, a visão deles é essa, é claro. Tanto é que o Fernando Henrique ficou 8 anos na presidência da república, praticamente não criou uma vaga, não criou um curso ou, principalmente, não criou nenhuma universidade pública federal, nem ampliação de campus das já existentes.

Porque na visão deles é o seguinte. Eu vou falar exatamente o que eu penso a respeito disso. O PSDB não tem força o suficiente, ou não tem coragem suficiente de falar “Olha, tem que cobrar, tem que instituir mensalidade nas universidades públicas”. E meio que dizendo assim: “Quem quiser ser universitário, que se transforme em consumidor, que pague a sua escola e a escola tem que ser paga” como o modelo americano, que eu acho que é o modelo que tem na cabeça deles.

Não tiveram coragem, ou força política para implementar isso, que, na verdade, eles

pensam, mas por outro lado eles praticaram uma coisa que é tão negativa para a vida de uma universidade que é a politica que eles implementaram que é o seguinte: “bom nós não conseguimos acabar? Não. Mas também não vai ter um tostão a mais”. Então, estabeleceu que é 9 por cento do ICMS, travou, ficou ali. E, com isso, ficou 15 anos com essa proposta da constituição parada e não aconteceu nada no ABC, sobretudo em Santo André que eu acho que era a cidade com mais histórico de mobilização por uma universidade pública.

Com a vinda do presidente Lula, com a medida que ele passa 2003 e 2004, os dois primeiros anos, superando as dificuldades, arrumando as finanças e começando, a partir de 2005 a ter propostas mais visíveis para ter a sua marca, para aquilo o que ele acredita que deva ser um bom governo para o Brasil. E isso ficou claro que uma das propostas que ele teria é a ampliação de espaços e de universidades públicas federais. Ai, então, que entra essa questão que você vai ver totalmente conosco aqui.

O líder do governo do presidente lula, em 2005, era o professor Luisinho, que era deputado estadual nesse período em que se tinha a luta pela universidade do ABC. Então, ele era um protagosnista, uma pessoa totalmente inserida nessa disposição, nessa luta, nesse objetivo, o ABC ter a sua universidade pública. E ele, como líder, vendo que em 2004 e 2005 já havia um ambiente mais propício para a gente sonhar, para a gente estabelecer propostas mais ousadas de ampliação dos campus das universidades federais ele fez essa proposta: “Presidente Lula, em vez de esperar o Estado que, na mão dos tucanos, a gente já perdeu a esperança, não vamos ter nunca essa universidade estadual no ABC, vamos fazer uma federal.”

E, portanto, a UFABC passou a ser um objetivo para substituir a UABC para que a região do ABCD, uma região tão importante, sem nenhuma discriminação de outros territórios e outros espaços do Estado de São Paulo, mas também não incorporando nenhum complexo nosso de inferioridade porque nós merecíamos isso, e precisaríamos ter um instrumento tão importante para a cidade, para tudo. Para promoção da cultura, do conhecimento, do desenvolvimento da tecnologia associado à produção e ao desenvolvimento de um parque industrial tão importante. Quero dizer, toda a importância de uma universidade.

O presidente Lula tomou a decisão: “Vamos fazer a UFABC”. Em 2005, finalzinho de 2005, comecinho de 2006. Quando passou a ter visibilidade e passou a ter publicidade essa questão de que: “Olha a decisão do governo do presidente Lula e apoio de lideranças políticas importantes, movimentos por educação perceberam que isso era um objetivo que era factível, se lançou a proposta, vai ser UFABC, os professores da Unifesp e o professor Fagundes ele teve uma percepção que foi também em favor da instituição que ele pertence de dizer o seguinte: “Olha gente, nós estamos percebendo que esse governo do presidente Lula vai investir nas federais. Nós vimos que agora a regra vai ser a seguinte: a distribuição de recursos vai ser proporcional ao número de alunos e a Unifesp é a menor universidade do Brasil. Se a gente não crescer, nós vamos minguar. Se a gente não crescer, nós vamos ficar sem recursos, vamos minguar mais ainda. Então nós temos que ter uma política em sintonia com o que o presidente Lula e esse novo governo está estabelecendo, de crescimento de ampliação, de expansão”.

E portanto, o que ele fez? Ele foi rápido, ele propôs uma congregação. Ele tinha tido algum contato... Era bem acessível os ministros da Educação do governo Lula, Tarso Genro, e tinha um fórum de reitores, se reunia permanentemente, acho que ele conversou e ele teve a

ideia de falar: “Olha, eu vou levar para a congregação a ideia de aprovar a expansão da Unifesp para o ABC”. Ele fez uma ação, vamos dizer, quase voluntarista, mas com essa boa intenção de dizer: “Eu vou chegar lá e dizer: mais fácil do que a gente criar uma universidade nova, a Unifesp já existe, nós vamos expandir para o ABC”. Foi para a congregação aprovou, se não me engano, por unanimidade, Alex.

E ai ele levou para a reunião: “A congregação da Unifesp aprovou a expansão para o ABC, não precisa mais a UFACB”. Mas ele não percebeu que a UFABC não poderia ser substituída por um campus da Unifesp, uma expansão. Ela precisaria ter personalidade por conta dessa história. Eu fui meio longe, mas para você entender porque uma não pode substituir a outra.

E, portanto, o Ulysses ficou frustrado e se sentiu desautorizado por que ele falou: “Eu vim aqui, pego esses professores que são quase uns deuses, trago uma proposta para eles de dizer que nós vamos para o ABC, agora eu chego lá o ministro me dá uma derrapada, puxou o tapete. Eu disse: “Ulysses, não tem nada a ver, a UFABC, o lula é de São Bernardo, o Luisinho é de Santo André, uma universidade tem que nascer com um novo RG, com personalidade própria, com cara própria, com sua própria digital, não pode ser do outro, emprestado”. E ai ele ficou muito frustrado. Ai entrou o prefeitinho aqui.

Entrou o prefeitinho aqui porque foi o seguinte: eu vi essa história, algumas me contaram e eu comecei a perceber e a conhecer pelos jornais, lendo... Liguei para o Ulysses: “Ulysses, quero falar com você!” Fui lá e... Se não me engano... A vida da gente... Eu acho que teve também uma coincidência, que teve algum fato do SUS, alguma coisa da área da saúde, que me levou lá na... Teve um evento lá na Escola Paulista da Unifesp, São Paulo. E ai eu conversei com ele. Falei: “Ulysses, seguinte, você tomou uma decisão de ir para o ABC...”. E por outro lado, eu sabia que a UFABC ia nascer em Santo André, o segundo campus muito provavelmente ia ser São Bernardo, que são a primeira e a segunda cidade são as duas mais importantes do ponto de vista econômico e de população, eu falei: “bom, o dia que essa UFABC chegar em Diadema vai ser daqui 10, 20 anos”.

Então, propus pro Ulysses. Falei pro Ulysses: “D, fica no A-B-C-D, você não quer levar essa Unifesp para Diadema? Ele falou: “Você vai me salvar desse problema que eu tive aqui! Eu decidi ir para o ABC e os caras me travaram, então podemos ir para Diadema?” Eu falei: Vamos, o que vocês precisam?”. “Me arruma um prédio!”. Eu falei: “Arrumo! Tem um prédio lá que eu comprei, que é um... a gente estava pensando em fazer uma coisa aí na área social, de educação, é um antigo hospital psiquiátrico...” (Aliás, é um lugar, não sei se você sabe, onde ficou o Raul Seixas internado muito tempo, sabia disso? Tem lá uma... Então era famosa, era a casa do Raul Seixas e a gente comprou, e tava lá...)

Ai o seguinte... eu não sabia. Aquele prédio virou uma área administrativa, tinha uma coisa voltada para a comunidade, que era uma creche, um projeto adolescente aprendiz que tinha lá, que a gente fazia, mas tinha uma gráfica, então, era um equipamento para dentro e para fora. Era para espaços internos da prefeitura, tipo gráfica, um espaço de automóvel, não sei o quê, mais de manutenção, acho que até um espaço da guarda, a gente emprestou uma coisa pra PM também, e tinha uns equipamentos que o prédio era muito grande, a área era muito grande.

Ai eu conversei com a minha equipe e falei o seguinte: “Gente, é o seguinte, não pode-

mos brincar. Quando Diadema ia sonhar em ter uma universidade federal? O momento é agora, vamos nessa. Vamos lá.". Fizemos um projeto, a câmara... fizemos um projeto de lei, aprovamos, e foi aí que nasceu, entendeu, Alex?

Eu contei uma história um pouco longa, mas para você perceber que foi, portanto, o que eu te falei desde o início: a conjunção. Quando a gente levou isso para o ministro Tarso Genro... Porque teve uma reunião, se não me engano... não sei se foi separada, ai faz mais de 15... faz quase 15 anos isso. Eu acho que foi uma reunião separada, o reitor falou com o Tarso Genro, depois eu fui lá e também falei, enfim.

A gente teve o Tarso Genro como o ministro da época da educação que estava centralizando esse debate. Levamos o estudo para ele, levamos essa condição que a prefeitura ia dar todo o suporte, inclusive já dando o primeiro prédio para instalação e se comprometendo, depois a arrumar um terreno. Arrumava o prédio para dar início logo dali 2, 3 anos os primeiros cursos, dar o suporte físico, político e todo o trabalho de "seja bem-vindo a Unifesp para Diadema" e um terreno para expansão.

Quem deu a palavra final? Foi o presidente Lula. Então o Tarso Genro falou: "Tá muito bom, vou levar para ele. Ele que vai ter que decidir se vai. Porque a gente tem aqui essa decisão, cabe em última instância, o presidente da república porque nós estamos expandindo, expandindo para vários lugares, essa questão da UFABC, se não conflita, a Unifesp inclusive, como disse o sucessor do Tarso Genro, que foi o nosso caro e querido companheiro Fernando Haddad, com o qual eu tive, depois a felicidade de trabalhar, sendo seu secretário de saúde, quando ele foi prefeito de São Paulo, e ele, portanto, fez uma descrição, na verdade uma conceituação muito feliz, dizendo o seguinte: que a Unifesp, o governo federal, através da Unifesp, estava fazendo, tinha o rodoanel, ele estava fazendo o anel universitário. Porque tinha a proposta de Santos, ai tinha a proposta e expansão em Diadema, ai tinha de Guarulhos, de Osasco, quer dizer, de toda a região metropolitana, e depois o campus da Zona Leste, quer dizer, isso depois de um ou dois anos de planos de expansões da Unifesp ela veio para o ABC, foi para Guarulhos e é isso o que eu te falei.

Então foi isso. Ai o presidente Lula deu o aval e ai a Unifesp começou com essa perspectiva de ampliação do seu campus da Vila Mariana que é específico na área da saúde para outras áreas do conhecimento, na área de biológicas, na área de Santos, para ciências do Mar, oceanografia, área de humanas parece que foi mais para Guarulhos.

Aqui em Diadema foi o seguinte. A cidade de Diadema e uma cidade... e ai a gente ajudou, quando eu fui prefeito, a ter essa percepção, a ter mais dados, a ter mais elementos, para a gente poder entender o que a cidade... A cidade, para você ter uma ideia, ela tem a maior concentração de indústrias químicas do ABCD e isso, reproduzido e comprovado através do número de trabalhadores, sindicato dos químicos, dos 7 municípios, quase 40% está aqui em Diadema. É uma cidade que tinha perto de 180 indústrias do plástico e a gente percebeu, também, tinha muitas indústrias ligadas ao cosmético, tanto é que no segundo mandato a gente criou o polo de cosméticos aqui na cidade e foi uma forma de incentivar emprego, incentivar desenvolvimento social e tecnológico e enfim.

Acho que isso deu um pouco o exemplo, deu um pouco a cara de que a universidade se implantasse... Teve um papel decisivo, também, a vinda da professora Virgínia. O Ulysses

foi uma pessoa muito incentivadora desse projeto. Ai a cidade ganhou um dinamismo, ganhou um... Os jovens, o movimento de universitários, tinha um cursinho que era voltado para a preparação de jovens para ingressar na universidade.

Tivemos um ato muito bonito no Clara Nunes quando a gente fez a assinatura, quando a gente fez a decisão dos atos mais formais. Houve, então, a decisão do governo federal de vir para cá, o Ulysses a aprovação da congregação, o pacto com a prefeitura de Diadema isso, inclusive, você poderia consultar a câmara, eu posso ver com você depois o nosso pessoal que tipo de documento, por que teve. Teve um convênio de parceria, teve aprovação da câmara, teve a doação física, eu até assinei isso, a doação do prédio para a Unifesp e depois a compra de um terreno grande lá, que depois gerou uma dificuldade... a gente vai até... vamos chegar nesse ponto, você já aprofundou os seus estudos.

Então foi isso. Foi uma decisão. Aquela sensação muito honrosa e honrada de você ser um gestor e poder falar: "A gente está tomando uma decisão que vai mudar a história dessa cidade para melhor, o futuro, e a instituição, uma universidade pública com a característica e a qualidade da Unifesp em Diadema não vai ser para amanhã, não vai ser para depois de amanhã, mas vai ser para uma década, duas décadas, três décadas, eu tenho certeza que ela vai ser decisiva para o desenvolvimento regional e também, evidente, para a cidade".

E ai, começamos a acompanhar várias situações muito favoráveis. Então, por exemplo, os primeiros concursos para professor. Uma coisa que reforçou isso, coisas positivas e coisas, talvez, não diria negativas mas diria, assim, um pouco contrárias a uma expectatva favorável e um pouco frustrantes, que foi, por exemplo, essa coisa que eu mesmo compartilhei com o presidente Lula que o primeiro vestibular que teve aqui, de 200 alunos acho que teve só dois de Diadema. Isso é um pouco o outro lado. E é assim mesmo, uma universidade pública tem o seu processo de seleção aberto para o país inteiro e que, portanto, mostrando que aqui nós vamos ter que... os nossos jovens se preparar. Hoje está um pouco melhor, parece que chegou perto de 10% mas acho que ainda é muito baixo esse número, e eu acho, e pelo o que eu estou vendo, vamos ver se você...

Eu estou sentindo que a universidade, até por conta dessa gestão que está ai, acho que ela não teve esse envolvimento que eu estou te contando aqui que eu tive no nascimento, na constituição, na busca da federal, da Unifesp aqui, eu acho que está um pouco apartada essas coisas para a universidade, sabe? A universidade está desenvolvendo um pouco o ritmo dela, eu vi lá alguns depoimentos de algumas professoras que estão achando que estão integrando na cidade mas que da maneira que eu vi lá eu acho que não é desse jeito que vai se integrar. Eu acho que a prefeitura parece que vê que a Unifesp é um peso porque ela queria ter as salas dela de volta e a Unifesp não dá e a reitora me reclamou, bom, mas enfim. Isso é uma coisa mais recente. Então, só para concluir, e ai você faz alguns comentários, Alex.

O primeiro concurso de professores, eu me lembro muito bem, eu ficava falando isso o tempo todo nos meus discursos e depois quando teve as disputas eleitorais e a gente falava isso com muita ênfase e acho que isso é um símbolo muito forte do que foi essa virada dos investimentos que o presidente Lula fez na área da educação. Você certamente deve ter o orçamento de 2003, herança do Fernando Henrique, era por volta de 18 bilhões de reais, para o ministério da educação. Era o 5º ou 6º no ranking dos ministérios. O Lula, quando passou 8 anos depois para

a Dilma, em 2010, o ministério da educação tinha perto de mais de 80 bilhões, um crescimento de quase 5 vezes, passando, portanto, o ministério da educação a ser o 2º ou terceiro do ranking. Perdendo... antes ele estava em 7º, 8º, sei lá, mas aumentando 5 vezes, um crescimento notável, espetacular, fantástico.

E eu, em função disso que eu estava te dizendo, o primeiro concurso, 40 professores doutores que ingressaram por concurso na Unifesp de Diadema 70 ou 80% estava fora do Brasil, não sei se você tem, podia levantar esse dado. E esse dado a gente recebeu, a professora Virgínia e outras pessoas da época, da equipe dela, o próprio professor Ulysses, com quem a gente conviveu dois ou três anos. Acho que até depois o sucessor dele foi o professor Albertoni, acho que convivi pouco com o Albertoni. O Albertoni acho que já foi reitor quase na virada do meu mandato pro Mario, em 2009.

Acho que desses 70, 80%, Alex, eram professores doutores, brasileiros, que não tinham mercado de trabalho aqui, não tinham perspectiva e estavam morando fora. França, Espanha, Canadá, Argentina, enfim, países onde essa inteligência brasileira foi buscar se alojar, seu lugarzinho ao sol, porque aqui elas poderiam estar fechadas, então a gente usava muito esse exemplo, olha os investimentos na educação, nessa magnitude que eu falei, decisões políticas de investir na educação, desde a criança até o ensino superior e, depois, o ensino de pesquisa e pós graduação está trazendo a inteligência brasileira de volta, que tinha ido embora. Então esse foi um fato simbólico que eu sempre usava.

Bom, um pouco isso né? O nascimento ali.

[0:30:55] **PESQUISADOR** – Isso foi excelente! Agora eu vou pincelar algumas questões que o senhor levantou. Falou em uma frustração por conta dos estudantes nas primeiras levas não serem de Diadema, no vestibular, e citou também alguma expectativa que a prefeitura tinha, que a cidade tinha, de receber um campus de uma universidade dessa importância. Quais eram essas expectativas? O que a prefeitura acreditava que a Unifesp poderia...

[0:31:33] **JF** – Alex, na verdade, eu vou confessar a você que eu tenho mais desconhecimento, eu estou com referências incompletas dessa avaliação, desse julgamento, que eu não quero que seja precipitado, então eu queria conhecer mais, acho que a sua pesquisa vai me ajudar muito nisso. Eu tive um tempo, vamos dizer, politicamente distante da cidade, eu fui ser secretário, deputado federal mas, sobretudo, nos últimos três anos. Nos últimos dois anos, eu estou trabalhando mais na iniciativa privada, trabalhando na minha área da engenharia de projetos habitacionais e engenharia de gerenciamento de pequenas obras e três anos anteriores a isso eu fui secretário de saúde de São Paulo, com uma agenda altamente voltada para essa questão que é desafiadora.

Então estou fazendo esse registro, para você, de que eu queria conhecer mais. Mas pelo o que... pelo contato que eu tive com o professor João Alexandrino, pelo contato que eu tive com alguns professores, olhando também através do que... Eu acho que tem um desconhecimento, ou um distanciamento que poderia ser encurtado, ou se possível eliminado, entre as instância, as instâncias de poder, as instâncias de representação, aqui da cidade e a Unifesp. Por exemplo, a câmara municipal, até a própria prefeitura eu, em contato com a reitora, em alguns momentos, desse período que eu falei, eu fui secretário de saúde, eu encontrava a reitora quase cada, por conta do hospital São Paulo, a gente se encontrava praticamente a cada dois, três me-

ses. E ela manifestava, para mim, uma preocupação de que parece que a prefeitura não estava tendo a mesma identidade, não estava dando o mesmo apoio para a universidade como dava na nossa época e da época do prefeito Mario Reali.

Então, algumas indicações para você poder dizer dessa...O contato... por exemplo. O sindicato dos químicos. Quando eu vi a avaliação de uma professora, e mesmo do professor Alexandrino e de uma assessora da reitora, falando que a universidade está procurando se relacionar com a cidade e falavam muito da Ciesp, mas não falavam muito dos sindicatos dos trabalhadores, do setor químico. Acho que não pode descriminar, ou não pode... nem sei se a palavra é essa, descriminar, não pode ter essa ignorância, de achar que a indústria é só o patrão, ou é só o empresário, entendeu?

A indústria é o empresário, é a prefeitura, acho que a outra opção, outras formas de representação, o sindicato dos químicos, mas também os trabalhadores do setor também, o Dieese. O setor de cosméticos. Porque o setor químico é muito amplo, você tem borracha, você tem química fina, você tem química orgânica, você tem química voltada para o plásticos, voltada para o automóvel, a indústria automobilística, o plástico voltado para embalagem, o plástico voltado para alimentos, enfim. Eu acho que isso precisaria ter um desdobramento. E eu lamento.

Então precisaria ter uma governança mais partilhada, mais coletiva. E eu sinto que não tem. Eu tenho plena consciência de que o prefeito tem que exercer esse papel, não único. Eu vejo que o setor privado não percebe isso, ele acha que tem uma visão de que o prefeito é muito mais o síndico de uma cidade do que uma liderança, acho que isso é um equívoco enorme, acho que ele [o prefeito Lauro Michels], até a posição que ele teve perante o consórcio mostra isso.

A região metropolitana, o mundo inteiro está avançando a governança compartilhada e metropolitana. E porque esse prefeito aqui está dizendo que isso está errado? E voltando para uma visão de que Diadema não tem que participar de um consórcio. Então isso mostra que está faltando alimento e disposição, energia política para que a universidade possa ter inserção dos professores, da pesquisa (coisa que você está fazendo), coisa com o setor produtivo, na área da cultura. Quero dizer, a universidade ser um espaço de troca, de debate, de ter essa coisa junto do Teatro Clara Nunes, dos jovens aqui terem... Tem muito essa coisa da universidade ser meio que uma... eu sinto que a gente pode ter aqui uma coisa equivocada mas que existe em muitos dos lugares onde tem universidade, que parece que um disco voador que chegou, vem os extraterrestres aqui e vão embora.

E uma menina que me falou e eu nunca esqueço: "É prefeito, você trouxe a universidade para ca, mas aqui não tem nem Mc´Donalds". É o filho da elite, que não sabe... "Minha filha, não tem Mc´Donalds, mas o povo que está pagando os impostos e garantiu que você tivesse estudando aqui numa grande universidade de ponta não consegue nem comer um pão com mortadela na padaria, que é o jeito que eles vivem aqui. Você deveria ter um pouco mais de respeito por essa cidade!" É um conflito que é necessário ter. Assim como eu fiquei frustrado, eu quero que ela fique frustrada com essa cabeça que essa moça tem, de falar.

Bom assim, a cidade é, nesse aspecto, vamos dizer... Eu também não quero discriminar, não sei se essa coisa de classe média, pequena burguesia... tem um shopping, que a cidade passou a ter, a gente lutou por isso. Provendo habitações pra classe média, eu acho que a cidade precisaria... A cidade é isso, ela era e ainda é muito injusta, os melhores empregos daqui, ela

oferece para os de fora, porque a cidade de Diadema tem um perfil de baixa formação universitária, e os melhores empregos, logicamente, exigem formação universitária. Nós não vamos suprir a demanda de ensino superior em Diadema com 5 cursos. Não estou tendo esse nível de estupidez. Agora os 5 cursos ou 6 que tem na Unifesp eles poderiam ser mais preenchidos e ocupados por gente daqui e também a gente incentivar para que os jovens de Diadema possam entrar na UFABC, na USP, enfim, instituições também privadas e desde que tenha suporte do Fies, seja de Prouni, para os alunos de baixa renda.

E eu sei que esse ano... Esse conflito, e essa situação. Por exemplo. Eu tive outro diálogo. Nós estamos vivendo um momento de muita... o Lula está definindo isso como um momento de ódio, acho que ele tem razão, acho que a palavra é essa, talvez um ódio em maio grau ou menor grau, mas uma coisa, assim, de um país dividido, de um país carregado de palavras muito diretas e fáceis e que portanto são muito mais próximos da ignorância do que da inteligência.

Tem uma sobrinha da minha mulher, uma sobrinha que é moradora aqui de Diadema que se formou na Unifesp , diferente de uma outra que também formou na Unifesp, filha de uma amigo nosso, então tem as duas situações, que nessa divisão da sociedade de que PT é um partido político que mereça respeito, ou gente achando que PT é um partido relacionado com crime organizado, quadrilha, roubo, que o Lula é o maior ladrão que tem, essa coisa que a televisão e, principalmente, os grandes meio de comunicação propagaram e até hoje fizeram.

Até hoje essa porcaria desse programa de televisão chamado "Fantástico", mostra, quando fala um caso de corrupção, ele mostra um tubo da Petrobrás saindo aquele monte de dólar e deveria mostrar uma câmera de televisão, também, que a Globo certamente estava envolvida nessa coisa da propina da Fifa que ninguém diz. Então tem que por, dizer: "Olha, nós também fizemos, nós também cometemos nossos pecados, não foi só o PT que cometeu erros e por isso vamos destruir uma instituição.

Eu estou te falando isso porque essa menina falou assim. "O PT não fez só coisa errada, mas também, você frequentou uma universidade que foi decisão do presidente Lula". "Não isso ai já estava definido, isso é obrigação de todo governo fazer". Mas e porque não fez antes? Só fez com ele? Então você vê como essa disputa, e mesmo essa coisa de um ódio, um preconceito leva as pessoas a ter uma situação de total ignorância, de definir. Porque o seguinte: a decisão foi política. Foi uma decisão política de fazer a universidade nacional. "Não, o mérito foi meu, eu entrei na faculdade". "Você entrou numa faculdade que não existia. A decisão de existir foi uma decisão política e você tem um mérito, evidente que você entrou, mas e porque você não entrou... pergunta pro seu pai se ele quis entrar em uma universidade e não tinha nada antes. Então, Alex, eu acho que tudo isso vai... Eu venho tentado, essa coisa... eu respondi a sua pergunta. Vai ter um momento onde nós vamos ter mais ambiente de troca, mas acho que ainda tá havendo um distanciamento.

[0:42:10] **PESQUISADOR** – Naquela época vocês imaginavam que uma universidade poderia trazer o quê de bom para a cidade? O que seria positivo?

[0:42:21] **JF** – Eu concebi... até hoje eu não sei bem, eu espero que essa coisa... O sítio Morungaba, lá no Eldorado, o lugar onde a gente... é uma das regiões mais pobres de Diadema e uma das regiões mais desafiadoras para se ter uma ocupação urbana. Eu não tenho dúvida que uma universidade que se preze, que lute pelo meio ambiente, que tenha **PESQUISADOR**es

na área, que estudam química, biologia, seria uma das formas mais adequadas de se ocupar, dentro dos índices que a legislação permitia, a borda de uma represa, diferente de você ocupar com moradia, com ocupações, o pobre, coitado que não tem para onde ir, depois a culpa ainda é deles, acho que isso está totalmente errado, o Estado tinha que ter essa capacidade, que a gente procurou ter em Diadema. Nós preservamos muito da área verde, a cidade...

No Plano Diretor que nós fizemos em 93 e 94 já tinha 3 grandes desafios: promoção do desenvolvimento econômico, gerando empregos, políticas sociais e, sobretudo, moradia de interesse social e preservação ambiental. A cidade tinha 3% só do seu território de área verde e nós tivemos êxito. Nesses 25 anos se tiver foto e comparar você vai ver que as áreas verdes... e o sítio Morungaba faz parte disso. O Morungaba é quase que 30% dessa área verde remanescente que está lá. Nós compramos, um preço, inclusive, adequado, doamos...

Então, eu acho que a frustração... Se a Unifesp... Ai surgiu um problema, fizemos um... depois percebemos que foi talvez uma decisão errada de fazer um concurso público. Quem ganhou o concurso de projeto de arquitetura foi um pessoal muito sem experiência, depois eles não sabiam muito desenvolver um estudo ambiental para a área, inclusive um estudo arqueológico... Eu perdi um pouco dessa referência do porquê que o sítio Morungaba... Porque, tudo bem, esse campus da Uniforja foi uma forma de ampliar porque a universidade começou a ampliar, ela começou pequena, ela tinha que ampliar e deu esse problema na arquitetura, no projeto, na obra. Teve, depois, confusões lá com o Ulysses e enfim, não saiu no tempo certo a construção do campus definitivo e teve ai essa solução que acho que... Mas acho que não está totalmente descarta, nem deveria estar o sítio Morungaba.

E ai eu respondo a tua pergunta. Eu acho que a universidade, o papel dela é primeiro ter no território permitir um desenvolvimento. Era uma região que os estudantes poderiam morar, então desenvolver o Eldorado. O transporte vai melhorar, os serviços, restaurantes, a universidade vai levar esse tipo de melhoria urbana. Queria que os professores, muitos deles, inclusive passassem a morar lá, no Eldorado, gostaria que isso também acontecesse, agora são mais de 200 professores, então isso significa trazer para a cidade inteligência (desde que não seja uma inteligência que vá discriminar aquilo que a cidade tem, mas acho que uma hora ela vai perceber que se ela for inteligência mesmo ela vai perceber onde ela está, a importância social que teve para a cidade trazer essa universidade para cá).

E a questão, portanto, a universidade gerar desenvolvimento econômico, desenvolvimento urbano, fazer com que os estudantes e os professores passem a ter uma convivência com a cidade e com suas instituições, a Igreja, os sindicados, o poder constituído, o poder local, o executivo e o legislativo. Judiciário é sempre um poder muito fechado e meio distante, um dia quem sabe vai ser diferente. Acho que tem hora que ele tem que ser fechado mesmo, tem que ter lá a sua... A gente tá vendo ai um péssimo exemplo que quando um juiz vira pop star o que ele apronta no país. Eu acho que essa coisa toda.. Não tenho dúvida...

Se você perguntar: “Você tá arrependido?” Lógico que não! Eu acho que a universidade... A minha preocupação desse campus estar aqui é que, diante de uma crise, se nós tivermos uma .... no país durante 5, 10, 15, 20 anos um governo que foi esse desastre que nós temos aqui hoje, que não acredita no Estado, que acredita nesses editoriais de Estadão, Folha e Globo, que falam que o Estado tem que ser mínimo e que tem que reduzir o Estado.

A proposta do Alckmin e do Bolsonaro é cobrar mensalidade nas universidades federais. Então se nós o tivermos o desastre de termos governos que não são aliados do projeto de universidade pública e gratuita, o meu medo é daqui a Unifesp está tão pertinho do metrô, ou do trólebus, que vai querer voltar para a Vila Mariana. Essa era a minha... eu fiz esse tipo de crivo. Esses caras estão aqui, daqui a pouquinho eles vão para a divisa do Armando Monteiro, a avenida que vai pro Jabaquara e, se a gente descuidar, eles vão voltar para a Vila Mariana, descaracterizando totalmente o que é o nosso projeto de ela se inserir na cidade.

Eu acho que é uma luta e uma disposição que temos que todos ter que os professores também de estarem... Eu não tenho dúvida de que a universidade pode demorar um pouco mais do que a gente... então eu fiz essa ressalva para você. A universidade tem uma vida, tem um ritmo e uma vida cronológica diferente da vida de um indivíduo. Eu não tenho dúvida que ao longo prazo, médio prazo, no transcorrer da sua vida, ela vai trazer muitos benefícios para a cidade.

[0:48:36] **PESQUISADOR** – Um pouco mais atrás, o senhor falou dos agentes que estavam participando disso. Falou que o governo Lula, com seu líder, estava articulando isso, e então o senhor entrou junto com o Ulysses, que era o reitor na época. Aqui de Diadema, quem mais estava apoiando esse projeto de trazer uma universidade para cá?

[0:48:58] **JF** – No começo foram esses atores, vamos dizer assim... Nós percebemos essa situação favorável e procuramos agir, ter as atitudes para favorecer, como diz ai a linguagem popular: "o cavalo estava passando arriado, a gente montou". Não podia perder aquele momento. Logo que a gente anteviu isso, eu tive o apoio fantástico e decisivo de toda a minha equipe, dos secretários, secretário de educação, secretário da nossa equipe, o presidente da câmara, os vereadores, a cidade, os empresários através do Ciesp, os trabalhadores, eu falei da questão dos sindicatos, a gente compartilhou isso com o sindicato. Eu tinha na época um conselho que se reunia frequentemente, o Conselho Municipal de Segurança, que foi uma das políticas mais exitosas, mais bem-sucedidas, que a gente tem muita honra de relembrar.

Esse conselho municipal tinha participação de igreja evangélica, de igreja católica, também foi um ato de constituição da Unifesp, um ato no [Teatro] Clara Nunes, teve a presença de toda a sociedade de Diadema que deu apoio. No começo foi uma questão mais associada a esses agentes políticos que estavam cumprindo o seu papel, mas logo em seguida, que essa questão ganhou uma dimensão de realidade ou de factibilidade a cidade abraçou, aplaudiu, apoiou.

[0:50:49] **PESQUISADOR** – O Senhor citou também que houve uma parceria que foi firmada entre a universidade e Diadema. O senhor lembra de algumas questões que faziam parte dessa parceria?

[0:51:02] **JF** – Eu não me lembro bem. Tinha o apoio para que se aprovasse na câmara apoio para que o prédio fosse desimpedido, para que a gente desocupasse no tempo certo, que comprasse esse terreno para desenvolver o projeto definitivo. Eu não me lembro. Tem documentos formais, você poderia no seu trabalho buscar e depois, eventualmente, se tiver alguma dúvida, nós voltamos a conversar. Mas isso tudo foi conduzido de acordo com as necessidades dos órgãos de controle. A universidade tinha lá seu órgão de aprovação, a congregação [conselho universitário], um convênio de cooperação, assinamos. Tanto é que tem espaços que até hoje a prefeitura cede fisicamente até a universidade crescer e ter o seu espaço físico próprio indepen-

dente de outros espaços.

[0:52:07] **PESQUISADOR** – E no sentido contrário, a Unifesp fez alguma coisa para a prefeitura?

[0:52:11] **JF** – Essa questão dos cursos voltados para a licenciatura já foi uma percepção de que... Logo quando a gente teve essa primeira frustração de que poucos alunos, que tem a ver com a baixa formação, lamentavelmente das escolas públicas, e mais uma vez a gente já falou aqui, desse estado que tem o mesmo governo o mesmo tipo de definição política nos últimos 20 anos, eu acho que lamentavelmente o ensino médio, no Estado de São Paulo, não teve o desenvolvimento e o apoio que deveria ter, a consequência é isso, os nossos alunos saem em muita desvantagem para disputar uma vaga em uma universidade pública como é a Unifesp. Então a gente percebeu isso, eu lembro, acho que foi uma das coisas...

Esse curso... a professora Virgínia foi muito rápida, com apoio do reitor da época e da nossa equipe da secretaria de educação de propor cursos dessa área de licenciatura. Quer dizer, a Unifesp ajudar a formação de professores nas áreas de física, química, que são decisivas para que pudesse formar melhor os professores, ou formar até professores que não existiam, e uma formação boa, para que universidade.eles pudessem ser reprodutores desse bom conhecimento nas escolas estaduais, nas escolas de Diadema para preparar a juventude para ingressar na universidade.

[0:53:49] **PESQUISADOR** – Excelente. Da minha parte, entendi tudo.

[0:53:55] **JF** – Foi bom? Te deu uma noção melhor da coisa, Alex?

[0:53:56] **PESQUISADOR** – Foi maravilhoso, incrível! De verdade. Eu fico feliz de poder ter conversado com o senhor de ter ouvido tudo isso, é uma história incrível. Eu devo terminar isso... devo não, eu tenho que terminar isso em março, minha entrega é em março, minha apresentação é em abril. De qualquer forma eu mantenho o senhor informado de tudo, até te enviar uma cópia depois.

[0:54:23] **JF** – Envia! Depois se você precisar de algum esclarecimento... procura a gente, está bom? Parabéns pelo seu trabalho e eu tenho certeza de que a Unifesp vai dar mais e mais alegrias aqui para nós!

[0:54:34] **PESQUISADOR** – Muito obrigado.

APÊNDICE H - Transcrição livre integral da entrevista com Entrevistado 4. Em 9 de outubro de 2018.

[0:00:00] **Pesquisador**: Já está gravando. Na minha pesquisa eu estou avaliando de que formas o campus, lá em Diadema, tem colaborado para o desenvolvimento urbano e regional, de Diadema e ai entra também o ABC na avaliação um pouco. Até agora, na verdade, o que eu vi é que as relações fora de Diadema são muito pequenas. É muito raro alguma coisa em São Bernardo, Santo André, até porque tem a UFABC ali do lado. É uma avaliação que tem sido bastante ampla e que no começo era mais relativa à indústria, à pesquisa, e tudo mais e que eu ampliei para o entendimento de desenvolvimento que abarca as questões sociais, culturais e por aí vai. Então da sua parte o que me interessa é saber um pouco do histórico do campus, saber desde quando você está lá, como foram os primeiros anos do campus e depois eu vou querer saber um pouco sobre o seu projeto de extensão, que é o projeto Zero. Acho que a gente pode ir conversando nesse sentido.

Para começar, eu te perguntaria, de novo, há quanto tempo você está lá no campus de Diadema e pedir para você me relatar um pouco dessa história.

[0:01:36] **Entrevistado 4** – Bom, eu vou falando... (se quiser colocar aqui mais perto para...). Eu vou falando seguindo um roteiro da minha memória. Não é nenhum descritivo histórico do ponto de vista da pesquisa histórica, porque é uma coisa mais emocional das minhas lembranças, não é resultado de um estudo ou um levantamento documental. Então, são lembranças. Quando tiver algum documento eu posso te localizar: "bom aqui tem um documento que foi votado". Alguma coisa assim, só que aí precisaria olhar o tal documento.

[0:02:13] **Pesquisador** - Não se preocupa. Eu tenho procurado nessas falas mais abrangentes é levantar elementos que eu possa ir atrás das comprovações ou ligar com outras falas.

[0:02:24] **Entrevistado 4** – O que eu vou falar não é a história mas são as minhas lembranças sobre esse processo, algumas coisas assim, que talvez deem pistas desse processo histórico, efetivamente, mas não...

Vamos lá. Eu entrei em outubro de 2010. A Unifesp tinha começado a discussão lá de Diadema, em 2006, mas, na verdade, os cursos lá começaram em 2008, por aí. A discussão toda começou em 2006, mas de qualquer maneira, chegando em 2010 estava muito no início do campus. 2010 era o primeiro ano do curso de ciências onde eu prestei o concurso. 2008, 2009 eles fizeram o projeto e iniciaram o curso de ciências para formar professores na licenciatura na área de física, química, biologia e matemática. E eles precisavam de pessoas com experiência em educação para formar professores para essa área. O concurso que eu fiz foi dirigido a isso: a um perfil de professores para a licenciatura, para formar educadores. Isso foi uma... E ai um elemento histórico do campus. Inicialmente (coisas que eu ouvi, que se falavam) o campus tinha sido planejado, inicialmente, em um perfil para atender às demandas do município. Então eles pensaram um perfil, como tem a represa, um perfil que tivesse o estudo ambiental, então as ciências ambientais, a química, a farmácia que tem muitas indústrias químicas em Diadema. Dentro da política de expansão, na época do governo do PT, tanto municipal, quanto federal, a ideia era buscar capilarizar a universidade e fazer uma interação do campus com as demandas

da indústria da região. Por isso um perfil na área de farmácia, química e ciências ambientais. O curso tinha sido pensado assim.

Posteriormente, segundo informes também, veio uma demanda do MEC, do governo central, mas era uma demanda específica do MEC, no sentido da formação de professores. Então veio uma demanda federal que a Unifesp tinha que criar curso de formação de professores. Por isso que os outros cursos começaram antes e a licenciatura iniciou em 2010. Então se preparou um curso de licenciatura, que foi na área de ciências porque era um campus de ciências, uma formação de professores também associada a esse perfil do campus. Física, química, biologia, matemática. E aí pensaram a licenciatura. Então, em relação ao que você perguntou do aspecto histórico, tudo o que eu ouvia falar lá no campus é essa encomenda de ter um campus associado às demandas do município.

Tinha uma contradição, que eu percebi, que os alunos que entravam, como eram selecionados pelo Enem, e pelo Sisu, não atendia a essa especificidade de interação com o município. Praticamente não tinha alunos de Diadema. Tinha do ABC mas não de Diadema. E a nossa relação com o município no começo, teve um certo estranhamento, e demorou muito, vários anos, para a gente poder ter uma relação efetivamente com o município, com a prefeitura, com os equipamentos sociais, não foi uma relação muito tranquila inicialmente. Por vários aspectos. Pelos professores que eram selecionados, pelas condições que a gente tinha no campus, como foi o projeto do campus e ai vou falar um pouco de algumas dificuldades que a gente foi tendo e que foi um pouco mediando essa relação com o município.

Essa coisa tem a ver assim... A universidade não atendia às demandas acadêmicas, então as pessoas que entravam tentavam fazer várias coisas e se sentiam um tanto frustradas e aquilo refletia na relação com o município e na satisfação das pessoas com o município, com a academia e no entorno do município.

Qual foi o grande problema, que eu vejo? (Aí é um elemento, é um fato histórico que dá para se investigar). A abertura do campus foi pensada em uma parceria do governo federal, que era do PT, com um prefeito que também era do PT e isso significava que a universidade abriria um campus com esse perfil para atender às demandas do município e o município cederia um terreno que era o sítio Morungaba. De fato, foi doado esse terreno do sítio Morungaba, a unidade do Eldorado, que era um antigo hospital psiquiátrico, então, a princípio, nós tínhamos uma base de terreno, de dois terrenos (o sítio Morungaba e o Eldorado) para iniciar o campus. E se fez na época, que chegou a ter um projeto executivo do sítio Morungaba. Quando eu entrei, em 2010, fiz várias reuniões para se afinar o projeto executivo, discutir salas, demandas, quantas tomadas eram necessárias para ligar quantos computadores; quais eram as demandas dos laboratórios de pesquisa, as demandas de laboratórios de química, as demandas de laboratórios pedagógicos para os cursos.

Eu participei de um conjunto gigantesco de reuniões onde se abriam plantas do prédio e a gente ficava discutindo que instalações precisavam ter ali, as características do prédio, etc. para afinar o projeto executivo. Isso significou praticamente perder o natal e o ano novo de 2010, que eu tinha entrado em outubro, trabalhando em projetos e correndo para poder apressar porque tinha prazos que a gente tinha que finalizar o projeto executivo.

Esse projeto era uma coisa que definia nossa relação com o município. O município

cedeu um terreno e queria montar ali e ,em troca, nós iríamos montar (isso é um outro fato histórico, que a gente também pode documentar) além de levar a universidade para lá, nós (em uma das retribuições) montaríamos um colégio técnico em química. Muitos desses acordos, tirando a parte administrativa (que teve que assinar esse documento, doações, da prefeitura) muitos dos acordos ou a sua totalidade, ou a grande parte, eram orais, por telefone... Não era uma coisa documental, que a gente pudesse, depois, conferir os documentos, qual foi a pactuação. Eram coisas orais que muitas vezes significava um telefonema do gabinete do reitor para o gabinete do prefeito e eles dialogaram, acertaram que iria acontecer e depois várias coisas aconteciam, ou não aconteciam em função disso.

Eu fui descobrir, posteriormente, que o colégio técnico foi em um nível de linguagem oral. Eu fui procurar a documentação, não achei a documentação, enfim, não existia. E surgiu uma polêmica, na reitoria, que depois na nova gestão, de que aquilo era uma coisa inexistente. Que não existia. De fato, do ponto de vista documental na reitoria não havia nada sobre. Mas do ponto de vista da oralidade, das conversas de negociação com a prefeitura tinha acontecido. Os secretários de educação do prefeito sabiam, o prefeito que assumiu depois sabia – que veio depois da gestão do PT sabia disso. Essa oralidade teve uma sequência histórica. A congregação de Diadema, pela oralidade, sabia disso e chegou a votar, isso tem nas atas da congregação. Votou uma equipe para compor o projeto pedagógico do colégio técnico.

Essa equipe demorou um ano e meio elaborando um projeto e tinha professores da licenciatura, do curso de química. Montaram um projeto pedagógico e que depois ficou parado. Morreu. Caiu na oralidade. Ai depois começaram aquelas dificuldades com a professora [nome omitido]. Uma coisa que me incomodava era... E eu imaginava que deveria ter a documentação na prefeitura, no campus, mas não tinha. Tinha aquela ação, tinha...

Eu comecei o projeto... Eu sei que o projeto tinha sido, uma equipe tinha montado um projeto mas não tinha levado à congregação. Então, ele tinha sido parado na fase que ele tinha sido completado do ponto de vista do projeto mas não teve a aprovação da congregação, nem entrega para a prefeitura. Eu me incomodei bastante porque isso era, na minha opinião, um ponto importante do nosso compromisso público com o município e tinha a ver com essa relação. Eu não tinha dimensão dessa questão da oralidade. Eu fiz um movimento na congregação, conversei com a diretora, fui conversar com o grupo que era responsável. Na época o coordenador era o professor [nome omitido].

Falei: “Quero fazer um movimento que a gente leve a cabo, termine esse projeto, aprove na congregação e faça a entrega oficial para a prefeitura. O que vai acontecer depois não sabemos. Porque aí depende de verba, contratação de professores, etc. Nesse movimento eu fui ao gabinete da reitoria falar que eu queria fazer isso, fui na congregação, falei que a gente tinha que continuar. Chamei uma reunião dos colegas que estavam nessa comissão para elaborar, pedi que eles terminassem, que apresentassem o relatório. Comecei a fazer todo um movimento.

O que aconteceu? O grupo respondeu, terminou o projeto, eu falei com a diretora, insisti, insisti, insisti, e ela pautou na congregação. Foi levado e o projeto e foi aprovado por unanimidade. E fui falar com a reitoria, várias vezes, e a reitoria reagia que aquilo não tinha documentação nenhuma, que aquilo tinha sido uma coisa que tinha ido ao vento, palavras que ficaram ao vento. Que aquilo não era uma coisa séria, não era um projeto institucional e eu fala-

va: era um projeto institucional, a congregação votou, encomendou, fez uma encomenda numa reunião, isso está em ata e foi produzida a coisa. Nós não podemos funcionar assim: você faz uma encomenda, faz um projeto, depois aquilo...

Enfim. A reitoria insistia que aquilo não era e eu falava: "nós podemos passar um certo desconforto". Na época nós estávamos tendo novas tentativas de estabelecer relações com a prefeitura e negociar (nós sempre tivemos essa questão da cessão do Florestan, dois andares do Florestan para a Unifesp). Então a gente tinha isso e gerava vários problemas de infraestrutura, vazamentos. Gerava irritações por parte da prefeitura porque a gente não fazia a manutenção e gerava demandas nossas para usar o anfiteatro que eles têm, enfim, tinha um relacionamento um pouco conflitivo. Nós estávamos tentando... Na época a diretoria compôs um comitê de relacionamento com a prefeitura, a gente ouvia essas reclamações, a gente fazia os nossos pleitos, e tentava negociar com toda a dificuldade porque a nova prefeitura que tinha assumido não tinha, no início, convicções de que a Unifesp era boa. Que seria bom a Unifesp estar em Diadema.

[0:15:29] **Pesquisador** – Essa nova prefeitura, o [nome omitido]?

[0:15:31] **Entrevistado 4** – É. A primeira gestão dele. Os secretários tinham uma certa, particularmente no Florestan, adesão à ideia de que seria melhor que a Unifesp fosse embora de Diadema. Embora já tivesse acordo assinado, a cessão, mas a prefeitura atuava como se a gente fosse um incomodo, como se a gente fosse. Que seria melhor se a gente fosse embora.

Em uma das reuniões, como tinha essa tensão, desse comitê a reitoria, como estava negociando as questões de infraestrutura com o Florestan, precisava renovar a cessão daquilo e a cessão do Florestan era estratégica para a gente poder ficar na cidade. Já não tinha dado certo o sítio Morungaba (eu já explico o que aconteceu). Numa das reuniões, o secretário de educação reclamou da Unifesp, depois que ele reclamou que várias coisas que a gente usou, quebrou, que não fez a manutenção... E falou: "Vocês prometem as coisas e não entregam! Cadê o colégio técnico?" E jogou isso na mesa. Por sorte nossa, a gente já tinha votado na congregação. Uma das colegas foi parte da comissão, o pessoal estava um pouco preparado, ai nós respondemos: "está assim, nós podemos marcar uma data para entregar o projeto".

Marcamos a data, saiu no jornal, mas acabou... Mas, óbvio, para levar adiante precisaria de verbas, de prédios e a prefeitura não tinha, federal também não tinha, mas a encomenda para fazer o projeto pedagógico nós entregamos. Quando ele falou isso... Depois eu falei para assessora da reitora: "Ta vendo? Embora não tivesse documentado, mas era um fato, só que isso não foi documentado". E essa questão da documentação era uma coisa problemática, não só na nossa relação com a prefeitura, mas internamente na Unifesp. As questões de infraestrutura, o histórico todo da universidade, essa documentação era muito frágil, então a gente acabava caindo nas impressões, nos mitos acadêmicos. Hoje eu acho que as coisas estão bem melhores. Agente sabe os processos. Você pode concordar ou não concordar com determinado procedimento, mas aquilo está documentado, está claro. Antes ficava muito na oralidade.

E o problema com o Morungaba, que eu acho que foi um problema sério na nossa relação com o município, é que se fez um projeto executivo, que se discutiu a salas todas em cima de uma área de preservação ambiental. Ou seja, um projeto, que se fez, inexequível. Não tinha como executar aquilo por causa das licenças ambientais e os recuos que tinha que ter em relação... Nada disso foi respeitado. Agora, porque se cometeu esses erros? Não sei. Depois, óbvio,

isso foi judicializado, porque se gastou um dinheiro público para montar um projeto executivo, que não é uma coisa barata, com a quantidade de erros que tinha ali, erros técnicos sérios, obvio que o Ministério Público vai querer saber de quem é a responsabilidade, o que aconteceu, como se gastou esse dinheiro. Obviamente não se pagou uma parte da empresa, acho que a parte final, uma parcela, a empresa cobra até hoje na justiça e se acumulou um processo gigantesco na justiça.

A criação do campus teve um problema: não teve o campus. Começamos a contratar as pessoas, começamos a ter um monte de gente, mas o campus, o terreno para você construir os prédios naufragou esse projeto. Então, acho que o início do campus, do ponto de vista de fenômenos acadêmicos, teve a ver com isso. Começou-se a montar uma equipe, uma expansão que não tinha muito controle. Então começou a contratar professores e pensar em cursos, sem se pensar muito na infraestrutura, acho que Diadema foi bem isso. Curso de química, professor, licenciatura e vai contratando, contratando, contratando, mas sem ter um projeto acadêmico, de o que a gente vai fazer com isso e quais os riscos, sem ter um estudo mais aprofundado, e sem ter um plano de infraestrutura. Tinha uma ideia, que era o sítio Morungaba, que naufragou. Eu digo que era uma ideia, porque sequer chegou a ser um projeto sério, um projeto executivo que você tenha como implementar. Tinha uma ideia se montou um projeto, mas não tem como fazer. Não teria como montar naquele terreno o campus que a gente precisa por causa das licenças ambientais. Então não era um projeto. Foi uma ideia e naufragou. Então ficou um campus sem campus.

Eu acho que isso marca muito o início da Unifesp em Diadema. O esforço que todo mundo fez para ter esse campus e a frustração por conta disso e marca também a nossa relação com o município. Porque foi um terreno dado pelo município. E, óbvio, para você tirar as licenças, os alertas, toda a relação que a nós não foi alertada, a equipe foi montada, enfim. Muita coisa errada aconteceu na relação para a gente montar um projeto totalmente errado. Então acho que isso marcou muito a entrada.

Depois se pensou, com a massa falida (e aí eu não tenho domínio, isso eu não acompanhei) do Conforja (que também era um equipamento estratégico para o Campus) a Unifesp comprou uma parte do terreno. Eu não sei as condições dessa compra, como foi feito. Mas pelos dias de hoje, a gente vê que teve alguma dificuldade nessa compra, porque é um terreno que não tem entrada, que é uma ilha isolado dentro de uma planta industrial. E os problemas de histórico do campus, que não se sabia, e toda a coisa fica na oralidade. Hoje na hora que a gente vai pensar nas construções a gente encontra dificuldades em relação a contaminação do terreno, ao histórico do terreno.

De novo, foi uma relação com... A nossa instalação no município... A gente foi se instalar em lugares que a gente não tinha a menor informação, não sabia o que fazer e são instalações problemáticas. Porque, um, você fez um terreno que não dá para você construir, no outro, um terreno que tem problemas e a gente não sabia. Até a gente ter consciência do que está lá, do que está acontecendo, se dá para a gente construir o PDInfra naquele terreno, até hoje a gente não tem uma coisa para falar assim: “de fato a gente tem condições de construir os 6 prédios nesse terreno”.

Mesmo que não tenha, tirando a questão orçamentária, se tem ou não tem dinheiro,

mas a condição de fixação. Acho que isso leva um elemento de insegurança de infraestrutura, de precariedade na instalação do campus e, portanto, na nossa relação com o município. Nossa relação com o município sempre ficou: "estamos ou não estamos no município? Dá pra ficar ou não dá pra ficar? Tem que sair? Tem problema?". Acho que isso marcou muito as nossas relações internas e as relações com o município. Com os equipamentos do município.

Agora, 10... 10 não, 12 anos depois, considerando 2016, a gente consegue ter uma ideia melhor do que se passou e das tarefas que a gente tem pela frente. Discutir mais sério o PDInfra. Temos um projeto, o que a gente precisa, o que a gente quer para o campus, quem somos, o que queremos, um projeto do que precisamos. Estamos investigando agora, começando a ter condições melhores do terreno, do que dá para fazer, o que não dá e onde, como e toda essa questão ambiental e a descontaminação do terreno, acho que isso é muito importante. E um projeto de construir os três prédios, que seriam o prédio de acesso, biblioteca e prédio de pesquisa, que acho que isso seria o mínimo para a gente poder dizer: "Estamos de fato implantados". Minha opinião, eu acho que até hoje se a gente não conseguir executar essa fase 1 do PDInfra, a gente vai ter que se perguntar se a gente consegue estar inserido no município ou não. Porque você fica ali precariamente em prédios alugados ou em condições que não são, tecnicamente e legalmente, regulares, a gente fica... "estamos ou não estamos?" A gente fica numa situação irregular. Essa questão dos AVCB´s. Acho que isso acaba permeando a nossa localização aqui. Essas irregularidades na nossa localização física levam a um monte de dificuldades na nossa relação com o município. AVCB, os fluxos, o que faz e o que não faz, quais são as obras que têm que fazer, o que é mais importante em termos de infraestrutura. Então, se a gente não conseguir entender essas coisas a gente nunca vai conseguir ter um projeto de sermos Diadema em Diadema. Sermos Unifesp em Diadema.

Na minha opinião, fazer uma avaliação desse processo histórico, tem essa dificuldade no nascimento do campus Diadema e que perdura até hoje. Acho que melhorou porque a gente conseguiu avançar muito nessa questão ambiental e conhecer o que tem e os problemas que tem para tentar resolver. Temos um plano acadêmico, do que fazer, alguns ainda precisa desenvolver mais a parte executiva, e estamos começando a desenvolver, em um outro patamar (e ai acho que a prefeitura mudou de opinião) nós estamos em condições de estabelecer uma relação mais capilarizada, mais sustentável com a prefeitura, tanto do ponto de vista político, acadêmico, educacional.

Acho que agora se abre uma oportunidade de ter uma relação mais estável com o município, com um nível de problemas em comum, a gente pensar em conjunto um município sustentável, projetos comuns como teve os tapioqueiros, o projeto do pessoal da engenharia civil que era.... os tapioqueiros, milheiros de Diadema. Você conhece esse projeto? Você conhece esse projeto? Que era pegar essa população e interagir com ela. E agora está tendo um outro que é com professores para discutir educação ambiental e a capilarização nas escolas. Esse problema ambiental é bastante grande. E tem problema de obesidade nas escolas. Então como a gente pode, ao mesmo tempo, discutir alimentação saudável e segurança alimentar nas escolas

E o outro plano, que é o Mapa Ambiental de Diadema, que daria para fazer o mapeamento da cidade, dos problemas ambientais da cidade e isso ser base para um relacionamento universidade-município e uma base para as políticas de desenvolvimento do município.

Se você quiser atrair empresas para trabalharem lá ou trazer outros equipamentos sociais, outras universidades, outras empresas da área de comércio e da área de produção, você precisa saber que terreno você tem e saber negociar as questões ambientais. Porque tem a represa ali do lado, tem o histórico dos terrenos de Diadema, que são muito complicados do ponto de vista da contaminação, porque a maior parte ou são ocupações irregulares ou são indústrias, que na década de 60, 70 muitas indústrias químicas ou metalúrgicas que usavam de uma maneira inadequada as questões ambientais, você tem um passivo de Diadema muito forte. Então, a cidade, para pensar desenvolvimento tem que pensar em negociar esse passivo ambiental que tem, que não é pouco, o da represa, da descontaminação de vários terrenos. Isso é um problema do município. Se ele quer pensar desenvolvimento sustentável, tem que negociar com todo mundo, reconhecer que tem um problema e pensar como trabalhar com isso e reverter isso.

A relação do campus com a prefeitura tem esse DNA: a gente pensar a questão ambiental, pensar a questão do desenvolvimento sustentável, trazer indústrias que pensem nisso, em associação com a universidade, a universidade ajudar com pesquisa nesse estudo, o município reconhecer que tem problemas e tentar, no convite dos equipamentos que têm aqui, como cada um pode pensar essa questão sustentável do seu próprio negócio.

Tem algumas empresas que nós estamos vendo que combinam com aquele modelo de indústria 4.0 e pensar as questões ambientais. Tem algumas empresas que começam a conversar com a prefeitura sobre isso e a prefeitura pode ser um centro que junte a universidade, os centros de pesquisa que tem aqui, as escolas técnicas, as indústrias para a gente pensar soluções para o município. Soluções para produção, para desenvolvimento tecnológico, a questão ambiental, e como a gente pensa isso de uma maneira sustentável.

Acho que estamos em um momento interessante, embora tenha um passivo complicado e agora nós estamos tomando conhecimento desse passivo e tomando políticas para lhe dar com ele e pensar o nosso desenvolvimento. Não dá para ficar reclamando do passivo, ou ficar chorando, ou querendo sacrificar alguém por causa desse passivo, mas tem que reconhecer que tem e o nosso desenvolvimento depende de melhorar esse passivo e trabalhar com isso.

[0:30:22] **Pesquisador** – Você falou de um sentimento de frustração lá no começo. Hoje, qual seria esse sentimento?

[0:30:30] **Entrevistado 4** – Eu acho que tem. E ainda tem, persiste e é uma disputa acadêmica, uma luta política importante porque se a gente for olhar, a maior parte do corpo docente vem de uma formação muito técnica. Formação da Unicamp, da USP, que você faz uma formação muito com viés sem ter experiência profissional, experiência de vida anterior, mas você tem uma vida escolar muito concentrada nos estudos, na pesquisa, de uma área específica. Então são perfis que têm dificuldade de, hoje, olhar e ver, entende, se enxergar e se identificar nesse contexto que eu estou te falando.

Ou seja, é possível fazer alguma coisa, se a gente pensar do ponto de vista do passivo que nós temos, do futuro que nós queremos, das condições ambientais, as condições de pesquisa que a gente tem, a falta de recursos. Pensar nisso e pensar em um projeto que seria, digamos assim, que a gente ia entender hoje como inovação social. Todo mundo fala de inovação tecnológica, mas também tem toda essa inovação social. Como que a gente faz, socialmente, as coisas produzirem e pensar municípios saudáveis, coisas por aí.

As pessoas, muitas vezes, não têm formação para isso, é uma formação muito técnica. Quando a gente chega na universidade, não tem o laboratório dele, não tem os reagentes, não tem a bancada, não tem os equipamentos, ele demora muito tempo, ou alguns não conseguem fazer isso e aí saem, querem ir para um lugar onde tenha isso. Às vezes na USP, ou na Unicamp, ou em uma universidade fora do país. Essas condições de uma pesquisa isolada.

O campus está perante de uma tarefa de pensar em uma pesquisa socialmente integrada e dentro de uma perspectiva de municípios sustentáveis e de desenvolvimento sustentável para o país. Isso é um projeto político acadêmico a ser construído. Acho que nós temos a possibilidade disso, temos o DNA, mas não temos esse projeto ainda constituído.

Tem algumas políticas que incentivam isso na Unifesp. A política de inovação da Unifesp incorpora inovação social. Está se fomentando isso. A partir da Reitoria, está se incentivando essas questões, alguns órgãos internacionais impulsionam isso. Mas ainda são políticas que estão sendo incentivadas, ainda não é uma realidade institucional forte.

E tem a questão de adaptação. As pessoas vêm com 30 anos de formação, a perspectiva você não muda isso rapidamente para se incorporar a pensar de uma maneira diferente. Mesmo porque tem as pressões. A pressão da Capes, a pressão de não-sei-o-que, tem que produzir, projeto financiado, tudo isso dificulta. Não é uma coisa muito fácil de lidar. Mas, na minha opinião, esse seria, em linhas gerais, os traços do horizonte para onde a gente tem que caminhar. Reconhecer que nós não estamos nesse horizonte ainda, nós estamos bem antes. Mas a gente tem que vislumbrar um horizonte e falar: “Nós temos que caminhar para lá, o nosso futuro, o que nos identifica no futuro, seria isso”. É uma espécie de reconhecer o que tem hoje e todo esse passivo e pensar na arquitetura do futuro e falar: “se nós temos que andar para lá, quais são os passos que a gente tem que começar a dar nesse sentido, de pensar os caminhos, os procedimentos”.

Por uma incrível coincidência, nós temos, pelo menos nós temos até agora, dado alguns passos interessantes que apontam uma certa sincronicidade entre... Nós estamos nos esforçando para fazer, estamos tentando, e tem um grupo de professores que estão tentando caminhar nesse sentido. A diferença que eu vejo de antes é que antes era umas coisas isoladas. Eu fiz muito esforço nisso, resultado de dois comitês de integração a coisa não acontecia, a relação com a prefeitura voltava. Porque, também, na relação com Diadema, tinha o pessoal de São Paulo, da Escola Paulista de Medicina, eles atendiam o SUS aqui e traziam os alunos para assistir o SUS, e também deu um problema lá qualquer com a Escola Paulista de Medicina e o SUS daqui, ai rompeu a relação. A SPDM gerencia um dos hospitais de Diadema, não sei qual dos dois, o Piraporinha ou o...

A relação com a Unifesp tinha a ver com essa parte médica que a gente não tinha o menor controle do que acontecia. Quando fiquei sabendo, tinha dado um rolo lá qualquer e a relação estava estremecida na área médica, os alunos não estavam vindo, a prefeitura tinha ficado brava com eles. Isso se refletia no que acontecia no campus, só que a gente não tinha o menor controle sobre isso. Isso faz parte desse nosso histórico. A Unifesp de Diadema era uma coisa meio difusa que a gente não tinha muito controle. Eram muitos erros e a gente tentando saber o que estava acontecendo. O começo foi muito assim.

Uma outra coisa que eu acho que tem a ver com a importância como... internamente é que nós começamos um campus que tinha, inicialmente, uma professora titular, a professora

mais experiente. E depois ela trouxe o professor [nome omitido], que era um pesquisador da área de química muito aquele perfil acadêmico, interno, não era um perfil de relacionamento com o município nem nada. E trouxe o professor [nome omitido] que também tinha esse perfil de ser aqueles acadêmicos da USP para o mundo mas não para a comunidade do lado.

E Diadema tinha sido pensado num campus para fazer ciência com a comunidade ao lado e não com a comunidade americana, europeia. O fato, se a gente for olhar... Embora individualmente cada um tenha feito o que fez na universidade, tenha dado sua contribuição, na minha opinião...

[interrupção externa]

[0:38:00] **Pesquisador** – Só mudando um pouco, então...

[0:38:07] **Entrevistado 4** – Só pra terminar isso, eu acho que os três professores, embora tenham feito muito cada um ao seu modo e como compreendia, mas eles não conseguiram colaborar com o campus que a gente precisava e nessa relação com o município, uma coisa sustentável. Acho que o esforço deles acabou gerando conflitos internos, externos, erros e uma coisa que não ajudou a gente a construir um projeto geral do campus que a gente precisava naquelas condições que a gente estava ali com a prefeitura que a gente tinha que negociar.

Depois acabou que os três saíram, descontentes, frustrados. E aí a questão da frustração que você perguntou. Os três professores saíram frustrados e não conseguiram conduzir o campus para um futuro. A gente imaginava que os professores iam apresentar um futuro, um horizonte. Eles não conseguiram fazer isso e saíram frustrados. Nós tivemos que repensar o campus a partir de jovens doutores. A gente estava lá e o que faz? Dava uma cabeçada atrás da outra, erros e tensões, mas fomos construindo a partir disso. Ou seja, os nossos orientadores não conseguiram nos orientar para o futuro do campus. Embora eles tivessem apresentado a ideia que eles tiveram de futuro mas como não eram coisas que compunham um projeto acadêmico sustentável nós ficamos sem projeto. Foi um pouco isso. Era um campus sem projeto.

Uma coisa que ajudou muito a ordenar, na época da professora [nome omitido], eu falava isso na congregação quando nós estamos em um campus que não precisava discutir quem era o que era... e eu falava isso para a professora [nome omitido], tinha muitas energias acadêmicas que a gente não estava dando vazão, que a gente não orientava essas energias para provocar o conflito entre elas porque a gente não estava dando resposta às demandas acadêmicas, que as pessoas queriam construir como projeto. A gente precisava repensar essa questão, isso já em 2011, 2012, eu já falava em repensar os departamentos. Tivemos um seminário, nós montamos um grupo de planejamento estratégico com o professor [nome omitido] e a gente dizia essas coisas todas. E começamos a pensar que a gente precisava ter um projeto para o campus, que a gente pensasse o futuro estrategicamente...

Mas qual era o problema? Como nós tínhamos problemas de infraestrutura e de gestão emergentes, o tempo inteiro, eu fiz essa formulação teórica, eu falei: "Nós temos um problema muito sério no campus que a gestão mata o planejamento. Não deixa nascer! Não deixa nascer! Porque você começa a pensar uma coisa estrategicamente: "vocês são visionistas, idealistas, isso ai não é o que tem que fazer agora, isso aqui já me deu o papel, já...". Isso matava qualquer possibilidade de planejamento.

Nós montamos o GPE, que é o Grupo de Planejamento Estratégico, começamos a fazer um processo na congregação, começamos a preparar com os adjuntos depois aquilo foi se conformando como uma necessidade de a gente ter alternativas de pensamento e propostas alternativas de gestão e ai isso ficou soando como se fosse uma oposição à professora [nome omitido]. A gente dizia que era necessário ter alguma outra coisa, porque as decisões eram muito centralizadas, muito autocráticas e não tinha um projeto, um plano. Isso aqui uma hora vai explodir!

De fato, foi tencionando; esse modelo de gestão muito centralizado, sem discutir as angústias dos docentes, vai gerar conflito. E foi aumentando e chegou a um ponto de tensão que alguns docentes do Eldorado fizeram uma carta das irregularidades do Eldorado, aquilo tenionou, foi para o consu, e culminou com a professora [nome omitido] não aguentando toda aquela pressão e pedindo demissão. E a gente não queria isso, a gente queria estar pensando nas eleições, substituir, fazer um processo, e mais importante não era fazer oposição, era fazer projeto para o campus. Um planejamento. A gente não tinha metas a longo prazo, a médio prazo, a curto prazo. Não pode dizer que isso é uma gestão diária: "O que nós vamos fazer hoje?". Hoje é a calha do Eldorado, amanhã é o poste do Doll. Não dá para a gente ficar assim. Tem que pensar estrategicamente o que a gente faz com o NATEP, as questões dos pedidos da pesquisa, tem que... O que nós queremos? Quantas pós-graduações nós queremos? Quantos cursos nós queremos? Temos que pensar isso. Qual o tamanho do campus que a gente quer. Os prédios! Nós não temos prédio! Nós estamos em um campus que...

Eu brincava, dizia que nós temos uma cabeça do tamanho de um bonde e não tem corpo. O corpo não aguenta a cabeça que tem. Tem um conjunto de doutores mas falta funcionário, falta prédio. Como a gente segura a inteligência que a gente tem aqui? Não tem corpo para segurar a inteligência que a gente acumulou aqui. Aí cai.

Eu achei que nós tivemos que lhe dar com a falência do projeto de infraestrutura, que foi o Morungaba, depois tentou-se alugar o prédio da Alda, que seria alugar uma indústria em comodato, também não deu certo; o prédio H que também não deu certo. O projeto de infraestrutura para o campus faliu, nós tivemos que lhe dar com isso. O modelo de gestão da professora [nome omitido], que era muito centralizado, também faliu, que não dava para funcionar daquele jeito. Chegar na congregação, a congregação querer uma coisa, ela falar que decidiu vai ser assim, ponto acabou. Quando você ia ver já estava resolvido sem ter tido participação, o campus ia para um lado e a pessoa queria ir para o outro, não tinha espaço para discutir, de bater, disputar e o campus votar alguma coisa e todo mundo entender que vai para aquele lado. Tivemos que superar esse... Tivemos que pensar, constituir, pensar um projeto de infraestrutura, pensar um projeto de gestão sem ter ajuda. Então foi o que deu para fazer.

Na minha opinião foi um pouco disso, porque nós tivemos que superar um projeto de infraestrutura, e o PDInfra que ai com a ajuda da reitoria, da [nome omitido] nós conseguimos pensar o que nós somos, o que queremos e o que precisamos. E junto com o PDInfra um modelo de gestão, que a gente só pode fazer isso com todo mundo, ouvindo todas as partes, uma congregação que de fato decida, uma congregação que dialogue com os cursos, departamentos. Repensar a organização acadêmica, os departamentos.

Eu fui chefe do DCET. Agora você imagina um departamento que tem os químicos,

o pessoal da farmácia, o pessoal da geologia, o pessoal da educação em ciências, pessoal da física. Você faz uma reunião do conselho departamental, cada um está falando uma coisa. Não tinha um projeto departamental, pensar uma área de pesquisa. Então, a organização acadêmica não dava vazão para as ações por área. Ninguém se entendia, cada um falava uma coisa e não tinha ninguém que atendesse às falas, às angústias, não tinha ninguém. O diretor não conseguia dar conta, fosse quem fosse. Precisaria apresentar uma queixa, uma fala, fazer um estudo sobre aquilo tentar montar um projeto sobre aquilo, fazer um projeto, apresentar um estudo de risco e apresentar o projeto para a congregação. Mas não tinha quem fizesse isso. Quando você pensa coletivamente você não... Aquilo só virava reclamação, nada virava um projeto. Então você falava: "veio o dinheiro, o que nós vamos fazer?". Não tinha o que nós vamos fazer. Não tinha! Nós perdemos a oportunidade e não tinha, só tinha reclamação.

Agora nós temos. Ah, agora temos um projeto, temos umas coisas pensadas, mais ou menos articuladas, estratégia (uma coisa que nós precisamos pensar...) mas está na lista do que nós precisamos pensar e o que nós vamos fazer. Temos um PDInfra. "Ah, chegou dinheiro, precisa construir mais prédio? Pegamos lá do PDinfra, vamos fazer o projeto executivo". Ou seja, você sabe de onde tem que partir. Antes não tinha.

Na época que tinha o dinheiro, o governo federal tinha dinheiro, a gente não tinha projeto, a gente não sabia o que ia fazer. A gente estava acreditando na maravilha do Morungaba. Depois que viesse uma outra maravilha que o campus não pensou, mas que fosse dar um... E ninguém deu nada alternativo ao Morungaba. E aí o campus teve que parir isso, pensar um modelo de gestão. Um modelo de infraestrutura, pensar o orçamento, que tem a ver com tudo isso e pensar para onde nós queremos ir. A nossa própria identidade. Ai a questão dos departamentos.

Nós fizemos um movimento muito forte dos departamentos, dos docentes, para a gente tentar se gerir. Isso consome muita energia e eu acho que isso acaba, também, dificultando que a gente consiga fazer alguma coisa mais sustentável com o município. Se a gente não sabe exatamente o que a gente quer, se a gente quer ficar ou não. Mas acho que está surgindo grupos que estão mais ou menos estruturados, estão com laboratórios, um departamento definido. Então você sabe que tem um pedacinho, que é limitado que pode, que não tem tanta verba, já sabe como dar conta do seu Lattes, agora você pensar em uma coisa para fora, pensar uma extensão, pensar um convênio com empresas, pensar um convênio internacional.

Embora eu acho que ainda exista um monte de coisas precárias tanto no Eldorado como no Prédio de Vidro. Mas a gente consegue... temos alguma coisa, vamos pensar o que vai ser para o futuro. Então acho que começa essa... Eu sou esperançoso, eu vejo que a gente consegue pensar um pouco para frente.

[0:48:30] **Pesquisador** – Mudando um pouco, o projeto zero. Eu queria que você me explicasse o que é o projeto zero.

[0:48:37] **Entrevistado 4** – Quando eu comecei... Hoje, na verdade, ele é um programa. E que é um pouco essa história. Quando eu cheguei em Diadema, eu comecei a perceber essas coisas todas eu falei assim: "Qual é o marco zero de tudo?". Eu tinha zero espaço de pesquisa, estava sentado no Doll, tinha um monte de aluno da graduação, que o pessoal ia chegando e a gente via a vulnerabilidade dos alunos, as dificuldades deles.

Eu sou um educador, trabalho com pesquisa e educação, então eu tenho que me definir com relação à pesquisa e depois eles vão cobrar, além de dar a aula, e fazer as coisas que têm na graduação, eu preciso fazer pesquisa. Que pesquisa eu vou fazer? Eu não tenho laboratório, não tenho espaço de pesquisa. O que eu tenho na minha frente? Um monte de aluno. O que eu faço com isso? O que dá para fazer? O que é possível fazer nessa universidade.

Eu via assim: eu não tenho uma faculdade de educação que eu possa pedir uma ajuda, alguém que me dê um horizonte, me oriente. Eu não tinha um instituto de ciências instituído. Geralmente as licenciaturas, quando você vai pensar pesquisa, ou você tem uma faculdade de educação que te dá um norte e já tem um programa de pós-graduação que aí você vai seguindo alguma linha, os mais experientes. Ou você tem um instituto de física, um instituto de química, e aí você vai seguindo as possibilidades que tem naquele instituto.

Aqui a gente não tinha nem o instituto de química instituído que pudesse ter um acúmulo nem uma faculdade de educação. E tinha no curso o plano de ter 50 docentes e entrava, por ano, 200 alunos. Tinha um monte de aluno e uma equipe de professores totalmente diversa. Tinha gente que vinha da física, da química, da biologia, gente da educação, da pedagogia e dentro de cada uma dessas áreas tinha um pessoal que era da área de ensino e gente que era da área pesquisa básica, de laboratório, que nunca tinha dado aula e nunca tinha pensado ensino educação de. Mas estava ali para formar professores de química.

Então, imagina um cara que se formou, estudou química a vida inteira, se preocupou com átomo com reações químicas depois ele tem que formar um professor que vai dar aula de química. Teu objeto deixa de ser os tubos de ensaio e passa a ser aquela outra pessoa que está na sua frente e você tem que formar professor de química. Esse era o desafio para todo mundo que foi contratado para o curso. Nós tivemos dificuldades de contratar perfis que entendessem esse desafio. “Você está lá, não é só para fazer pesquisa em física e química, você está lá para formar professores. Você vai fazer a sua pesquisa, você pode ir para o laboratório, mas você vai ter que formar um professor”. Só que o cara nunca tinha se perguntado como se forma um professor de química. Esse era o químico básico. Tinha gente que tinha essa formação porque se fez a formação como se forma um professor de química. Isso repetia para química, física, matemática. Essa a discussão na própria equipe.

Então na hora que eu percebi essa ação a pergunta foi: o que eu faço? Qual é o marco zero disso tudo? Me deu a impressão de que qualquer resposta “o marco zero é esse” eu poderia ter errado. Então a pesquisa é essa, a verdade é essa. Qual é a verdade em um contexto desse que tudo é diferente? Eu não tenho um instituto, não tenho faculdade de educação, não tenho instituto de química, nem de física, nem de biologia instituído com titulares que te deem um caminho e falem “vá por aqui”. E não tinha um norte dos titulares dentro da instituição: “vão por aqui, façam isso, façam aquilo outro”. Você tinha o desconhecido pela frente com uma complexidade gigantesca no curso. A diversidade de perfis e professores. E com todas as dificuldades acadêmicas que eu acabei de falar, de infraestrutura e de gestão.

Quando você ia falar, ia para a congregação querer pleitear alguma coisa, mostrar um problema, você encontrava um problema muito maior do que aquele que você quer colocar. Você ia lá todo esperançoso: “eu vou falar de um probleminha que eu estou vendo aqui no curso, querer que os colegas me ajudem e os problemas da congregação eram muito maiores do

que eu tinha. Então ninguém ouvia ninguém. Daí veio essa discussão do marco zero. O que eu estou fazendo aqui? O que eu estou procurando? Essa ideia do temos que repensar desde o zero. Então foi essa a minha postura, temos que...

E ai, o que funcionava no projeto zero no começo? Era eu, conversei com alguns outros colegas, mas cada um estava tentando se achar, então no começo era eu e 20 alunos de graduação que se dispuseram a fazer o que? Iniciação científica. Pensar o que nós estávamos fazendo ali. Que curso era esse? Qual a dificuldade do aluno que chega? Quem é o aluno que chega? O que faz? Vamos tentar descobrir esse zero.

Se eu partisse do "o curso de licenciatura é", "o aluno de licenciatura é", essa é uma fala que muito provavelmente estaria fora da realidade. A grande pergunta é: "quem somos? Onde estamos? Quem é o aluno que está entrando? O que nós estamos fazendo aqui?"

Uma coisa que nós fomos percebendo desde o começo é que entravam 200 alunos, no primeiro semestre do curso metade ia embora. Você começava a dar aula de física 1 para 50 alunos, terminava com 25. 20 alunos na sala de aulas em um semestre. O que está acontecendo? Como nós vamos resolver? "Tem que ser os colegas que tem mais experiência". Mas éramos o mais experientes que tinha. Eu e o José Alves dávamos aulas há mais de dez anos. Aí começamos a querer entender o que se passava.

Ai que eu fui, com os alunos de iniciação, esses 20 alunos, tentar entender esse marco zero. E fomos fazer pesquisa sobre isso. Fizemos um questionário para ser respondido pelo aluno que estava ingressando. E aí nós descobrimos uma coisa muito interessante, que tem a ver com o Sisu: 55% dos alunos que entravam no curso não queriam fazer o curso. Porque entravam? Porque tiveram uma nota no Enem e eles queriam fazer qualquer outra coisa, Engenharia, Medicina... Ganhavam uma nota no Enem e olhavam no Sisu onde eles poderiam caber. E o que eles cabiam? A nota deles cabia no curso deles e para não perder a vaga, marcavam lá e vinham. Mas era isso. Então, não eram alunos que queriam virar professores. Nós fomos descobrindo essas coisas no processo.

E aí o Projeto Zero. Como a gente pode fazer? Ensinar esse pessoal a fazer pesquisa com o que está acontecendo e fazer extensão com aquela realidade que a gente estava encontrando ali. Por isso o "Projeto Zero", qual seria o marco zero disso. E resultou dessa fase inicial... algumas coisas que a gente não conseguia era fazer ensino, pesquisa e extensão. A extensão, no começo, a gente conseguia fazer pouca coisa, porque a gente não teve energia para ir para fora. Se você não sabe quem você é, não sabe com que forças você conta, quais são os seus potenciais, você não consegue utilizar isso para fora. Então acabou ficando muito internamente em querer entender quem somos nós.

Esse quem somos nós, tinha um reflexo interno, na individualidade, que muitos alunos acabavam entrando em crise pessoal, psicológica, por essa crise de identidade. "Eu quero ser professor, não quero ser professor? O que eu estou fazendo aqui? Eu vim lá do nordeste. Eu vim do Pará. O que eu estou fazendo aqui? E ai eu convivo com essa realidade de Diadema e as dificuldades de infraestrutura?". Ai o pessoal era assaltado, fica sem dinheiro, e o restaurante fecha, e não tem água. Isso significava um sofrimento muito grande para os alunos.

Sofrimento que eu digo é que muitas vezes o aluno não vinha para a aula porque não

tinha dinheiro para o ônibus. Vinha, não tinha como comer, às vezes o restaurante estava fechado... Às vezes ele morava longe. Aquele aluno que saiu da Unifesp, que é gratuita, e foi para uma universidade paga porque era mais barato. E o aluno dizia: "Professor, para mim é mais barato pagar duzentos reais numa faculdade do lado da minha casa, que eu saio do trabalho, vou para lá e de lá vou para casa, do que sair de Guarulhos, vir para Diadema, de Diadema volta para lá", porque ele trabalha e mora em Guarulhos... Não dá, fica inviável, do ponto de vista da alimentação e do transporte.

Então, foi uma coisa que nós fomos descobrindo, embora a universidade fosse gratuita, a entrada pelo Sisu não eram os moradores locais que vinham e isso significava uma vulnerabilidade muito grande, porque o pessoal tinha que vir de fora e permanecer ali. E como uma pessoa vem e permanece ali? Com que dinheiro? Com que condições sociais? Muitas vezes vinham setores da escola pública que a família (uma coisa que nós identificamos e chegamos a escrever sobre isso) não identificava a importância e o significado de ter o primeiro membro da família na universidade. Nós chegamos a ter taxas de 25%, chegou a quase 30%, de alunos que era a primeira pessoa da família a entrar numa universidade pública. Em uma universidade, fazer ensino superior. E a família não entendia, principalmente as meninas. A família cobrava: "cadê o arroz e feijão na mesa? Você não vai trabalhar para por arroz e feijão? Nós vamos ter que ficar te sustentando mais ainda?" Isso dava muita crise de identidade.

Isso também entrava na discussão do "Projeto zero". Quem somos nós? O que estamos fazendo? A questão da acessibilidade. E aí começamos a perceber cada fenômeno e começamos a querer dar uma resposta. Então entrou o plano de monitoria, plano de iniciação científica. Eu tinha 20 alunos, não tinha bolsa, mas a gente conseguia o certificado para eles para valer como atividade complementar. Ou seja, tinha alguma moeda acadêmica, que aquilo valia como atividade complementar para o curso. Nós fomos percebendo e fomos trocando, tentando descobrir o caminho de fazer as coisas com aquele conjunto de características e dificuldades. A gente chamava de vulnerabilidades acadêmicas e tal. As bolsas do NAE, as bolsas de iniciação científica, monitoria, chegamos a ter, em um ano que eu era coordenador do projeto, treze bolsistas só de monitoria, depois cortou para três bolsas. Pegamos essas três bolsas, cortava, dava meia bolsa para seis. Nós chegamos a ter treze bolsas, isso ajudava o aluno a ficar ali e a construir essa identidade. O que é ser professor? O que é se formar como professor na área de educação? Porque senão você fica muito angustiado com os problemas do dia-a-dia e as pessoas não conseguem pensar o que vai ser como profissional. Você não consegue pensar o que você vai dar para o município, você está pensando em sobreviver, como você pode pensar o que pode contribuir com o município? Era muito uma demanda do tipo: "onde está minha mamadeira? Quem vai me dar minha mamadeira? Eu preciso.... e não como eu posso alimentar o outro que está lá?" Foi muito isso.

Por isso que eu disse: as dificuldades de infraestrutura e de implementação do campus acabam refletindo muito nessa relação com o campus [município]. Agora, em um segundo momento, quando a gente começou a amadurecer um pouco, muito do público que está lá se enxerga muito próximo ou como igual a quem está fora, e aí começam essas relações de solidariedade.

No começo também tinha isso, alguns docentes se viam como alguém do primeiro mun-

do que veio para Diadema, então o pessoal se horrorizava com a pobreza, com a violência, como se o problema da violência fosse Diadema, fosse a localidade, e não um problema social. Então, tinha sempre aquela discussão de levantar muros, contra a pobreza, contra a diferença, e querer a polícia dentro do campus. Até que nós falamos: "Não! Em vez de levantar muros, vamos interagir com essa comunidade. E ai foi um um processo. Alunos que vinham dessa realidade, se identificavam mais, principalmente da licenciatura, um pessoal mais velho, que já vinha dessa realidade social, ai não tinha medo dela. O pessoal sabe o que é. E ai foi criando uma percepção da cidade que já não é mais de susto ou de medo, e ai já começa a se enxergar como próximos ou semelhantes à população de Diadema, passíveis de interação. Vários professores se enxergam assim. No começo, às vezes vinha o pessoal concursado da USP e da Unicamp que só vivia nessas realidades, quando vem para Diadema, assusta! Porque não tem o laboratório que precisava. E tem que ir para o Eldorado, andando pela [avenida] Alda. No começo sempre teve professores assaltados, aquilo virava mito, medo.

Teve um caso engraçadíssimo! A professora vinha em um carro automático. Pararam ela na avenida Alda, revólver, não sei o que... "Desce! Desce! Desce!". Ela desceu. Os caras não conseguiram dirigir o carro, devolveram o carro para ela. Essas coisas todas. Isso assustava o pessoal, professor ser assaltado... No começo, e até hoje tem muito disso, o pessoal chega com celular, com equipamento, numa comunidade carente onde os jovens não tem... Isso foi um relacionamento que surpreendeu no começo, agora acho que está um pouco mais respeitoso. E a violência é como tem em qualquer lugar.

Para finalizar a questão do "Projeto Zero", a ideia inicial era pensar nisso e agregar os professores que estavam chegando, era um projeto que eles pudessem ter um... que uma das exigências de sobrevivência acadêmica é que você tem que fazer ensino, pesquisa e extensão, então você tem que ter um projeto financiado, tem que estar em um projeto de extensão, tem que...

Eu falei: "Vou montar um "Projeto Zero" que eu possa oferecer para o professor que está chegando. Ele entra em um projeto, vai participar, dar opinião. Se eu não tenho espaço físico, não tenho laboratório, então a gente pode ter alguns projetos, algumas ideias para conviver". Então era uma ideia de acolher alunos e acolher docentes que estavam chegando. E cá entre nós, tentar me acolher, eu precisava fazer alguma coisa para me sentir bem, se não eu vou fazer o que aqui? Se eu não tenho laboratório para fazer pesquisa, tenho um monte de aluno carente, não tem as bolsas, a gente tem que pensar o que? Projeto. Pensar sobre isso. E desse pensamento tem que surgir não só pesquisa, tem que surgir projetos institucionais, sugestão, propostas. Se a gente não entende como está acontecendo, como a gente pode querer que o diretor resolva o problema que está aqui se eu não entendo o que é e nem convivo com aquele problema? E ninguém sabe formular o problema em termos de um projeto acadêmico. Não estamos na academia, temos que pensar sobre tudo isso.

Eu rapidamente percebi isso. Eu fui para lá não para pensar na pesquisa, dadas condições maravilhosas de pesquisa, se pensar a pesquisa de ponta. Mas, dada a total falta de pesquisa, de condições, você pensar o que faz com isso. Como você monta uma universidade sem nenhuma condição. Isso é fazer uma universidade de terceiro mundo.

[01:05:29] **Pesquisador**: E o hoje? O que é o "Projeto zero"? O que vocês fazem hoje?

[01:05:32] **Entrevistado 4**: Hoje, a gente definiu um projeto que dá um suporte para a pós-graduação, em termos de pesquisa e de formação de professores (está concentrado mais na formação de professores) e, do ponto de vista do "pra fora", nós estamos com um projeto de pesquisa de melhoria de ensino público em escolas, em parceria com a USP, no Raul de Sadi, e nós estamos lá atuando há dois anos. Como no Raul Sadi a gente também tem estágio, nós estamos querendo interferir em uma escola, com um pensamento que seja de longo prazo, e não só coletar dados e falar sobre a escola, mas participar dessa transformação da escola e ser parte integrante disso.

Nós estamos conseguindo fazer isso no Raul de Sadi, em parte no... aquele ao lado do Florestan... (Toda hora esqueço o nome dessa escola, meu Deus do céu). João Ramalho! Isso em parceria com a USP. E ai apresentamos um projeto FAPESP. Do ponto de vista da pós graduação, estamos orientando alunos no que toca a formação de professores, de pensar essa formação de professores. E em projetos com o [nome omitido], como o "A universidade vai à escola", com o pessoal da engenharia química, com curso de formação de professores, e ai entra a questão da extensão. Especialização de professores, é uma troca. A gente coloca os temas que são de importância para eles, que permitam a universidade estar lá fazendo um trabalho e que ao mesmo tempo sirva como uma... Não só para eles trabalharem para a universidade, mas a gente também dá alguma coisa em troca e pra eles uma coisa importante é progressão de carreira. Então o curso de especialização vale tantos pontos, e depois eles têm o título que serve para melhorar a carreira.

Eu coordenei, lá no Raul de Saidi, um curso com 18 professores, um curso que chamava "Projeto Integradores", que é discutir como melhorar a escola a partir da relação com a universidade, usando a pesquisa. Esse era o tema: o que a gente pode fazer para melhorar a escola, aproveitando o que a universidade tem, e o apoio que ele nos dá, mas colocando como carro-chefe o que acontece na escola. Não adianta vir alguém de fora e ditar regras ou pegar uma pesquisa que foi feita e falar: "agora faça, siga essa pesquisa que vai dar certo". Ai cria aquele negócio: a teoria é uma, na prática a teoria é outra. De fato, o que os professores falavam que você vai para a prática e tem que fazer zilhões de adequações da teoria, porque aquela teoria responde a um modelo teórico, não responde ao que está lá, de fato.

Se eu estou, de fato, querendo transformar a escola, tem que estar lá dentro. E levar para os professores ferramentas de pesquisa que eles possam usar pesquisa para eles mesmos transformarem a escola a partir dos pressupostos dados pelo governo, pelo parâmetro curricular, pelos documentos. É o que a gente acha importante do ponto de vista da sustentabilidade, da educação alimentar, da cidadania, dos direitos humanos. Os próprios professores vão arrumando os caminhos, uma vez tendo as ferramentas de pesquisa e vão construindo isso, o que a gente chama de "processo de pesquisação".

Estamos há dois anos lá, já fizemos um curso de extensão, e ai nossa relação com o município, o que a gente quer é ter uma coisa orgânica, estrutural, não só um dia de festa que você chama a comunidade para a "Universidade Aberta". Não que eu tenha algo contra isso, acho até que a gente tem que fazer, mas isso tem que ser o momento de uma relação, mais ou menos como o aniversário do filho: você convive o ano inteiro, chega um dia você comemora o aniversário. Então você convive o ano inteiro e um dia você comemora o aniversário, faz uma festa, acho

importante marcar. Mas não é só o dia do aniversário o resto você não vê seu filho. Com o município acho a mesma coisa. Acho que tem que ter uma relação cada um com a sua especialidade, com relações estruturais, não só com a prefeitura, mas com os equipamentos sociais, os tapioqueiros, os milheiros, as escolas, com a coordenação da prefeitura. Mas com os equipamentos sociais. Marcar isso. Agora vai ter a feira de ciências, nós vamos participar, vai ter...

Então, o "Projeto zero" foi migrando dessa ideia inicial, de recepção de pensar uma coisa, para uma ideia de um projeto de integração na nossa área de formação de professores, de pesquisar essa relação, de buscar melhorar a escola, de uma relação com a cidade e com as escolas. Que a gente possa pensar pesquisa daí, uma produção acadêmica nesse vínculo, não só pesquisa, o que é muito comum, pesquisa de educação interna à universidade. E ai fica aquele fosso. Tem as bibliotecas cheias de teses de mestrado, doutorado e as escolas continuam tudo do mesmo jeito. A pesquisa acaba tendo pouca incidência na escola. Nós pensamos que a pesquisa não que servir só para formar pesquisador, mas também para transformar a realidade. A pesquisa tem que estar na escola.

[01:11:17] **Pesquisador** – Vocês têm percebido transformações na escola nesses dois anos?

[1:11:24] **Entrevistado 4** – Sim. As transformações e as limitações. Em uma escola, que tem uma equipe de 22 ou 24 professores, 18 estão fazendo especialização, isso é um fato. A escola votar no conselho escolar e votar nos ATPC´s - que ele votaram que eles querem colocar a pesquisa e querem participar de um projeto de pesquisa com a Unifesp, eles votaram, mais de uma vez, que eles querem essa parceria com a Unifesp. Colocando a pesquisa... São transformações. Fruto disso, você tem algumas coisas que acontecem que ficam difíceis de entender se a gente não pensa na relação. É fundamental 1. Teve grêmio estudantil, quatro ou cinco chapas disputando. Você fala assim: "as crianças estão articuladas, estão pensando. De onde surgiu isso?". Tem projetos como horta, projetos para trabalhar com desenhos, figuras em quadrinhos, vários projetos, várias ideias que nós estamos levando para lá. A monitoria da escola, que do ponto de vista tradicional (isso está na literatura) o aluno que vai fazer o estágio, geralmente é um estágio passivo. Ele vai lá, fica observando, fazendo anotação, depois faz críticas aos professores, crítica a escola e enfeita o relatório. Lá nós estamos com a ideia de um estágio propositivo, interativo, você vai propor coisas para a escola, vai fazer parte dos projetos da escola, você vai atuar para que a escola dê certo. Dentro das leis, das regras do estágio, que você não pode assumir aula, mas você vai participar dos projetos pedagógicos integradores para que... E ai, nós estamos trabalhando com projetos integradores que se possa incorporar o aluno no projeto da escola e não só ele ficar assistindo aula e ficar fazendo críticas ao professor. Lá eles aceitaram muito esse projeto de estágio propositivo, protagonista. São transformações que a gente fala que isso de fato está acontecendo.

Agora, se você me perguntar: "Isso tem efeito a longo prazo?". Ai é uma discussão importante, porque mexe na gestão escolar, que muitas vezes muda de ano eles tiram diretor, tira não-sei-o-quê, ai começa do zero. Então tem o fazer e o desfazer e as vezes tem as resistências da própria secretaria, as questões políticas que, quando a secretaria percebe que está acontecendo, que você não está seguindo strictu sensu todo o relatório, de como tem que ser da secretaria de Estado, obedecendo ao pé da letra o que eles estão falando (embora você esteja fazendo até mais) surgem resistências políticas, por parte da diretoria de Ensino, e às vezes não pode, e ai

bloqueia. Já teve projeto da professora [nome omitido] que foi bloqueado, a diretoria de ensino vetou. Ela teve que ir para São Bernardo. Então são dificuldades. Ela foi querer resolver com a secretaria de Diadema e eles falam: "Não, não pode. Não queremos essa relação com a universidade porque isso é uma coisa diferente do que a gente pensou, do que a gente quer". Isso na área de educação! Com uma universidade, com gente especialista. Então tem essas trombadas. Com a prefeitura fica mais fácil porque você tem uma conversa com o prefeito, ele normalmente chama o secretário de educação, você consegue uniformizar as escolas. Mas as escolas do Estado, que também estão no município, mas não estão sob a tutoria da secretaria, aí tem que ser a diretoria de ensino, ligada ao governo do Estado.

Então, repara. Tem uma instância, que é ligada ao governo federal, que vai atuar numa instância que é ligada no município ou numa instância ligada ao Estado. São três instâncias diferentes de poder que às vezes têm um certo conflito de cronograma, programas diferentes, propostas diferentes, concepções diferentes, paradigmas diferentes, autores diferentes. Não é uma coisa muito fácil você conseguir um certo sincronismo disso.

Quando você pensa um tema, por exemplo: trabalhar e fazer pesquisa em uma escola, para melhoria da escola. A melhoria da escola está associada a um problema sério que é a gestão escolar. Se você for discutir gestão escolar na universidade, na prefeitura ou no governo do Estado, dependendo de quem esteja no governo, são concepções bem distintas e que significam políticas púbicas distintas, orientações administrativas distintas, e não é muito fácil lhe dar com tudo isso, com essa diversidade. Para você efetivar a mudança na escola, a melhoria, é uma coisa que não depende só da sua atuação, depende de outras coisas. Muitas vezes aquilo o que a gente faz, às vezes durante anos, em 6 meses pode ser desfeito, desarticulado e fica só o efeito que aquilo provocou nas pessoas enquanto indivíduos, mas na escola aquilo é desmantelado. Então tem essa dificuldade. Mas trabalhar com educação é isso. É pensar que é essa é a realidade escolar, e que muitas vezes uma medida provisória pode mudar a realidade e pode desmontar tudo o que você montou. E você vai olhar o estoque de pesquisa na área de educação mostra como as medidas provisórias, que muitas vezes tem como pressupostos interesses nacionais, interesses econômicos totalmente estranhos e diferentes, aquilo muda a realidade local de uma escola. Aquilo vira lei, foi promulgada por um grupo que tem um determinado interesse, aquilo vem de cima para baixo e interfere no que a gente está tentando constituir, qual o interesse coletivo, a relação com a escola e a comunidade e seu entorno. Você demora para constituir tudo isso. Ai vem uma norma, uma lei que vai seguir o interesse nacional, do MEC, das empresas que trabalham lá com o MEC, ai quando vem para a escola bagunça a relação que a escola construiu com a comunidade.

[01:17:45] **Pesquisador** – No início da entrevista você falou, também, sobre a licenciatura e esse papel dela para fora da universidade. Como acontece isso, o que a licenciatura faz para fora da universidade, nessa relação com as escolas?

[01:18:02] **Entrevistado 4**: Do ponto de vista da nossa missão, nós formamos professores para a rede pública. Vários alunos, que nós formamos, entraram para a diretoria de ensino, trabalham em Diadema, então nós temos uma incidência na formação de professores locais. Alguns vão para a pós-graduação, vão embora, mas tem alguns casos que vão para a diretoria de ensino de Diadema ou para a prefeitura. E isso é importante. Além disso, que é o aluno formado, nós

temos os estagiários, que vão, por lei, fazer estágio nas escolas. Nós temos um hall de escolas em Diadema com que eles fazem trabalho. E nossa proposta com essas escolas é propor projetos integradores para as escolas, onde o aluno vai desenvolver a escola onde o aluno da Unifesp possa fazer parte daquele projeto. Para não ficar um ser estranho anotando o que a escola faz, daí faz uma redação, relata aquilo e aquilo vira um relatório. A gente quer que o aluno, o estagiário, ajude a transformar, seja parte do movimento que a escola, os professores e o alunos fazem para melhorar a própria escola. Ele se integra nesse esforço, então tem que fazer propostas.

A gente tem nas escolas, tanto estaduais quanto municipais, essa concepção do que é o estágio. Mas é uma disputa conceitual, tem que chegar na escola, conversar, convencer. Escola é escola. Tem que ver se a escola adota aquilo, se está disposta a fazer projetos e vários docentes também acabam desenvolvendo projetos nas escolas, com as escolas, com os alunos, quer seja um projeto de extensão ou de projeto de pesquisa.

Por exemplo, a Feira de Ciências municipal, nós estamos participando. Isso siginificou, o ano passado, a gente orientar professores das escolas para que eles organizassem seus alunos para que eles apresentassem seus trabalhos na feira. Então teve uma relação universidade, professor e aluno para produzir uma feira de ciências em comum. São relações que a gente vai tentando construir.

Agora, por exemplo, surgiu a possibilidade de... Nós descobrimos que uma empresa chamada [nome omitido], que é de prensas gigantescas, tem esse olhar para a comunidade. Quando se estabeleceram em Diadema perceberam essa relação de vulnerabilidade do município, começaram a sofrer com isso, com assalto, se assustar e a primeira reação foi levantar muros, se defender da cidade, depois pensaram: "Não, o que a gente tem que fazer é interagir com a comunidade". E ai começaram a entender o que era o município e começaram a trocar coisas. A [nome omitido], eu fiquei sabendo que eles interagiram com as escolas, tem duas escolas ali, uma delas é a Anchieta, e outra é Rio Branco... Alguma coisa branco. E eles já reformaram a escola pública duas vezes! Reformaram a primeira vez, depois voltou tudo, ficou depredado. Aí eles viram que não adiantava só reformar, era necessário negociar com a escola, conversar, discutir o valor disso. Aí fizeram e a escola entendeu que aquele era o valor, reformou e ficou. A primeira reforma eles gastaram dinheiro e não ficou. A própria comunidade depredou. Agora a segunda que eles fizeram conversando, qual era o objetivo, ficou.

Eles mantêm um cursinho pré-vestibular, que eles têm a ideia de que os alunos de Diadema precisariam entrar na universidade, porque vão ser futuros trabalhadores da indústria, que tem vários engenheiros. Indústria de ponta, que exporta para os Estados Unidos, para a China, para o mundo inteiro. E eles têm uma mão-de-obra e seria que a mão-de-obra do entorno pudesse contratar pessoas. Eles têm essa formação.

Então, eu vi a oportunidade de fazer uma parceria, entre Florestan Fernandes, Unifesp e a [nome omitido], no sentido de a gente pensar cursinho pré-vestibular, que eles vindo da escola pública, o pessoal de Diadema possa ascender ao ensino superior.

[01:22:12] **Pesquisador** – Esse projeto está formulado? Em que pé está?

[01:22:17] **Entrevistado 4** – O projeto está formulado no seguinte termo: está e não está. Tem o projeto do cursinho, o Siuni, que tem uma certa precariedade de funcionar e nós estamos que-

rendo regularizar isso e tem a parceria com o Florestan, mas é uma coisa da professora [nome omitido]. Ela fez o projeto de extensão que virou o cursinho oficial da Unifesp mas que tem dificuldades financeira, material, e funciona em uma sala do Florestan. Nós queremos fixar essa sala, talvez pensar em mais uma sala, fazer duas turmas de alunos. São alunos da graduação que dão aula lá.

Na [nome omitido] formaram uma turma, eles financiam as apostilas, o material. Eles pegaram um cursinho em São Paulo e conseguiram a preço de custo o material, então eles compram e dão para os alunos. E são professores voluntários, são os engenheiros, o pessoal da [nome omitido] que dá aula lá. Eu falei que a gente precisa fazer uma parceria com isso [inaudível] a primeira ideia da Unifesp foi levantar muros e nos proteger da violência, depois, não, temos que interagir. Eu falei: "Nós tivemos o mesmo movimento que vocês e nós estamos com esse olhar estratégico, a gente tem que pensar o município, como a gente pensa relações sustentáveis, como a gente pensa Diadema daqui 50 anos? Com a precariedade que a gente tem aqui, com o terreno contaminado do jeito que está, com a represa do jeito que está. Daqui 50 anos, se a gente não pensar nisso, nesse passivo, vai estar inviável, a gente não vai conseguir ficar em Diadema.

Tem que pensar o que faz com a represa que está aqui do lado, com a contaminação que está no terreno, o que faz com a relação com as empresas, como a gente forma a mão-de-obra que a gente precisa nas condições que a gente tem. Nós precisamos olhar as oportunidades que nós temos, quais são os parceiros possíveis e qual o nosso horizonte daqui 50 anos e o que nós precisamos fazer hoje para arrumar para esse futuro". Se a gente Só ficar olhando os problemas de gestão, o problema que eu tenho hoje, daqui 50 anos a represa vai estar seca, vai ter uma favela em cima desse terreno, não vai ter água encanada, vai ser tiro para todo lado, então nós temos que pensar o futuro e a partir das condições que nós temos hoje.

Se temos uma empresa que pode fazer parceria com a prefeitura e com a universidade para a gente pensar projetos como esse do Mapa Ambiental, a interação nas escolas, conversar com os tapioqueiros, começar a construir essas relações e construir uma cultura nesse sentido dentro dessa interação entre os equipamentos sociais e, dentro desses equipamentos, a universidade, fazer fortemente esse papel, fica difícil a gente pensar a sustentabilidade do futuro. Pensar a sustentabilidade do município depende de conhecimento e é uma coisa que a universidade tem, do ponto de vista da pesquisa. Tem recurso que vem da empresa, tem a gestão da prefeitura, então a gente precisa trocar conhecimento, capacidade de gestão, capacidade de financiamento. Ir trocando essas coisas para nós produzirmos o que nós precisamos. Para uma sociedade sustentável, senão... Se a gente não pensar nessas coisas, não terá esse futuro.

Apesar de todas as contradições, de todo o passivo, de toda a dificuldade que a gente tem na Unifesp de gestão e infraestrutura, tem uma questão, que é conceitual, que é: o que nós temos que pensar, em termos de futuro, para poder apresentar uma solução para esse futuro. Porque soluções como era na década de 60, como era quando eu era criança, a educação como era antes, a indústria como era antes, a pesquisa como era antes, isso não vai ter. Então ou a gente assume o mundo com a complexidade e pensamos isso e a questão é: qual é o nosso marco zero para pensar o futuro? Voltando a essa questão do que foi que me preocupo desse projeto zero é pensar o que é esse marco zero, o que tem que pensar? Qual o paradigma? Se a gente começar

a criar uma crise de identidade de pensamentos aqui, nós não teremos futuro.

Eu acho que eu aprendi muito quando fiz o PDInfra com as discussões com o pessoal da arquitetura, como esse pensamento do pessoal da arquitetura, pensar um desenho, uma relação, como isso ajuda, refresca o nosso pensamento e nos ajuda a, por incrível que pareça, pensar o futuro. E não é só a questão do projeto social, o projeto pedagógico, a ideia política, mas também o elemento arquitetônico e você pensar essa relação com o ambiente, com iluminação, com som e como tudo isso impacta o indivíduo que está ali, você sentir acolhido pelo ambiente e não vítima do ambiente, você se sentir parte dele. A arquitetura tem muito a contribuir com isso. Para mim foi um momento de pensar o campus que eu vi como a questão da gestão da prefeitura, esse pensamento da arquitetura, a arquitetura do nosso pensamento, o que nós estamos pensando... Não estou falando só da arquitetura do ponto de vista do prédio, mas como essa preocupação estética, com arquitetura... Ai tem que pensar essa questão de gestão, de infraestrutura, política e como a gente precisa de todos esses pensamentos juntos, porque só um deles não dá a solução.

A solução arquitetônica, por si só, não é a solução. As soluções acadêmicas. Os problemas acadêmicos, por si só, não é solução, porque precisa da solução política, arquitetônica. E se a gente não juntar para trocar essa expertises vai ficar todo mundo arrotando a sua verdade e a gente não sai do lugar. Eu acredito muito nisso. Precisa de uma arquitetura de relacionamento que é, primeiro, reconhecer a importância do outro, por mais diferente e incômodo que o outro me pareça, porque a minha sobrevivência depende do outro. Eu acho que esse é um pensamento fundante da arquitetura das relações pessoais que hoje em dia está em cheque no país com essa questão: "se você é PT, se você é Bolsonaro, se você pensa...". Ai racha a família, e nós estamos na desagregação social familiar e das relações por conta de não pensar o que precisa para uma arquitetura de relações. Então, por causa do governo tal eu vou brigar com você? Nós vamos ter que conviver.

Eu vim hoje conversando com um cara do Bolsonaro, mas daqueles que se inflamam e daqui a pouco começa.... E como eu fiz para conversar com ele? Eu falei: "Olha, cara, é isso, eu não vou... se você vai... beleza, ok, eu estou meio em dúvida porque eu não vejo uma saída". Aí fiz críticas ao PT, ao Bolsonaro e falei que estou em dúvida. Mas vim conversando com ele, consegui manter. No fim o cara veio me agradecer. Porque ele é daqueles que já começa a inflamar e começa a gritar dentro do carro. Acho que ele tinha uma coisa desses pastores. E uma hora ele começou a se inflamar e eu falei: "Não, fica tranquilo, respeito, entendo, eu estou preocupado". Vou ficar brigando que nem time que você fica esfaqueando o outro por causa de 11 homens? Não, não quero... Enfim, acho que a gente tem que fazer esse esforço humano, das relações, para a gente tentar conseguir pensar um projeto que seja social, coletivo.

[01:30:15] **Pesquisador** – Eu estou muito satisfeito com a entrevista. Inclusive vou encerrar aqui agora.

[01:30:20] **Entrevistado 4** – Não vai fazer perguntas difíceis? Tipo assim: em quem você vai votar?

APÊNDICE I - Transcrição livre integral da entrevista com Prof. Dr. José Alves. Em 26 de novembro de 2018.

[0:00:01] **PESQUISADOR**: A minha pesquisa tem tratado sobre a relação entre o campus Diadema e o processo de desenvolvimento urbano e regional em Diadema e região. Eu tenho procurado todas as formas possíveis de colaboração do campus com esse processo. Isso pode ser tanto do ponto de vista da educação, da saúde, da economia, do trabalho, enfim. Quaisquer ações ou às vezes pistas dessas colaborações que o campus tem tido são do meu interesse.

Do pessoal da licenciatura eu ouvi muitas ações extensão e trabalhos com escolas. Já o pessoal da química, da farmácia mais pesquisas e por ai vai. Então eu queria saber de você algum trabalho seu ou alguma coisa que você saiba do campus nesse sentido, algum trabalho...

[0:01:19] **JOSÉ ALVES**: Tem muita história. Eu estou aqui desde 2010. O primeiro grande momento... Teve uma fase inicial que foi o estabelecimento e a consolidação da licenciatura, que era contratação de professor, PPC e isso era tudo muito... Aí estudo sobre Diadema para a gente poder montar um curso que contemplasse o projeto institucional da Unifesp, mas também a cidade. Mas ainda era um movimento muito interno.

Em 2012 nós começamos a ter as primeiras turmas que iriam para o estágio nas escolas. Eles têm 400 horas de estágio. A Unifesp não tinha nenhum convênio com escola nenhuma e nenhum tipo de preparo ou esclarecimento sobre o que é fazer estágio para a formação de professor, que é bem diferente de um estágio que você coloca um sujeito em uma indústria, já fartamente regulamentado. Professor é outra história, outro tempo, não remunerado, quero dizer uma coisa complexa e com uma série de melindres porque os professores nem sempre querem ter a universidade próxima de si porque a universidade costuma ser muito crítica, vai lá, pega o que quer e não devolve nada.

O que a gente fez? A gente foi atrás das escolas. Fomos três professores... Eu me lembro até hoje, um dia muito frio. A gente na eminencia de as aulas começarem porque foi ai que a gente percebeu que a Unifesp não tinha, não era só o campus, preparo nenhum para regulamentar isso, nem regimento sobre, mas a gente precisava das escolas e do aval da escola.

Fomos eu, [nome omitido] e [nome omitido], circulando pelas escolas de Diadema, dois dias. Literalmente, sem exceção. Batendo na porta e dizendo: “Somos a Unifesp, queremos ver se podemos colocar os alunos aqui”. Isso foi uma grande experiência, porque teve uma construção, um diálogo. Hoje esse processo está muito consolidado, porque a licenciatura é o curso que mais tem alunos no campus todo. Eles têm que fazer estágio em escolas de Diadema, então imagina a quantidade de alunos nossos que estão nas escolas de Diadema. A gente frequenta as escolas. Quero dizer, o professor coordenador do estágio na licenciatura ele também vai para a escola pública que é pouco usual, você estar lá, em uma sexta-feira à noite e tem um professor da Unifesp em escola pública da região. Com todas as questões que tem que ter, de seguro saúde, identificação de escolas que são muito violentas e outras não. Acho que isso foi um primeiro momento.

Outro momento foi quando eu coordenei o Pibid de física. Pibidi chama "Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à docência" em que a gente recebia bolsas para estudantes de licenciatura, para professor da rede estadual e para professor coordenador da universidade. A gente montava estratégias didáticas, estudava sala de aula e tudo mais, a partir desse grupo de estudos. A gente tinha reuniões toda semana, ia para a escola toda semana, implantava projetos e propostas na sala de aula mesmo e estudava, apresentava em diversos lugares. A gente fez várias parcerias com escolas, isso foram 4 anos. A gente, aqui em Diadema, tinha 50 alunos, tinha mais de 15 professores bolsistas. Capes também tendo que apresentar trabalho, além da gente mesmo. 4 anos. Um trabalho muito sistemático que permanece até hoje.

Eu também coordenei o estágio. Eu dei uma disciplina de estágio que é a primeira de estágio aqui. A gente vai para as escolas e estuda a escola in locus, o que é uma delícia! Acho que esse movimento está muito consolidado aqui. Além de cursos de extensão para professores. Teve vários cursos de extensão para professores. Aluno da minha área. Acho que eu consigo olhar mais assim.

A licenciatura é uma coisa tão ampla. Se for ver projeto de extensão, projeto de bolsa, tem tantos projetos que eu não saberia dizer explicitamente. Eu falei os dois que eu me lembro mais claramente aqui.

[0:05:39] **PESQUISADOR**: Nesse processo você sentiu alguma dificuldade de conexão com as escolas?

[0:05:45] **JOSÉ ALVES**: Eu senti muita dificuldade, mas eu não sei se era uma coisa específica de Diadema ou se seria assim em qualquer lugar. Tem uma coisa de desconhecimento da Unifesp no lugar. As pessoas não sabem do que se trata, não sabem que existe. Acho que hoje está bem diferente. Por exemplo: a gente tinha que estabelecer pontes com a Diretoria de Ensino de Diadema, que é um órgão eminentemente político, altamente refratário, altamente ocupado pelo governo Estadual com uma linha política que abomina outras linhas. Essa ponte era muito difícil.

Eu me lembro que teve uma situação até recente. As tentativas de entrar nas escolas de Diadema não estavam andando, porque mudou a diretora de Ensino, e a gente foi... os professores da Unifesp da licenciatura fomos lá em 10 ou 12 professores falar com a dirigente, dizer: "Por que os nossos projetos não estão sendo aprovados?". E ela foi muito solícita, aparentemente alguém muito competente, mas depois ela deu um retorno falando: "Eu fui na secretaria de educação, falei de vocês e eles disseram que está tudo bem, vocês podem ficar aqui". Porque tinha uma associação da Unifesp na época com o governo federal que era do PT. Então tem esses melindres. Eu acho que tem uns melindres comuns. Mas eu não saberia dizer se é....

Eu vou falar pela realidade da licenciatura que eu conheço mais. A licenciatura acabou construindo um grupo considerável de professores muito ligados à escola pública, com muita trajetória de escola pública. Não sei por quê. Não sei se foi uma escolha, se foi uma conjunção. As pessoas, de maneira geral, sabem se relacionar com essas escolas, como tem que fazer para consolidar o público. Acho que essa expertise foi muito importante. Porque se a gente fosse desconhecendo o que é a escola pública, a gente não ia conseguir estabelecer essa ponte de maneira tranquila, não.

[0:07:51] **PESQUISADOR**: Hoje, como você avalia essa relação entre Unifesp e escolas públicas, em Diadema?

[0:07:56] **JOSÉ ALVES**: Eu acho que teve avanços inenarráveis, consideráveis, mas ainda poucos diante do que a gente pode ter como possibilidade. Na última vez que eu levei meus alunos... (o projeto acabou, infelizmente). A última coisa que a gente fez em escola foi uma reunião com alguns alunos do 3º ano do ensino médio da escola e a gente foi explicar o que era a Unifesp, o que é ensino superior. Foi uma oficina que os meus alunos prepararam para eles, para os alunos de lá. Havia muita gente que conhece a Unifesp, já sabe da Unifesp, em outras épocas não tinha ninguém que soubesse. Mas tinha uma quantidade considerável de pessoas que não sabiam dessa realidade. Não era só da Unifesp, era o que é ProUni, Reuni, Fies. Há um processo de exclusão dos alunos em relação a essas informações todas, que já os fazem sequer lutar por isso. A gente presencia avanços na parte política. Eu acho que mesmo a consolidação do estágio é uma coisa positiva, das secretarias, já há uma ponte.

Tem uma questão aqui que eu acho que é fundamental e pouco clara, que eu não sei se a sua pesquisa valeria à pena investigar. É uma realidade que eu vivencio muito. Eu fiz carreira basicamente no setor público como professor. Eu fiquei 13 anos em escola pública estadual, municipal também, mas nesse interim eu fui para o ministério da Educação para vistoriar projetos bem-sucedidos de ensino médio. Fui diretor pedagógico da cidade de São Paulo, que é um cargo de segundo escalão e fui consultor da secretaria do Estado. As minhas pesquisas, mestrado e doutorado, foram sobre escola comigo sendo professor. O que é uma situação esquisita porque, em geral, você pede bolsa para não pesquisar e ai você vai fazer pesquisa com os autores X, Y, Z e tenta associar aquilo com a escola pública. Eu não, meu trabalho era a minha prática, e eu não quis ter bolsa nem no mestrado e no doutorado para eu poder ser professor e poder ficar lá. Eu acho que eu acumulei uma expertise interessante, pelo menos para mim, de conhecimento daquela realidade que foi dialogada e batalhada com outros professores que eu procurei associar. Mas a minha essência de formação é aquilo lá.

Esse tipo de formação tem uma baita de uma utilidade pedagógica para o país, mas ela não é uma formação clássica de um pesquisador que almeja, por exemplo, fazer um intercâmbio na Europa, ou estudar o autor X, Y, Z. Eu não sei se... E há uma questão que é o seguinte. Quando você vai para a escola, e eles querem que a gente vá, você é sugado porque, veja: "É a Universidade que está aqui, me ajude!". Uma situação de carência brutal. E quando você vê, se você ficar lá a semana inteira, não vai dar conta de tudo o que eles pedem. E tem uma série de expertises que talvez a gente tenha, talvez a gente não tenha, mas a expertise desse sujeito que está assim, que tem esse formato, não é a expertise desse sujeito que vai para a Europa. É outro tipo de expertise.

Por exemplo: qual seria a relevância... A gente tem um programa de pós-graduação aqui que a gente quer atrair os professores e, quando eu fiquei encarregado de divulgar esse programa, eu fui na reunião dos sindicatos de professores – APEOESP e tudo mais – fui na diretoria de ensino aqui e fui nas escolas. Qual era o grande ensejo dos professores? "A gente não domina o Inglês, a gente não domina outra língua, a gente tem que trabalhar." Era um fato. Fazer pesquisa de ponta implica em ter tempo que talvez eles não tenham, esse domínio de outras línguas que talvez eles não tenham. E ai a universidade vai ter que atender a que perfil? A gente tem essa

discussão entre nós, legítima. Vou formar o sujeito para ser pesquisador, aluno, CNPq, com intercâmbio super almejado, eu vou formar um sujeito que vai ter preparo para lidar com realidade de escola pública de Diadema, à noite. Hoje eu vou ver o trabalho do meu aluno de TCC que está querendo saber o que é ensino médio à noite. Qual é a discussão que tem o vestibular no ensino médio noturno em Diadema? Em uma aula de física? É um grau de expertise bastante complexa que talvez esses universos não se concatenem.

Eu acho que a discussão de discussão de Universidade em Diadema... Tem sempre um jogo de culpabilização da universidade, uma coisa meio moralista, moralizante no sentido de ter bem ou mal. Eu acho que são formas de produzir conhecimento que nem sempre são congruentes, nem sempre são possíveis de... E a universidade tem que ter clareza disso. Para fazer escolhas, ou para pelo menos para perceber que tem perfis de profissionais que têm formações distintas dentro do que a gente pede fazer. Acho que é uma questão séria que a universidade tem que...

Ai quando a universidade vem para Diadema, que é lugar que a gente está, a gente tem poucos professores de Diadema, quase nenhum, a gente tem poucos alunos de Diadema. Quem abarca aluno de Diadema aqui é a licenciatura, e o curso em que é mais fácil de entrar, e a gente tem a classe média paulista usando espaço de Diadema. Isso se reverbera na economia de Diadema, certamente é algum elemento da cultura de Diadema, mas não é a população para qual a universidade federal foi destinada quando se criou o campus aqui.

[0:13:58] **PESQUISADOR**: Você citou sindicatos. Há algum trabalho de vocês com sindicatos diretamente?

[0:14:04] **JOSÉ ALVES**: Tem um trabalho feito diretamente pela professora Eliane Cruz, chama Articulações, que envolve os sindicatos. Eu tenho trabalho de militância política que chama "rede escola pública-universidade", que me "obriga" a ter diálogos com os sindicatos, juntamente com outros professores universitários, mas não acho que seja da Unifesp, é uma coisa minha.

[0:14:33] **PESQUISADOR**: Vocês notaram alguma diferença, alguma mudança no perfil da escola em Diadema, nos estudantes, com relação à universidade, ao acesso à universidade?

[0:14:45] **JOSÉ ALVES**: Diadema é um município suis generis, é muito interessante a gente entender. Quando eu levava os meus alunos para a escola, uma turma nova de Pibid, de bolsa, o que a gente fazia? A gente se preparava minimamente, do ponto de vista teórico, ia lá na escola, andava pelo bairro, estudava a história de Diadema, chamava umas duas ou três pessoas que sabiam muito da história de Diadema para falar com esses estudantes, mapeava sobrenome, nascimento de cada sala de aula que a gente ia dar aula para poder ver origem social, para poder ter ideia de que escola era aquela.

O que se descobre? Que tem vários colégios bastante renomados de Diadema, históricos. Padre Anchieta, Rui Olando.. (Rui Olando, não, é um ótimo colégio, mas ele é novo, um colégio bastante particular), o próprio Diadema e aquele que mudou de nome... Filinto Muller (que mudou de nome porque era o nome de um Torturador), João Ramalho. Então tem colégios muito clássicos. É muito diferente do colégio que fica lá na divisa, bastante abandonado. Tem uma procura por determinados colégios, na classe média baixa que têm ótimos projetos. Têm

trabalhos educativos dentro do possível.

A rede municipal de Diadema é muito boa! Pública! Ela tem bons índices, boa infraestrutura, bons profissionais, é uma rede consolidada. A imagem que a gente tem de escola pública, de maneira geral (que é uma imagem construída e ruim, e nociva, que é a imagem da rede estadual) não se aplica à escola municipal de Diadema nem de longe. É um município que tem esse tipo de formato.

Quando a gente vai para esses lugares, o que a gente percebe? Tem uma maior percepção da Unifesp para eles? Tem. Essa maior percepção contribui para que eles façam ensino superior ou já existe uma coisa cultural deles e da cidade nos colégios que nos recebem (porque a gente também só vai para colégio central, importante de dizer isso, porque é muito perigoso a gente colocar um aluno até 11 horas da noite para fazer estágio onde só tem uma condução... as diretoras ficam preocupadas, elas nos avisam: "Cuidado, não deixem, melhor vocês irem para tais e tais colégios"). Já há uma predisposição, uma cultura. Acho muito difícil mapear.

Resumindo para você. Eu não fiz essa pesquisa, teria que ser mais forte. Mas a percepção que eu tenho é: a gente tem muito professor de Diadema na pós-graduação e ensino, eles sabem que isso existe. A diretoria de ensino a gente tem muitas parcerias, mas muitas, eles nos conhecem pelo nome. Aliás, a gente tem alunos da licenciatura que estão sendo diretores da diretoria. Um até veio dar palestra agora. Os professores, os alunos da rede. Agora o impacto disso, no público, eu não sei te dizer.

[0:18:19] **PESQUISADOR**: Para a minha pesquisa isso é excelente. Eu vou encerrar a gravação.

APÊNDICE J - Transcrição livre integral da entrevista com Prof. Dra. Ana Bittencout. Em 30 de outubro de 2018.

[0:00:01] **PESQUISADOR** – Já está gravando. A minha pesquisa está avaliando de que formas o campus Diadema tem colaborado para o desenvolvimento de Diadema e da região como um todo. Eu tenho procurado tudo o que o campus esteja fazendo nesse sentido que possa colaborar para esse processo.

[interrupção externa]

Dentro disso, o Atlas ambiental foi citado em outras entrevistas que eu já fiz, eu já sabia da existência dele, o professor João falou bastante sobre isso, mas eu queria saber de você mais sobre o projeto em si, porque você é a coordenadora. Em primeiro lugar: saber o que é o Atlas Ambiental, para mim é o começo.

[0:00:47] **ANA BITTENCOURT** – Em primeiro lugar eu agradeço a entrevista. Está sendo um prazer falar desse projeto. Na realidade ele foi inspirado, eu tinha uma vontade de ter feito esse projeto, ter lançado esse projeto há mais tempo mas ficou na ideia um tempo atrás.

O que eu pensei? Justamente por esse viés de qual seria a contribuição do campus e, em especial, na área de ciências ambientais para a cidade. Já que a gente tem o curso de ciências ambientais, eu também participei do projeto do curso desde o início. Depois de esses anos todos de implantação e atuação no curso, desenvolvimento do curso, a chegada de novos docentes, ampliação da área das ciências ambientais aqui no campus. Posteriormente teve a pós-graduação, também, análise ambiental integrada. Era uma vontade de consolidar a atuação das ciências ambientais aqui. E Diadema, para nós, serve como um grande laboratório, porque está dentro da região metropolitana de São Paulo, que é uma região altamente adensada, populacionalmente falando, Diadema mais ainda, é considerada a segunda cidade com maior adensamento populacional do Brasil, em termos de metros, distribuição dessa população em área. É uma cidade que fica dentro desse contexto de região metropolitana ecologicamente importante porque aqui na região sul de São Paulo, Diadema integra perto das áreas de preservação ambiental, a região da Floresta Atlântica, que é considerado um hot spot sobre biodiversidade, remanescentes dessa biodiversidade da floresta atlântica. E é também dos grandes mananciais de reservas de recursos hídricos, no caso a represa Billings, que é responsável pelo abastecimento aqui, grande parte do ABC, São Bernardo, Diadema e parte de São Paulo.

É dentro desse contexto dessa importância. Quero dizer, é uma área que tem grande densidade populacional, que utiliza também os recursos. E ao mesmo tempo associada com questões com impactos ambientais. Nós temos desde ocupação de áreas de risco, nós temos aqui um relevo acidentado na região, então nós temos problemas de moradias em locais considerados inapropriados para habitação, áreas vulneráveis a escorregamento de massa, principalmente nas épocas de maior densidade de chuva, isso é um ponto. Outro ponto é a questão do ordenamento territorial, a questão dos resíduos sólidos, do lixo urbano.

Então a pergunta é: como Diadema, qual é esse cenário, como entender isso, a evolução dessa ocupação do espaço, a evolução dessa ocupação? E, associado a isso, todas essas questões ambientais.

Então, surgiu a ideia desse projeto e vem baseada numa inspiração, digamos assim.

[Interrupção]

Ele foi inspirado no Atlas ambiental de Porto Alegre. Esse Atlas de Porto Alegre já tem uma certa idade, ele é dos anos 90, 90 e poucos, foi realizado em parceria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a prefeitura municipal de Porto Alegre. O atlas de porto Alegre mostra três grandes aspectos: o mapeamento das rochas, solo, clima, vegetação, fauna, recursos hídricos, as paisagens do município; depois ele tem uma segunda parte que foca sobre o meio urbano, a evolução da cidade, a organização da malha urbana desde os primórdios de quando começou a cidade. Foca para praças, parques e jardins (o jardim botânico, por exemplo) arborização urbana, clima urbano e aspectos culturais. E uma terceira parte que trata sobre a gestão ambiental do município.

É um grande diagnóstico, é um livro. Até me esqueci de trazer hoje, peço desculpas, eu estou com minha cabeça bastante ocupada. Não sei se você conhece o Atlas Ambiental de Porto Alegre, eu posso te mostrar em um outro momento. A terceira parte da gestão busca justamente esse desenvolvimento sustentável do meio urbano e políticas, dados do município e também sobre a gestão ambiental do município.

Ele reúne, esse atlas ambiental de Porto Alegre, todas essas informações. É um livro grande, ilustrativo, com mapas com cartografia, fotos, reconstituição em 3D. É bem bonito. O objetivo é ter uma linguagem acessível para as pessoas poderem ler e entender. Reúne técnica, conhecimento e, também, uma divulgação científica.

Essa foi a grande inspiração para o Atlas Ambiental de Diadema. Partindo desse modelo, visando agregar isso à implantação do curso de ciências ambientais e o estudo da cidade, o diagnóstico da cidade, através do meio físico, caracterização do meio físico, geologia, geomorfologia, solos, clima, evolução urbana (desde os seus primórdios até os dias de hoje), com seus diferentes aspectos. E a parte depois de gestão de políticas públicas do município, a evolução dessa gestão, visando um diagnóstico desse levantamento todo que se pretende fazer e uma perspectiva futura, para onde Diadema caminha.

Essa é a grande contribuição nossa, da universidade para a cidade. Junto com a prefeitura, eles também têm muitos dados do município e as secretarias, o que a gente percebeu nesse contato, elas não se conversam e às vezes uma não sabe do dado da outra. Esse projeto vai permitir esse fluxo de informações e dados dentro da própria prefeitura e trazer a conhecimento público. E também a ideia de interagir com a comunidade que talvez seja o segundo passo.

O projeto já iniciou esse ano, com esse levantamento geral de dados. As diferentes equipes, são 20 temáticas que nós possuímos no projeto... Deixa eu ver se acho as temáticas aqui para te mostrar. Dentro dessa equipe trabalham pessoas da Unifesp e também da prefeitura, então não é só nossa, por isso que é um trabalho integrado. A ideia é justamente é ter esse entrelaçamento entre esses objetivos para melhorar, digamos assim, esse levantamento de dados. Está aqui.

Nós temos 20 temáticas, começando pelo levantamento de áreas de risco geológico, aqui está fora da ordem dos grandes grupos. Arte, cultura e etmologia. Atmosfera e clima. Biodiversidade, direito ambienta, educação ambiental, evolução urbana e paisagem, fauna, flo-

ra, fontes poluidoras, gestão e políticas públicas, geologia, geomorfologia, geoprocessamento, identidade visual, recursos hídricos, resíduos, saneamento, saúde e meio ambiente, solos.

Esse atlas visa, dentro dessas temáticas que depois podem se agrupar em grandes eixos temáticos como meio ambiente, meio urbano, evolução do meio urbano e a parte de gestão de políticas públicas. Agora ficou dividido nessas temáticas que é para esses grupos poderem fazer esse levantamento desses dados e depois isso vai ser juntado dentro do meio físico, geologia, fauna/flora e tudo o que acompanha esse processo do meio físico. O que tem debaixo da cidade? Que rochas têm aqui? Quais são os tipos de solo? A gente não enxerga porque a cidade tapa. A ideia é mostrar isso, o que sustenta Diadema, em que base geológica, geomorfológica o município está assentado e o que restou das partes naturais que são visíveis, como as áreas vegetadas, algumas áreas de parque. Vai ter não só elementos nativos, vai ter elementos introduzidos, vegetação que se usou muito para reflorestamento, como pinus, eucaliptos, e outras espécies exóticas que compõe a nossa paisagem natural. Isso tudo vai ser caracterizado.

[0:13:45] **PESQUISADOR**: Esse interesse e essa parceria com a prefeitura já estava previsto desde o início ou isso apareceu durante o andamento do projeto?

[0:13:55] **ANA BITTENCOURT**: Isso apareceu desde o início. Como o projeto foi baseado no modelo do atlas ambiental de Porto Alegre, que foi um projeto desenvolvido entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a prefeitura municipal de Porto Alegre, visando esse conjunto amplo de dados. Tem uma parte acadêmica, científica, e tem a parte da prefeitura, também, que tem muitos dados aqui. A ideia é juntar, reunir tudo isso em um grande livro.

Diferentemente do sul, que a universidade ao longo de trinta anos vinha estudado rochas, solos, então eles já tinham um banco de dados bem completo, digamos assim, então acredito que tenha sido um pouco mais fácil de fazer esse trabalho, que foi uma grande reunião de dados. Nós não temos trabalhos de geologia, geomorfologia, então vai ser uma contribuição direta nossa.

Tem um grupo de geociências, estudar solos, por exemplo, urbanos, solos antropizados, que ninguém estuda isso ainda, não é um estudo muito realizado no Brasil. São expertises que nós temos aqui que atuam nessas áreas e em outros locais e porque não concentrar esses estudos aqui na cidade, uma forma de contribuir. E trazer essa informação para a comunidade local, esse é o grande papel da universidade. Não é que a pesquisa fique fechada nos laboratórios e nos papers de circulação estritamente científica, a ideia é reunir esse estado do conhecimento.

Até porque com esse tempo curto de existência que nós temos em Diadema, são 12 anos que existe o campus da Unifesp, agora que nós estamos expandindo determinados estudos. Recentemente foram feitos projetos de extensão na cidade e foram feitos estudos, por exemplo, aqui na Billings, tem vários professores que estudam. A professora [nome omitido], por exemplo estuda a Billings, tem trabalhos de mestrado realizados. Tem outros professores que vem trabalhando com a questão de resíduos aqui em Diadema. Eu também tenho alunos e alunas que vêm trabalhando com mapeamento, evolução da paisagem e a questão dos resíduos.

Esse estudo não sai do zero. Tem os professores das ciências atmosféricas, que também têm uma série de dados da cidade, fruto das pesquisas que eles vêm realizando. Nós temos um potencial de estudos já realizados que vai servir de base para o atlas. Não é um estudo que vai

sair do zero. A prefeitura também tem muitos dados que talvez nem eles saibam todos que têm, então é uma reunião desses dados para fazer esse diagnostico ambiental da cidade.

[0:17:33] **PESQUISADOR**: E além da prefeitura e da Unifesp tem mais alguém envolvido nisso?

[0:17:37] **ANA BITTENCOURT**: Tem o IBGE, que é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que nós entramos em contato para ser parceiro desse projeto. Nós na realidade temos que aprender com o IBGE, que é o grande órgão responsável pelo levantamento de dados no Brasil inteiro, nas mais diferentes categorias, desde dados geográficos, geológicos, até dados populacionais, censos, os mais variados censos. É o órgão que está acostumado a trabalhar com essa grande gama de dados, banco de dados.

Nosso grande problema no projeto é essa organização de um grande banco de dados. Nós estamos trabalhando de forma bem limitada, caseira, planilhas excel e softwares que já trazem consigo essa construção de banco de dados. Mas nós não temos uma base de dados do projeto e a gente pretende criar esse banco de dados e lançar todas essas informações para que os próprios integrantes do projeto possam ter acesso, alimentar esse banco de dados, armazenar dados e também pegar dados. Depois, no futuro, a gente ter uma base de dados pública que as pessoas possam consultar esses dados e ter acesso a esses dados. E ter uma continuidade de alimentação desses dados, esse é o objetivo maior do projeto, não é só fazer o livro. O livro vai ter uma impressão simbólica, mas a ideia é ter o Atlas Ambiental virtual, uma base que possa ficar sendo alimentada e de fácil acesso a todos.

[0:19:45] **PESQUISADOR**: A prefeitura tem colaborado como com o projeto?

[0:19:48] **ANA BITTENCOURT**: Inicialmente ela tem colaborado com a parte humana, de recursos humanos, assim como nós na Unifesp. Nós estamos entrando, começamos o projeto com recursos humanos. Nós não temos verbas, dinheiro ainda para o projeto. Esse é um grande desafio porque o projeto tem um custo de campo, de manter as equipes nos seus trabalhos. Tem o custo de análise, vai ter custo da própria impressão do atlas, mas no momento nós não temos esse recurso. Nós já submetemos a um edital recentemente, vamos torcer para que a gente possa ganhar porque vai sustentar essa parte de levantamento de dados de campo e de pesquisa, de resultado de análise, mas recurso não temos.

A prefeitura está nos dando todo o suporte técnico também, muitos técnicos engajados nas equipes, estão nos apoiando no que eles podem nos fornecer de dados e apoio e a colaboração técnica com a Unifesp, nós estamos formalizando ela ao longo desse ano, que é um processo mais lento. Então é esse apoio. Nós vamos realizar o objetivo de acompanhamento do projeto; no final de cada ano fazer um workshop do projeto, onde as pessoas vão apresentar o resultado dos levantamentos, o andamento das temáticas. A prefeitura está nos apoiando, com coffee-brake do workshop e impressão de pôsteres. Esse apoio a gente tem, mas é um recurso limitado para a prefeitura também.

[interrupção externa]

[0:22:15] **PESQUISADOR**: A prefeitura lançou o projeto "Diadema, cidade inteligente" recentemente, eu não sei exatamente como isso está. O Atlas Ambiental se relaciona de alguma forma com esse projeto?

[0:22:36] **ANA BITTENCOURT**: Sim, ele vai justamente se relacionar com essa plataforma de base de dados. Esse levantamento todo que será realizado, a ideia é que ele possa servir para implementar novas tecnologias e novas possibilidades para a cidade de Diadema. Ele vai alimentar essa base de dados para a cidade inteligente. É um grande diagnóstico. A ideia é que isso não se encerre no projeto, que ele tenha continuidade.

[0:23:19] **PESQUISADOR**: Você ia me mostrar alguma coisa?

[0:23:22] **ANA BITTENCOURT**: Eu vou mostrar o projeto. Esse é o projeto original, ele já foi submetido e está sendo cadastrado na extensão, porque ele é um projeto de pesquisa e extensão, basicamente, que vai envolver a comunidade. Então tem a natureza do projeto, a relação da Unifesp com o município, ela se dá na implementação do campus com os cursos iniciais e, ao longo desse período foram implantados novos cursos, entre eles o de ciências ambientais, o curso de licenciatura em ciências, entre outros. A Unifesp vem se consolidando nos seus cursos e agora ela parte para a extensão, que até agora é uma atividade ainda muito incipiente no nosso campus, por vários fatores. Nós antes precisávamos ter o foco na construção da graduação e programas de pós-graduação e, em seguida, implementados, então foram muitos anos de dedicação para implementação de cursos aqui. Essa fase está começando a se consolidar e permite que a gente passe a olhar para a cidade e implementar a extensão que a gente precisa. Por isso o projeto cai nesse viés.

A metodologia norteadora do projeto é o SIG, que é o Sistema de Informação Geográfica, que vai trabalhar essa base de dados cartográficos. Deixa eu ver se eu tenho aqui, que é mais fácil de apresentar a que eu mostrei na congregação. Isso foi apresentado na congregação para fins de aprovação da minuta do termo de colaboração técnica com a prefeitura.

O projeto está no departamento de ciências ambientais, embora tenha vários outros, acho que todos os departamentos participam desse projeto enquanto os professores que estão participando nem todos são do departamento de ciências ambientais, grande parte sim, mas tem gente da ecologia, tem gente da engenharia química, tem gente da farmácia, biologia, que estão participando do projeto. Ele é um projeto multidisciplinar, que envolve muitos docentes e departamentos, técnicos, alunos de graduação, de iniciação científica e pós.

A finalidade do projeto é expressar o papel social da universidade pública para a comunidade que a acolhe, no caso, Diadema; conjulgar o espírito científico e o poder público na busca de resultados significativos para a sociedade, no caso é entender toda essa questão ambiental e evolução da cidade e as condições que as pessoas vivem aqui, como essas condições podem ser melhoradas. Disponibilizar o acesso às informações que permitam mapear as características do meio ambiente natural, urbano e social de Diadema; possibilitar expressar resultados de ações conjuntas entre a municipalidade e a comunidade científica, tecnológica e demais profissionais engajados no projeto.

A inspiração foi o Atlas Ambiental de Porto Alegre e, também, nós temos o atlas Ambiental de São Paulo, Diadema fica bem aqui nesse limite, então seria até uma complementação de dados existentes, embora o Atlas ambiental de São Paulo não seja tão completo quanto o de Porto Alegre.

Diadema serve de inspiração para a região metropolitana porque será a primeira cidade

do ABC que vai apresentar um Atlas Ambiental. Isso pode ser pioneiro e motivador para a região do ABC, com o alicerce e apoio da Unifesp.

O objetivo do projeto é reunir o estado da arte do conhecimento que explica a dinâmica do sistema natural, construído, humano, social e político do município. Utiliza a metodologia do SIG, norteadora, que é o Sistema de Informação Geográfica, através de softwares computacionais, como o ARCGis, o Idrise e o Qgis, que manipulam dados geográficos, cartográficos..... e outras informações associadas. Esse sistema acompanha o gerenciamento do banco de dados, através disso permite o armazenamento, análise, manipulação e edição de dados geográficos associados a metodologias de representação e identidade visual.

A gente vai ter, então, coleta de dados pré-existentes que é esse banco de informações de dados da prefeitura e também de outros órgãos que já têm dados, o IBGE, por exemplo, tem dados de todo o Brasil, a gente pode ter dados da cidade consultando as informações do IBGE. Além de dados bibliográficos e também dados de campo, que serão coletados.

A execução desse projeto é prevista por essa equipe multidisciplinar entre os integrantes da Unifesp - docentes, alunos e técnicos – e funcionários e técnicos da prefeitura, realizar um trabalho em conjunto.

Objetivamos organizar um livro impresso, que vai ser o atlas em si, e também meio digital onde ele vai ficar disponível para o público com maior abrangências. Tendo essas temáticas que envolvem o sistema natural e construído. Essa obra pretende reunir o conhecimento da arte e o papel da universidade pública, acesso a informações de qualidade, oficial e transparente, promovendo tomadas de decisões para a gestão pública.

Aqui tem uma justificativa, o processo de consolidação da Unifesp associado ao plano Diretor da cidade, de Infraestrutura [na realidade a docente fazia menção ao Plano Diretor de Infraestrutura do Campus, o PDInfra, conforme apontou na tela do computador] que foi aprovado em 2014 e também com a mudança da implementação física do campus universitário da região do Morungaba para a região central. Isso vai ajudar esse plano diretor, nós vamos contribuir com esse plano diretor que eles têm que atualizar o município também.

O reconhecimento da universidade na cidade vem sendo ampliado na medida em que, como eu expliquei, agora a universidade está tentando olhar para o seu entorno como objeto de análise que é a cidade. Para contribuir com reflexões e encontrar soluções para problemas ambientais e da sociedade. Diadema pode ser considerado um minilaboratório dessas coisas.

Esse projeto possibilita a colaboração entre a Unifesp e a prefeitura que visa reunir essas informações com banco de dados integrados do município e, também, contribuindo para a sociedade de Diadema. Envolve a sociedade local, sobre as questões do município como uma importante via de promover a cidadania local. Quero dizer, será que as pessoas conhecem todo esse sistema? Provavelmente não. Então a nossa ideia é levar isso para as comunidades. Reforçando o papel da universidade de realizar essa produção e disseminação do conhecimento através do ensino, da pesquisa e da extensão.

A proposta nesse grandes temas: meio físico, vai abranger geologia, solos, recursos hídricos, fauna e flora, biodiversidade e atmosfera; meio urbano, evolução do meio urbano a partir de uma série histórica (nós temos fotografias desde 1945 até 2015, que é fantástico por-

que em 1945 não tinha a represa Billings, tinha uma área rural predominante e ao longo desse tempo você tem uma grande transformação aqui com várias coisas, então a gente pretende contar essa história evolutiva e, dentro dessa história, associado a essa questão do clima urbano, qualidade do ar, talvez nós não tenhamos medidas históricas, ou se tem vai ser da região, talvez, mas a partir de um determinado momento se começa a ter dados da cidade desses estudos das ciências atmosféricas que a gente pode colocar), solos urbanos, áreas de risco, resíduos, fontes poluidoras, saneamento e tratamento, saúde e meio ambiente; Um terceiro eixo vai tratar sobre educação, arte e cultura e etnologia focando, basicamente, na questão da educação ambiental e todos os processos culturais da cidade e, com isso, uma relação com a evolução do meio urbano. As levas de migrantes que recebeu a cidade com o início da industrialização, a montagem do parque industrial até os dias atuais; e o quarto eixo seria o da gestão e políticas públicas, com prognósticos atuais e perspectivas futuras e direito ambiental.

Fazendo o link com o que você colocou sobre o fluxo do desenvolvimento sustentável, nós temos uma rede que fala de ciência, tecnologia e inovação, desenvolvimento socioeconômico, cidades inteligentes e sustentável e educação. O atlas vai servir de elemento para se trabalhar nesses demais eixos. Vinculando o atlas com as cidades inteligentes, é um programa que existe dentro das Nações Unidas, que lança comunidade virtual para construção das cidades inteligentes. O que constitui cidades inteligentes? São sistemas de pessoas interagindo, usando energia, materiais, serviços e financiamento para capitalizar o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida. De outra forma, cidades inteligentes correspondem ao uso de tecnologias de informação e comunicação para promover uma melhoria da qualidade de vida dos seus cidadãos, a um custo acessível, otimizando o uso dos recursos do planeta. O Atlas vai ajudar a implantar isso na cidade, vai ser a primeira grande base de dados para isso.

Fazendo um link, as cidades inteligentes... Isso aqui é um modelo sobre o que são as cidades inteligentes, é integrar esses conhecimentos, inovação, tecnologia, participação, sustentabilidade, redes, conhecimento nesses diferentes aspectos, envolvendo saúde, educação, mobilidade urbana, energia, meio ambiente (água, resíduos, ar), segurança, iluminação pública, transparência e governança, planejamento urbano, centro de controle integrado. Esses são os conceitos que integram cidades inteligentes e fazendo um link com o nosso atlas, ele cola nessa perspectiva, porque nós vamos trabalhar com tecnologia, informação, banco de dados, conhecimento, redes, parcerias, nessas temáticas do atlas ambiental, educação geomorfologia, solos, recursos hídricos, atmosfera, fauna e flora, resíduos, fontes poluidoras e áreas de risco, gestão, políticas públicas, evolução urbana paisagem, geoprocessamento, saúde e meio ambiente.

Isso engloba grandes núcleos de perspectiva para a biodiversidade, perspectiva para meio urbano, perspectiva de prefeitura em relação à gestão do município, perspectiva cidadã, perspectiva imagética e perspectiva do meio físico, por exemplo.

Aqui são os integrantes do projeto, professores, membros da prefeitura de Diadema (tem bem mais membros, não tem todos os nomes aqui), alunos (nós temos cerca de 79 alunos de graduação participando do projeto, 10 de pós graduação e 5 externos colaboradores). Aqui seria o cronograma. Três anos para finalização do livro e dois anos a mais para essa implementação virtual do atlas. Nós estamos nesse primeiro ano, que corresponde ao levantamento de dados, elaboração desse banco de dados, que já está terminando o ano e nós não conseguimos, ainda,

por questões financeiras; base de dados cartográficos nós já temos. Nós vamos ter o primeiro workshop, que é esse do dia 9. Para o ano que vem continua essa elaboração do banco de dados, evolução da base de campo, workshop de acompanhamento em todos os anos, elaboração do atlas no final para o terceiro ano, restando os dois últimos anos para, basicamente, evolução dessa base de dados, informações e implementação virtual do atlas. Esse é o grande resumo do projeto.

[0:40:25] **PESQUISADOR** – Está ótimo, Ana! Isso responde todas as minhas questões. Foi excelente a nossa conversa. Eu não tenho nenhuma dúvida, foi bem completo.

[0:40:39] **ANA BITTENCOURT** – E ai, assim, fica o convite, se você quiser participar, ser integrante do projeto, seria muito bem vindo, também, principalmente nessa parte de evolução urbana e paisagem. Nós até comentamos isso no grupo hoje de manhã. Se você quiser integrar será bem-vindo, porque vai ter uma abordagem de arquitetura, também. Já que você está estudando isso, seria muito bem-vindo.

[0:41:09] **PESQUISADOR** – Eu tenho muito interesse e, com a sua apresentação, mais ainda. Eu preciso terminar o mestrado. Em março eu entrego o mestrado e ai eu começo a pensar em outras coisas, mas até lá eu vou manter o interesse, a gente mantém o contato, de qualquer forma, e depois de março eu vejo o que eu faço, mas até março o objetivo é esse, o mestrado.

[0:41:35] **ANA BITTENCOURT** – E até nós colocamos, eu preciso mandar aqui, esse foi o resultado da...

[0:41:41] **PESQUISADOR** – Eu vou só encerrar a gravação...

APÊNDICE K - Reprodução de entrevista com a professora doutora Georgia Labuto por e-mail.

[21/06/2018] Prof. Dra. Geórgia Labuto

Bom dia Alex, segue documento assinado.

Atenciosamente,

Geórgia.

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

1. Desenvolvimento e aplicações de materiais adsorventes para o tratamento de águas e efluentes; 2. processos oxidativos avançados para o tratamento de águas e efluentes; 3. diagnóstico, monitoramento e remediação ambiental com foco qualidade da água;

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Sim, há um contrato de confidencialidade assinado.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

No momento é uma prospecção inicial e não pode ser detalhada devido a contrato de confidencialidade.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

CETESB para levantamento de informações e prospecção de contaminantes emergentes no meio aquoso que devam ser monitorados

APÊNDICE L- Reprodução de entrevista com a professora doutora Eliane Souza Cruz por e-mail.

[02/07/2018: Prof. Dra. Eliane Souza Cruz

Olá Alex,

Seguem as minhas respostas e o TCLE. Boa pesquisa e trabalho para si.

Sigo à disposição

Saudações

Respostas para o estudo do Alex

Programa de extensão ARTICUL@ÇÕES - Pesquisa e Práticas na Educação Básica e Ensino Superior, dando voz a todos os envolvidos (docentes e discentes da UNIFESP e os vários parceiros externos).

Este programa de pesquisa e extensão (guarda-chuva) possui quatro projetos, a saber: (i) articul@ eventos; (ii) articul@ escolas; (iii) articul@ formação e (iv) articul@ cursinhos populares. O seu fio condutor evidencia-se quer na clareza de diretrizes (articulação do conhecimento acadêmico e conhecimento prático dos mais experientes), quer na interprofissionalidade (aproximação dos agentes da educação básica e ensino superior) voltado para um objetivo comum (aproximação da Universidade-Escola-Comunidade-Poder público educacional local).

Surge das atividades que temos vindo a fazer desde 2014 na UNIFESP-Diadema e que possibilitou a articulação com as seguintes instituições/entidades: (i) Escolas públicas do ensino infantil, fundamental e médio; (ii) Escola Técnica e Profissional- Senai Manuel Garcia Filho; (iii) Entidades representativas de classes e dos movimentos sociais (Sindicato dos Professores do ensino oficial do estado de São Paulo/APEOESP-Diadema, Associação de Docentes da UNIFESP/ADUNIFESP, Emancipa, Rede Juventude Diadema Ativa, Espaço Cultural Coletivo 217, Associação de moradores Oeste, Associação de Moradores 18 de agosto e Sindicato dos Metalúrgicos, entre outros) e (iv) Secretaria Municipal de Educação de Diadema (Programa Escola Social, Escola de pais).

Esclarece-se que o vínculo da pesquisa com o programa se mostra em vertentes: (i) metodologia de formação de professores e dos futuros-professores (alunos da UNIFESP); (ii) iniciação científica dos alunos do ensino médio das escolas parceiras e (iii) projetos de extensão que são objetos de pesquisa no âmbito do grupo de pesquisa do ARTICUL@ÇÕES.

O objetivo geral do programa é promover a aproximação/interação entre universidades, escolas e sociedade (comunidade local, movimentos sociais, etc.) e poder público educacional (secretarias municipais, diretorias de ensino, conselhos, fóruns, etc.).

Os objetivos específicos de cada projeto de extensão são:

- articul@ eventos - promover eventos colaborativos que valorizem e potenciem o contributo interinstitucional (universidade, escolas, gestão pública e entidades sociais) para a melhoria da Educação.

- articul@ escolas - fornecer um curso voltado à formação de uma Rede de Professores-Pesquisadores na Educação Básica em temas pré-definidos e outros definidos à posteriori de acordo com a demanda específica das escolas;

- articul@ formação - desenvolver competências científicas e investigativas nos professores e gestores das instituições parceiras;

- articul@ cursinhos - apoiar as diversas iniciativas de cursinhos populares do município de Diadema para que partilhem saberes e recursos (humanos, financeiros e materiais).

Relativamente à pesquisa, apresentam-se a seguir os objetivos de pesquisa baseados na hipótese levantada para cada um dos 4 projetos, a saber:

articul@ eventos - pretende compreender os mecanismos de articulação (por exemplo, os eventos com pautas comuns que contribuem para a sustentabilidade da rede) de forma a romper com a nossa hipótese levantada de que alguns eventos são sectários;

articul@ escolas - pretende descrever a partilha de saberes, interação professor da universidade e professor da escola de forma a fomentar a formação de rede de professores-pesquisadores nas escolas. A nossa hipótese é de a regulamentação e creditação das atividades de pesquisa e de supervisão para a progressão na carreira potenciarão a aproximação da universidade-escola e a construção de conhecimento nas escolas em colaboração com os pesquisadores;

articul@ formação visa diagnosticar as necessidades de formação das escolas e contrapartidas necessárias para a articulação. Uma das nossas hipóteses é a de que os professores dos cursos de licenciatura (orientadores de estágio da universidade) são importantes agentes articuladores da Universidade e Escola e devem participar, por exemplo, como formadores nas aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPC de formação) como contrapartida da supervisão da escola aos estagiários-licenciandos da universidade;

articul@ cursinhos populares (descrever o cenário dos cursinhos populares- tendências, constrangimentos, avanços...). A nossa hipótese inicial é a de que os cursinhos populares ligados aos movimentos sociais apresentam a identidade do movimento social e não das questões pedagógicas inerentes à educação popular.

Projeto	Objetivo	Hipótese
articul@ eventos	compreender os mecanismos de articulação (por exemplo, os eventos com pautas comuns que contribuem para a sustentabilidade da rede)	alguns eventos sectários impedem a articulação

articul@ escolas	descrever a partilha de saberes, interação professor da universidade e professor da escola de forma a fomentar a formação de rede de professores-pesquisadores nas escolas	a regulamentação e creditação das atividades de pesquisa e de supervisão para a progressão na carreira potenciarão a aproximação da universidade-escola e a construção de conhecimento nas escolas em colaboração com os pesquisadores
articul@ formação	diagnosticar as necessidades de formação das escolas e contrapartidas necessárias para a articulação	os professores dos cursos de licenciatura (orientadores de estágio da universidade) são importantes agentes articuladores da Universidade e Escola e devem participar, por exemplo, como formadores nas aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPC de formação) como contrapartida da supervisão da escola aos estagiários-licenciandos da universidade
articul@ cursinhos populares	descrever o cenário dos cursinhos populares- tendências, constrangimentos, avanços...	os cursinhos populares ligados aos movimentos sociais apresentam a identidade do movimento social e não das questões pedagógicas inerentes à educação popular

Espera-se que este trabalho possa auxiliar os pesquisadores e práticos (professores e gestores) a refletirem sobre a importância de por um lado, romperem com as práticas existentes que setorizam as atividades educacionais (eventos, escolas, formação e cursinhos populares) não agregando a comunidade local e, por outro, motivar as comunidades (acadêmica, escolar e gestora-educacional) e a sociedade em geral a unirem-se na construção de pontes entre UNIVERSIDADE e ESCOLAS.

Como a Unifesp participa, como instituição deste trabalho?

Sim, ver acima

Há outros docentes do campus envolvidos?

Sim, registrado no SIEX [nome omitido], [nome omitido] e [nome omitido]. (saiu no final do ano passado porque submeteu outro projeto, mas continua parceira da Artiucl@ções). Como

colaboradores o [nome omitido] (ministrou aula no cursinho Integra)

Quais são os resultados ou impactos que você destacaria?

- articul@ eventos - promover eventos colaborativos que valorizem e potenciem o contributo interinstitucional (universidade, escolas, gestão pública e entidades sociais) para a melhoria da Educação.

- articul@ escolas - fornecer um curso voltado à formação de uma Rede de Professores-Pesquisadores na Educação Básica em temas pré-definidos e outros definidos à posteriori de acordo com a demanda específica das escolas;

- articul@ formação - desenvolver competências científicas e investigativas nos professores e gestores das instituições parceiras;

- articul@ cursinhos - apoiar as diversas iniciativas de cursinhos populares do município de Diadema para que partilhem saberes e recursos (humanos, financeiros e materiais).

Que escolas participam? São públicas ou privadas?

Públicas, privadas e o SENAI (natureza público e privada)

Há envolvimento da prefeitura de Diadema? Como ela participa?

Sim, ela é parceira do Programa através da Secretaria Municipal de Diadema e inclusive no ano passado o cursinho funcionou no centro público Thereza Lino e depois na escola municipal Trivinho

Há outros agentes envolvidos? Quais?

Agentes das seguintes entidades (i) Escolas públicas do ensino infantil, fundamental e médio; (ii) Escola Técnica e Profissional- Senai Manuel Garcia Filho; (iii) Entidades representativas de classes e dos movimentos sociais (Sindicato dos Professores do ensino oficial do estado de São Paulo/APEOESP-Diadema, Associação de Docentes da UNIFESP/ADUNIFESP, Emancipa, Rede Juventude Diadema Ativa, Espaço Cultural Coletivo 217, Associação de moradores Oeste, Associação de Moradores 18 de agosto e Sindicato dos Metalúrgicos, entre outros) e (iv) Secretaria Municipal de Educação de Diadema (Programa Escola Social, Escola de pais).

Pesquisa é projeto luso-brasileiro com docentes de Aveiro e do CEFET-RJ e da UNIFESP-SP

APÊNDICE M- Reprodução de entrevista com a professor doutor Décio Luis Semensatto Junior por email.

Olá, Alex!

Obrigado pela oportunidade! Contribuirei, com toda a certeza!

Seguem as minhas respostas e o termo de consentimento assinado:

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

O meu trabalho é sobre os impactos que as atividades humanas causam sobre serviços ecossistêmicos em bacias hidrográficas, sobretudo na qualidade da água, usando para isso a integração entre informações de bioindicadores, dados públicos e oficiais sobre monitoramento químico da qualidade da água e dados secundários de outras pesquisas acadêmicas e relatórios institucionais. Além disso, realizo pesquisas em sistemas estuarinos, nos quais analiso a distribuição de certos microrganismos marinhos (foraminíferos), que servem como bioindicadores do nível relativo do mar. Assim, procuro construir modelos de referência para que outros cientistas que lidam com mudanças do nível relativo do mar ao longo do tempo possam calibrar seus próprios modelos e inferir com maior precisão qual era o nível do mar em cada época e quais são as tendências para o futuro.

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Sim, no caso a Sabesp, mas ainda não firmamos parceria formal.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

Ainda não firmamos a parceria.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Meu contato mais avançado é com a Cetesb e o objetivo mútuo é desenvolver com maior profundidade as análises de dados sobre a qualidade da água que são gerados pela rede de monitoramento da companhia. A responsabilidade da companhia é dar acesso às informações que são coletadas pela sua rede e prestar apoio nas análises. A da universidade é o de desenvolver estudos que integrem os dados da Cetesb àqueles produzidos por diversos grupos de pesquisa, auxiliando em uma melhor visão estratégica e panorâmica da companhia sobre as políticas públicas que são desenvolvidas para a conservação ambiental no Estado de São Paulo. Além dessa iniciativa, nosso grupo está preparando um projeto temático a ser submetido à Fapesp, em conjunto com outros pesquisadores do campus, da Faculdade de Saúde Pública (USP) e com a

Cetesb. O objetivo é construir modelos integrados que prevejam cenários futuros de vulnerabilidade ambiental e de saúde pública (doenças hidroveiculadas) frente às mudanças climáticas em curso, na bacia hidrográfica da Represa Guarapiranga. Por fim, um recente acordo entre a Unifesp e o Ministério Público do Estado de São Paulo prevê atuação de pesquisadores e seus grupos de pesquisa em demandas judiciais, sendo que meu laboratório faz parte da lista entregue ao MP como disponível para análises ambientais.

Caso necessite de mais alguma informação, estou a disposição!

Bom trabalho e sucesso!

Décio

APÊNDICE N - Reprodução de entrevista com a professora doutora Ileana Rubio por email.

[22/10/2018] **Profa. Dra. Ileana Rubio:**

Oi Alex,

seguem a resposta e tremo, boa Sorte.

Abs

Ileana

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Meu foco de pesquisa é o estudo da biologia molecular e celular de doenças da tireoide como Hipotireodismo congênito e cancer.

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Não, e não tenho pacrecias com empresas

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Fiz parceria informal com a Secretaria da Saúde de Diadema para um trabalho específico na área, durante 4 anos. a qual acabou com a mudança do Secretário

APÊNDICE O - Reprodução de entrevista com a professora doutora Juliana Gardenalli de Freitas por email.

[26/10/2018] **Juliana Freitas:**

Oi Alex,

As respostas seguem abaixo. Se precisar mais alguma coisa me avise.

Boa sorte na pesquisa!

Juliana

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Transporte de poluentes e remediação de áreas contaminadas

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Sim, empresas de consultoria ambiental e indústria do ramo de combustíveis [nome omitido]. Foi feita uma parceria [nome omitido], já encerrada, e com uma empresa de consultoria. Estou tentando viabilizar outro projeto (estamos tentando fazer um termo de convênio), financiamento já aprovado pela Fapesp.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

[nome omitido] - Avaliar os efeitos do etanol em gasolina na contaminação de águas subterrânas, a partir da experiência brasileira. A empresa financiou bolsas para alunos e material de consumo, a universidade realizou a pesquisa e emitiu relatório.

Empresa de consultoria - Avaliar a possibilidade de remediação por oxidação química em uma área contaminada. A empresa bancou todos os custos, forneceu equipe de campo para a realização dos testes e dados de caracterização da área. Alunos realizaram o planejamento dos ensaios e análise de dados, além de acompanhar os trabalhos de campo.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Na pesquisa com a [nome omitido] foram utilizados os relatórios disponíveis na Cetesb, que possibilitou o acesso a mais de 600 relatórios

APÊNDICE O - Reprodução de entrevista com a professor doutor Igor Tadeu Lazzarotto Bresolin por email.

[03/11/2018]: **Igor Bresolin:**

[Seguem as respostas, Alex!

Desculpe, mais uma vez, pela demora! Em anexo está o termo assinado.

Para ajudar, talvez você pudesse enviar sua mensagem para as secretarias dos departamentos, pedindo que as meninas enviem aos docentes dos respectivos departamentos, reforçando a importância do seu trabalho na análise de dados.

Att., Igor

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Trabalho com duas principais linhas de pesquisa. A primeira, de caráter experimental, está focada na recuperação e purificação de biomoléculas de interesse, utilizando, principalmente, processos cromatográficos, mas também outras operações mais simples. A segunda, por sua vez, está focada na área de ensino, onde são estudadas novas ferramentas e/ou técnicas visando o desenvolvimento dos estudantes.

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

O maior interesse, obviamente, está na minha primeira linha de pesquisa. Sim, há/houve empresas interessadas, mas uma parceria nunca chegou a ser firmada. As empresas, principalmente as menores, desistem de firmar parcerias devido a grande burocracia advinda da Universidade, que, por sua vez, apenas segue o que é exigido pela legislação.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

Não houve parceria firmada.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Até o momento não houve o interesse de nenhum órgão nem repartição pública.

APÊNDICE P - Reprodução de entrevista com o Entrevistado 6.

[12/11/2018] - **Entrevistado 6:**

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Micologia Médica e Biotecnologia

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Sim

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

Da minha parte é o desenvolvimento de uma linhagem que atenda a necessidade da insdustria. A empresa tem financiado essa pesquisa

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Nenhum

APÊNDICE Q- Reprodução de entrevista com o Entrevistado 7 por email.

[13/11/2018] **- Entrevistado 7:**

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Linhas de Pesquisa: 1. Reatores Heterogêneos e Catálise; ênfase nas seguintes áreas: síntese de peneiras moleculares, caracterização de materiais e sua aplicação em catálise heterogênea, processos de adsorção. 2. Desenvolvimento de processos químicos. 3. Biodiesel e glicerolquímica.

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu

laboratório? Qual? Alguma parceria chegou a ser firmada?

(a) Sim, diversas. (b) [nome omitido]. (americana), setor sucro-alcooleiro; [nome omitido] – agroindustrial (síntese de peneiras moleculares com surfactantes de baixo custo e aplicações em catálise) – gerou 1 dissertação de mestrado; [nome omitido] – integração com a universidade: pesquisa de catalisadores industriais; [nome omitido] – aluno de mestrado em tema proposto pela empresa. (c) Sim. Parcerias informais, pois estabelecer convênios com a Unifesp

(universidade pública) é muito difícil.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode

detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

(a) integração universidade / empresa – troca de conhecimentos e benefícios;

(b) Fornecimento de insumos, liberação de funcionários para realização de mestrado ou interações de projeto;

(c) Orientação da pesquisa, delineamento do projeto, proposição de soluções para os problemas apresentados.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em

que sentido?

Não. Só houve fatos dificultadores.

APÊNDICE R - Reprodução de entrevista com o Entrevistado 8 por email.

[16/11/2018) Entrevistado 8:

Seguem as questões:

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

R: Pesquisas na área de contaminação de solos e águas por atividades industriais e outras fontes e seu tratamento com uso de materiais alternativos.

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

R: Sim, algumas empresas mostraram interesse. Fizemos algumas parcerias informais (sem convênio firmado oficialmente) e sem repasse de recursos.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

R: O objetivo foi trabalhar com estudos de casos reais de contaminação e possível remediação que poderiam ser aplicados em projetos desenvolvidos por alunos. A empresa se responsabilizou em fornecer os materiais e resíduos/efluentes necessários para o estudo, bem como os dados disponíveis sobre os mesmos. E nós nos responsabilizamos em estudar e divulgar os dados de forma anonima em publicações e relatórios.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

R: Houve interesse de órgãos públicos no sentido de melhorar a fiscalização ambiental.

APÊNDICE S - Reprodução de entrevista com a Prof. Dra. Daniela Rando por email

[20/06/2018] Pesquisador:

Bom dia, Professores!

Talvez seja mais fácil nós fazermos essa entrevista por e-mail. Se vocês concordarem, envio em anexo o termo de consentimento, onde há um campo em que vocês podem optar por ser identificados ou não na pesquisa e, a seguir, envio as questões do meu interesse. Se preferir, podemos marcar um dia para conversar pessoalmente.

1. Vocês organizaram um evento no campus recentemente, de divulgação científica. Podem explicar, em linhas gerais, do que se tratava o evento e qual área de pesquisa estava envolvida?

2. Havia empresas ou indústrias da região de Diadema envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

3. Havia empresas ou indústrias de outras partes do Brasil envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

4. Havia empresas ou indústrias estrangeiras envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

5. Havia participação e envolvimento de órgãos ou entidades da administração pública? Como eles participaram? (prefeitura, secretarias, governo do estado ou federal, etc.)

[19/11/2018] **Prof. Dra. Daniela Rando:**

Olá Alex, boa tarde!

Primeiramente, mil perdões! Esqueci completamente de lhe responder à sua solicitação.

Seguem as respostas às suas perguntas, ok? Espero que lhe ajude!

1. Vocês organizaram um evento no campus recentemente, de divulgação científica. Podem explicar, em linhas gerais, do que se tratava o evento e qual área de pesquisa estava envolvida?

O I Sci Farma foi um evento voltado para alunos (graduação e pós-graduação), técnicos e profissionais da área farmacêutica ou áreas correlatas que discutiu, em 4 sessões temáticas assuntos relacionados ao desenvolvimento de novos fármacos (princípios ativos) e de novos medicamentos bem como suas aplicações terapêuticas. Discutimos, ainda, tais aspectos sob a perspectivas de 3 grandes ramos terapêuticos, a saber, Câncer e seus desafio, Doenças inflamatórias e do envelhecimento e Doenças infecciosas e negligenciadas, esta última, que englobam doenças causadas por patógenos externos e que, em geral, afetam populações mais carentes.

Dentro da questão "áreas de pesquisa envolvidas" abordamos TODO o ciclo do fármaco ao medicamento, ou seja, todas as etapas desde a concepção de uma molécula ativa até sua elaboração em um medicamento (forma de administração do fármaco) até seus empregos terapêuticos e desafios.

2. Havia empresas ou indústrias da região de Diadema envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

Conseguimos apoio de empresas cosméticas e de produtos laboratoriais como patrocinadores, sendo, entre estas, apenas a [nome omitido] de meu conhecimento ser sediada em Diadema. Contamos com apoio de várias empresas (vide livro de resumos em anexo, para visualizar os patrocinadores). O interesse geral foi na divulgação da marca destas indústrias junto a um público ainda em formação - alunos de graduação e pós-graduação - potenciais consumidores de seus produtos quando futuramente inseridos no mercado de trabalho. A divulgação da marca, ainda, entre pesquisadores e docentes da área tb foi almejada, porém, mais pelas empresas envolvidas com fornecimento de materiais de laboratório.

Os patrocínios foram fornecidos em serviços e não tivemos nenhum patrocínio em dinheiro, ou seja, as empresas compraram serviços para o evento, como por exemplo coffee breaks, camisetas, etc.

3. Havia empresas ou indústrias de outras partes do Brasil envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

Não.

4. Havia empresas ou indústrias estrangeiras envolvidas? Quais? Se sim, qual a colaboração e o interesse geral delas?

Não.

5. Havia participação e envolvimento de órgãos ou entidades da administração pública? Como eles participaram? (prefeitura, secretarias, governo do estado ou federal, etc.)

Apenas a UNIFESP esteve envolvida neste simpósio, como entidade promotora do mesmo, por meio de seus docentes e discentes. Outras entidades federais ou estaduais não participaram do evento. No entanto, procuramos auxílio da prefeitura de Diadema para utilização do teatro Clara Nunes para o evento, porém, este não apresentou agenda disponível. A CIESP também foi bastante receptiva, porém, o serviço seria fornecido sob a forma de pagamento de aluguel para uso de seu espaço em Diadema de forma que, a Comissão Organizadora decidiu pelo não uso do mesmo.

Espero ter podido colaborar!

APÊNDICE T - Reprodução de entrevista com o Entrevistado 9

[07/11/2018] - **Entrevistado 9:**

Caros Alex,

Desculpe-me a demora em responder seu questionário, mas eu acabei esquecendo... Foram surgindo outras solicitações da UNIFESP que realmente fizeram eu esquecer da sua solicitação. Espero que ainda dê tempo.

O Termo de Consentimento vou deixar assinado no meu escaninho. Quando você precisar pode pegá-lo a partir da semana que vem.

Abraços,

Christiane Arruda

Seguem as questões:

1. Qual o foco da sua pesquisa na universidade?

Resp. Tenho duas linhas de pesquisa: a) Desenvolvimento de materiais fotocatalítico visando aplicação na área de tratamento de águas contaminadas e efluentes. b) Estudo de reatores foto-eletrocatalíticos para degradação de compostos orgânicos

2. Há empresas ou indústrias que já manifestaram interesse nas pesquisas do seu laboratório? Alguma parceria chegou a ser firmada?

Resp.: Sim, já tiveram indústrias interessadas na pesquisa do meu laboratório, mas nenhuma parceria foi firmada pois no momento não tínhamos infraestrutura adequada para respeitar e cumprir os prazos (cronograma) esperado pelas empresas.

3. Caso haja ou tenha havido parceria com empresas ou indústrias, você pode detalhar quais os objetivos da parceria? Qual a responsabilidade da empresa? E da universidade?

Resp.: Não se aplica.

4. Houve interesse ou envolvimento com algum órgão ou repartição pública? Em que sentido?

Resp.: Até o momento não tivemos nenhum envolvimento com órgão ou repartição pública, mas essa parceria também não foi estimulada até o momento devido aos motivos apresentados na questão 2 (Infraestrutura mínima para cumprimento dos compromissos assumidos)